



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

MESTRADO PROFISSIONAL

LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIA E DE
MATEMÁTICA

Os desafios do Ensino Médio Politécnico na visão de uma gestora e de alguns docentes: um estudo de caso

Mestranda: Cristina Scaglioni Peres

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Nascimento Silveira

Pelotas

2015

Cristina Scaglioni Peres

Os desafios do Ensino Médio Politécnico na visão de uma gestora e de alguns docentes: um estudo de caso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática. Linha de Pesquisa: Formação de Professores de Ciências e de Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora Prof.^a Dr.^a **Denise Nascimento Silveira**

Cristina Scaglioni Peres

P437d Peres, Cristina Scaglioni

Os desafios do Ensino Médio Politécnico na visão de uma gestora e de alguns docentes : um estudo de caso / Cristina Scaglioni Peres ; Denise Nascimento Silveira, orientadora. — Pelotas, 2016.

141 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Ensino médio politécnico. 2. Reestruturação curricular. 3. Trabalho docente. I. Silveira, Denise Nascimento, orient. II. Título.

CDD : 373

OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO NA VISÃO DE UMA GESTORA E DE ALGUNS DOCENTES: UM ESTUDO DE CASO

Projeto de Dissertação de Mestrado submetido à banca examinadora, constituída por:

Orientadora Prof.^a Dr.^a Denise Nascimento Silveira – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – RS

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Cossio – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – RS

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Duarte Martins – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – RS

Prof. Dr. Verno Krüger – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – RS

Lista de Siglas

ATD – Análise Textual Discursiva

Cefet-PR – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

Ciena – Ciranda Estudantil Nativista

Coesc – Cooperativa dos Estudantes de Canguçu

CPA – Construção Parcial da Aprendizagem

CRA – Construção Restrita da Aprendizagem

CRE – Coordenadoria Estadual de Educação

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

CSA – Construção Satisfatória da Aprendizagem

DTG – Departamento de Tradições Gaúchas

E.E.E.M – Escola Estadual de Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMP – Ensino Médio Politécnico

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

ETEC – Escola Técnica Estadual de Canguçu

ETFPel – Escola Técnica Federal de Pelotas

Festicap – Festival da Cultura Alemã e Pomerana

Furg – Fundação Universidade do Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IES – Instituições de Ensino Superior

IFSul – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense

Jergs – Jogos Escolares do Rio Grande do Sul

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Mec – Ministério da Educação e Cultura

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNEM – Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio

PPDA – Plano Pedagógico Didático de Apoio

PPGECM – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática

Proemi – Programa Ensino Médio Inovador

PucRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Seduc – Secretaria Estadual de Educação

SI – Seminário Integrado

SME – Secretária Municipal de Educação

TEM – Torneio Esportivo da Meskó

UCPel – Universidade Católica de Pelotas

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mestranda com seus pais e suas filhas

Figura 2 – Mestranda com suas filhas

Figura 3 – Mestranda com seus pais

Figura 4 – Acesso à escola

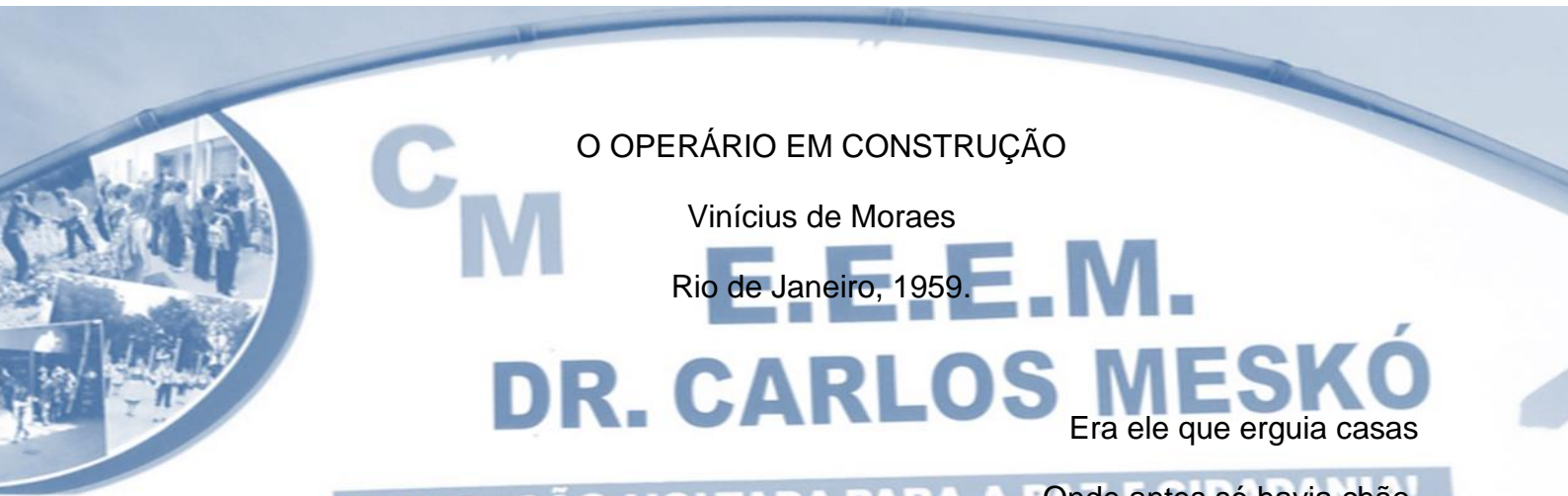
Figura 5 – Fachada principal

Figura 6 – Grupo de danças típicas alemãs

Figura 7 – DTG Herdeiros da Tradição

Figura 8 – Alunos em participação dos Jergs

Figura 9 – Fachada da escola com vista da estrada principal



O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Vinícius de Moraes

Rio de Janeiro, 1959.

C M E.E.E.M. DR. CARLOS MESKÓ

Era ele que erguia casas

EDUCAÇÃO VOLTADA PARA A FÉ E CIDADANIA!

Onde antes só havia chão.

Como um pássaro sem asas

Ele subia com as casas

Que lhe brotavam da mão.

Mas tudo desconhecia

De sua grande missão:

Não sabia, por exemplo,

Que a casa de um homem

é um templo.

Um templo sem religião

Como tampouco sabia

Que a casa que ele fazia

Sendo a sua liberdade

Era a sua escravidão.

De fato como podia

Um operário em construção

Compreender por que um tijolo

Valia mais do que um pão?

RESUMO

Este relatório de pesquisa tem como foco o Ensino Médio Politécnico, implantado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2012. A pesquisa proposta buscou compreender de que forma as políticas públicas, sob enfoque de politecnia, reestruturaram o Ensino Médio em nosso Estado, bem como as transformações geradas na dinâmica escolar e no trabalho docente a partir dele. A investigação se desenvolveu com princípios de um estudo de caso com abordagem qualitativa, tendo como *lócus* uma escola da Rede Estadual de Ensino na zona rural do município de Canguçu-RS. Os sujeitos da pesquisa são alguns professores dessa escola, que através de narrativas, expuseram seus pensamentos e posições sobre EMP. E, para a análise das narrativas me apoiei na metodologia da Análise Textual Discursiva. Na sequência do texto, discorri sobre aspectos concernentes a Gestão Escolar e as Políticas Públicas, apoiada na legislação vigente, como uma forma de compreender a *Proposta Pedagógica de Reestruturação Curricular para o Ensino Médio Politécnico*. Como no período da realização da pesquisa exerci a função de diretora da escola *lócus* o texto está impregnado com minha visão de gestora, de mestrande e de pesquisadora iniciante. As categorias que emergiram a partir da ATD, apontam aspectos relevantes e outros preocupantes, que se mostraram durante a implantação dessa reestruturação curricular.

Palavras-chave: Ensino Médio Politécnico; Reestruturação Curricular; Trabalho Docente.

ABSTRACT

This research report focuses on the high school Polytechnic, deployed by the State Government of Rio Grande do Sul, in the year 2012. The research proposal sought to understand how public policy, under Polytechnic approach, have restructured high school in our State, as well as the transformations generated in dynamics and in teaching work from it. The research developed with principles of a case study with a qualitative approach, taking as a locus of the State schools in rural municipality of Canguçu-RS. The subjects of the research are some teachers at this school, which through narratives, exposed his thoughts and positions on EMP. And, to the analysis of the narratives leaned on Discursive Textual analysis methodology. Following the text, discorri on aspects concerning school management and public policy, based on legislation in force, as a way of understanding the Educational Curricular restructuring Proposal to the Polytechnic high school. As in the period of conducting of the survey have exercised the function of Director of the school the text this locus impregnated with my vision, Manager of master and novice researcher. The categories that emerged from the ATD, point relevant aspects and other worrisome, which showed during deployment that curricular restructuring.

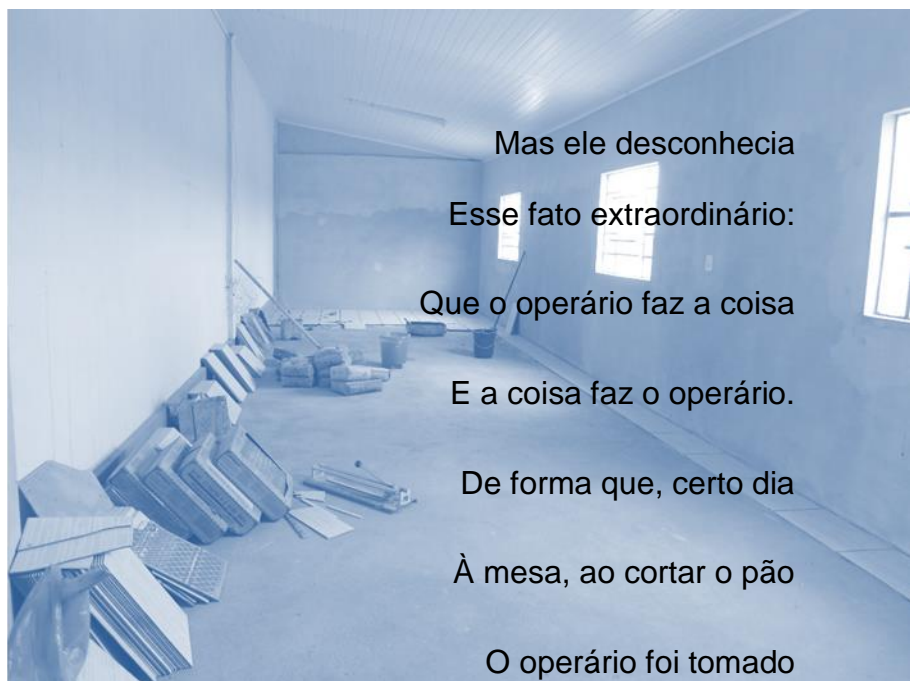
Keywords: Polytechnical high school; Curricular Restructuring; Teaching Work.



Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja,
à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse,
eventualmente
Um operário em construção.

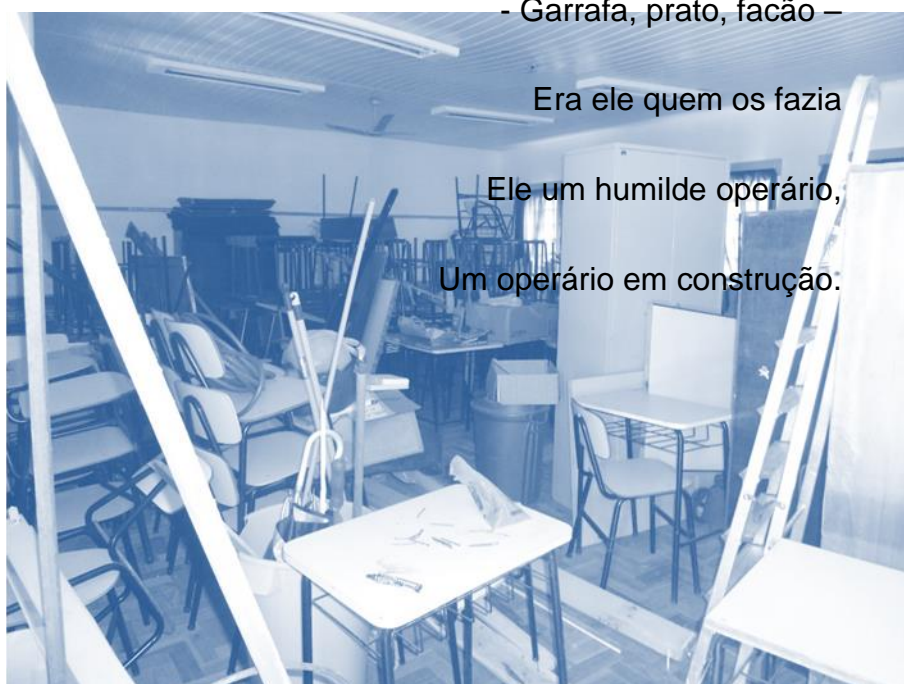
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 MEMORIAL.....	19
1.2 O LOCUS DA PESQUISA.....	35
1.3 JUSTIFICATIVA.....	44
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	47
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	52
3.1 Gestão escolar	52
3.1.1 As concepções de gestão da educação e da escola a partir da Constituição Federal de 1988	52
3.1.2 O conceito de gestão democrática	54
3.1.3 O papel do gestor na gestão democrática	58
3.2 Políticas públicas.....	66
3.2.1 Políticas públicas educacionais efetivadas na escola <i>locus</i>	70
4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO (2011-2014)	78
4.1 A gestão escolar da E.E.E.M.Dr. Carlos Meskó frente ao Ensino Médio Politécnico	86
4.1.1 Passos de uma trajetória	86
4.2 As adaptações curriculares	90
4.2.1 Apresentação das matrizes curriculares	90
4.2.2. A disciplina de Seminário Integrado e a organização escolar..	93
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
7 REFERÊNCIAS.....	138
APÊNDICES	143
ANEXOS.....	193



Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado

De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão –



Era ele quem os fazia
Ele um humilde operário,
Um operário em construção.

1 INTRODUÇÃO

Contextualizando o projeto de dissertação

A sociedade vive momentos de vertiginosas transformações e cada vez mais as exigências às escolas, nas pessoas dos gestores e professores, se fazem sentir.

Levantam-se ideias e ouvem-se discursos na sociedade em que estamos inseridos, (em sua maioria, baseados no senso comum¹), os quais tomam força como verdadeiros ao serem (re)produzidos pela mídia², de que a escola está ultrapassada e não dá conta de atender às demandas necessárias à sociedade capitalista (Severino, 2007) em que se vive. Pois não agrada nem mesmo aos estudantes, que não se sentindo atraídos por sua dinâmica, nem motivados pelas aulas ministradas por seus professores, reprovam com frequência, quando não abandonam os estudos, gerando índices alarmantes de reprovação e evasão, sobretudo no Ensino Médio. As ideias refletem como se essa problemática fosse simples de entender e resolver.

Neste sentido, os governantes têm assumido a postura de que é preciso transformar ou reestruturar a educação básica. O que pode ser observado, por exemplo, através dos programas instituídos pelo Governo Federal, como o Programa Mais Educação para o Ensino Fundamental e, para o Ensino Médio o Programa Ensino Médio Inovador, entre outros.

No Estado do Rio Grande do Sul, para o Ensino Médio, essas transformações se prenunciaram com a iniciativa do governo Ieda Crusius (2007-2010) ao implantar o Programa Lições do Rio Grande, ficando assinaladas profundamente pelo governo Tarso Genro (2011-2014) com sua *Proposta Pedagógica de Reestruturação Curricular para o Ensino Médio Politécnico (EMP)*. Portanto, políticas públicas educacionais de governos e não políticas públicas de estado, uma vez que a cada troca de governo troca-se a política implantada pelos dirigentes anteriores.

Neste clima de insegurança – a qual é gerada nos profissionais da educação, que são os responsáveis por contribuir para que as políticas públicas

¹ Senso comum: [...] Em acepção mais típica do pensamento moderno, o senso comum é um conjunto de opiniões e valores característicos daquilo que é correntemente aceito em um meio social determinado. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 250).

² Ex. A educação precisa de respostas, propaganda do Grupo RBS em parceria com a Fundação Mauricio Sirotsky Sobrinho, lançada em agosto de 2012. (www.clicrbs.com.br).

realmente possam ocorrer no chão da escola³ –, convido os leitores a se reportarem ao primeiro parágrafo, quando comentei sobre o discurso, baseado no senso comum. Este trecho foi empregado no intuito de instigá-los a uma reflexão criteriosa, a qual desejo que encontre em cada leitor o solo fértil para este fim, uma vez que pensar em educação e em suas possíveis transformações requer um sentimento de profundo respeito pelas pessoas envolvidas nesta relação.

Assim, esta dissertação, sob o título **Os desafios do Ensino Médio Politécnico na visão de uma gestora e de alguns docentes: um estudo de caso**, emergiu do sentimento de relevância do momento atual pelo qual passam as escolas públicas estaduais de Ensino Médio, a partir da implantação do Ensino Médio Politécnico, no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, também origina-se do entendimento de que a voz desses sujeitos não pode passar despercebida, devendo ser ouvida com atenção e respeito. Ademais, acreditando ser a academia um importante espaço articulador de mudanças sociais que visam ao bem comum, reitero a importância desta pesquisa.

Nesta perspectiva o trabalho desenvolve-se a partir deste Capítulo I – INTRODUÇÃO, que é composto ainda pelos itens:

1.1 Memorial – apresenta um apanhado de informações que visam permitir ao leitor um melhor entendimento do contexto vivido no decorrer da minha trajetória, passando pela vida familiar, profissional e acadêmica. Assim, este entrelaçar de acontecimentos e vivências, foi me motivando e constituindo este projeto de dissertação.

1.2 O locus da pesquisa – pretende caracterizar o *locus* da pesquisa sob aspectos físicos, pedagógicos e administrativos. Primeiramente, apresentarei a escola que é o ambiente sobre o qual os sujeitos desta pesquisa têm propriedade para falar a respeito do EMP. Este é o ambiente onde eles atuam, exercendo sua profissão docente, o que é de suma importância para a posterior análise dos apontamentos que surgirem a partir das entrevistas propostas.

³ Chão da escola: expressão de Maria Teresa Leitão de Melo, a qual utilizo por ter a mesma conotação ao ser considerado “[...] chão da escola enquanto espaço de construção e afirmação da identidade dos trabalhadores em educação”. (MELO, 2009, p. 391). Portanto, “[...] o chão da escola não é um chão qualquer – é um chão que congrega, que constrói, que educa. (MELO, 2009, p. 392).

1.3 Justificativa - traz ponderações sobre o que me levou a estudar o tema proposto, tentando justificar a relevância da escolha por este assunto.

II) PERCURSO METODOLÓGICO – aborda o caminho metodológico pretendido com os sujeitos da pesquisa e como realizei a análise das entrevistas para a definição das categorias que emergiram, bem como o aporte teórico utilizado neste sentido. Procurei explicitar claramente o propósito mais abrangente dessa dissertação, que é o objetivo geral, além de questões mais pontuais, que são os objetivos específicos.

III) REVISÃO DE LITERATURA – divide-se em:

3.1 Gestão Escolar – faço considerações sobre aspectos concernentes à Gestão Democrática, bem como à relevância da ação do gestor neste contexto, discorrendo sobre algumas concepções em gestão educacional, além de dimensões política, administrativa e pedagógica do trabalho do gestor.

3.2 Políticas Públicas – trago definições e reflexões sobre políticas públicas e apresento uma síntese com alguns de seus principais elementos na intenção de um melhor entendimento sobre esta questão que perpassa o cotidiano escolar.

IV) PROPOSTA PEDAGÓGICA DE REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO (2011-2014) – tem por objetivo dar conhecimento aos leitores sobre a referida proposta do Governo Estadual para que, assim, possam melhor compreender o discurso dos sujeitos da pesquisa e a posterior análise realizada. E, divide-se nos itens:

4.1 A gestão escolar da E.E.E.M.Dr. Carlos Meskó frente ao Ensino Médio Politécnico – demonstra o caminho percorrido desde a apresentação da proposta, sua implantação e execução até meados de outubro de 2015 quando a tessitura desta escrita volta-se a conclusão.

4.2 As adaptações curriculares – apresenta as matrizes curriculares da escola *locus* antes e depois da implantação do Ensino Médio Politécnico, também, aborda a disciplina de Seminário Integrado e a organização escolar a partir dela.

V) ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – Traz aspectos relevantes das narrativas dos sujeitos os quais caracterizam e fundamentam as categorias que emergiram.

VI) CONSIDERAÇÕES FINAIS ... à guisa das possíveis conclusões - Busco explicitar os pontos críticos apontados, tanto positivos como negativos, bem como os limites encontrados para a idealização da proposta na íntegra, deixando claro a validade da caminhada.

Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão

Vidro, parede, janela

Casa, cidade, nação!

Tudo, tudo o que existia

Era ele quem o fazia

Ele, um humilde operário

Um operário que sabia

Exercer a profissão

Não sabereis nunca o quanto



Ah, homens de pensamento

Aquele humilde operário

Soube naquele momento!

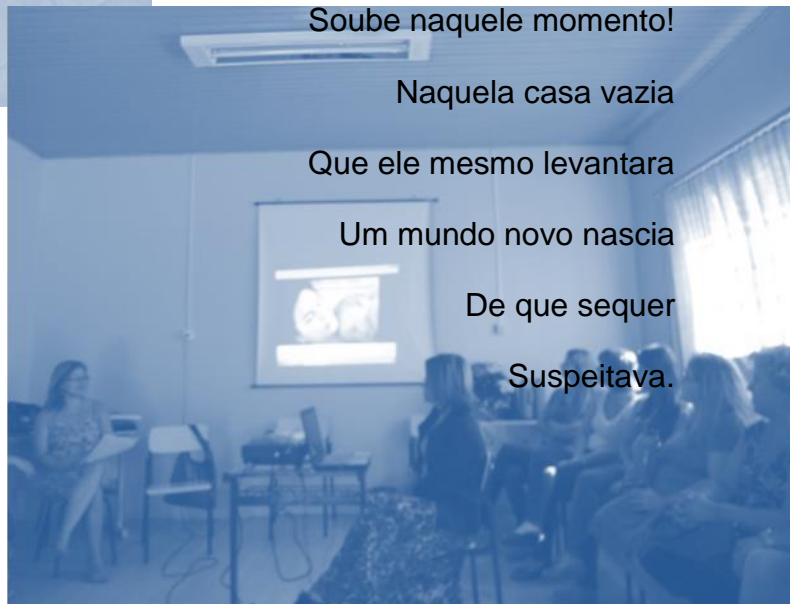
Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

De que sequer

Suspeitava.



1.1 MEMORIAL

A história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade. É assim que é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. É importante também frisar, por outro lado, os próprios posicionamentos, teóricos ou práticos, que foram sendo assumidos a cada momento. Deste ponto de vista, o Memorial deve expressar a evolução, qualquer que tenha sido ela, que caracteriza a história particular do autor. (SEVERINO, 2007, p. 245).

CONHECENDO A MESTRANDA

Neste momento, revelo alguns fatos da minha caminhada nesta existência que permearam o meu ser e que constituíram a pessoa que sou...

CRISTINA SCAGLIONI PERES ou simplesmente, e como prefiro, *Cris*.

Ainda não comecei e já me sinto emocionada... Família, o mais importante!

“Seus filhos não são seus filhos. São filhos e filhas do anseio da Vida por si mesma. Vêm através de vocês, mas não de vocês. E embora vivam com vocês, não lhes pertencem”. (GIBRAN, 2004, p. 18).

Nasci da união de Maria Inez Scaglioni com Elvino Mesquita Peres. Ela, filha de agricultores e pequeno comerciante; ele, filho de agricultores, ambos do interior de Canguçu.

O amor chegou para eles quando minha mãe foi estudar no Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida com o objetivo de se tornar professora, enquanto meu pai era policial militar em início de carreira em meio à ditadura. Frutificaram desta união duas filhas, minha irmã Cristiane, que veio primeiro, e eu, que na expectativa do casal seria um menino, o João Emílio, juntando os nomes dos avós paterno e materno. Seria uma linda homenagem, mas não era a vontade da natureza. Então, fui chamada de Cristina. Não sei se é por causa desta pequena parte que contei, mas a verdade é que na adolescência tinha um desagrado significativo com relação ao meu nome, de modo que adorava quando as minhas amigas me chamavam de Cris. Assim, tão simples e tão carinhoso quando ouvia dos meus afetos, de forma que hoje até estranho ao ser chamada de Cristina.

E, assim, crescemos filhas de professora alfabetizadora da rede municipal e estadual e de soldado da Brigada Militar. Nos dias de semana, era escola, divisão de tarefas no lar, temas, brincadeiras de boneca e de casinha com minha irmã e muitas

brigas também. Um pouco mais crescida, o brinquedo era na rua com os vizinhos, esconde-esconde, bola, pula corda, desfile... E, claro, a preferida brincadeira de ser professora! Era eu, o giz, um quadro-negro e muitos alunos imaginários. Minha sala de aula era bem diversificada, como, aliás, até agora elas são. E eu, como muitos dos alunos ainda hoje, fui alvo de piadas entre os colegas menos sensíveis, porque além de usar óculos, era completamente estrábica com ou sem eles, ou seja, sofri *bullying* na infância, mas sobrevivi!

Nos fins de semana, era a visita aos avós, ora aos paternos, no Faxinal 3º distrito de Canguçu, ora aos maternos, também no 3º, mas na localidade denominada Vila Silva.

Nas férias escolares, era costumeira a longa temporada na casa dos avós maternos, Emílio e Leonora. A vó Lola, dos quatro, é a única ainda entre nós, com 91 anos, exemplo para mim de alegria, força e fé. Foi ela quem me ensinou crochê, tricô, bordado e, também, a fazer os bolos do sábado à tarde. E ainda continua a me ensinar ao aceitar resignadamente o transcorrer do tempo e o caminho que o Mestre traça para cada um de nós, ao aguardar sua passagem para o plano espiritual convivendo com a doença de Alzheimer. Do vô Emílio, lembro-me de seu coração bondoso e dos agrados que nos fazia trazendo sempre um embrulhinho de balas quando vinha à cidade, dele ganhei o quadro-negro a que me referi anteriormente. Faz tempo que não temos mais sua presença, pois fez sua passagem há 29 anos, quando eu tinha 12, um dos dias mais tristes da minha vida.

Os avós paternos chamavam-se João Benício, o vô Gurizinho, e Georgina, a vó Jorja. Tiveram 13 filhos num tempo de muita carência de recursos, o que exigia que alguns deles fossem criados pelos compadres, para que assim não passassem por tantas necessidades e privações. Não convivi tanto com eles, como com os avós maternos, mas recordo-me das amoras que o vô Gurizinho ia colhendo e guardava para mim. A vó Jorja, bem corcundinha, foi exemplo de simplicidade, doçura, paciência e abnegação nos seus quase 91 anos de vida. Minha gratidão a eles é enorme por terem gerado o meu amado pai!

O carinho que recebi dos meus avós aquece meu coração, ainda agora, ao rememorar tempos tão felizes e inocentes, em que ainda não percebia as mazelas da alma humana nem a existência do mau proceder entre as pessoas, nem se quer vislumbrava o complexo mundo dos adultos.

“Podem lhe dar o seu amor, mas não seus pensamentos, porque eles têm seus próprios pensamentos.” (GIBRAN, 2004, p. 18).

Da infância humilde meu pai conta muitas coisas, citarei uma que me marcou de forma especial. Quando tinha por volta dos sete anos, já com muita vontade de aprender, estava ele em pé à volta da mesa onde os filhos do dono da casa estudavam – naquela época no interior não havia escola, logo as famílias abastadas pagavam um professor para que ensinasse os filhos a ler, escrever e fazer contas –, e neste ínterim sem querer perder nada da aula, sem perceber, acaba por se urinar. A sorte é que os demais não notaram, o que foi um alívio enorme para ele que era muito tímido, caso contrário, seria uma vergonha com certeza.

Esse desejo de estudar permaneceu com ele por muito tempo, embora freado pelas dificuldades da vida. Assim, após sua primeira grande vitória de ter um trabalho, e já casado com minha mãe, pôde, enfim, cursar o Ginásio na Escola Estadual João de Deus Nunes, depois o Técnico em Contabilidade, na atual Escola Técnica Estadual de Canguçu (Etec), e, por último, graduou-se em Geografia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), quando eu tinha por volta dos dez anos. Lembro-me dele estudando em voz alta, e, com muita alegria, de quando ele conseguia chegar mais cedo em casa e eu ainda estava acordada indo ao seu encontro, pois ele viajava todas as noites para Pelotas para fazer sua faculdade.

Enquanto meu pai trabalhava e estudava, minha querida mãe exercia a docência manhã e tarde, enquanto à noite continuava seu terceiro turno entre os planos de aula, os afazeres domésticos e a atenção às filhas. Algumas vezes enquanto planejava, eu ia para a sua volta desenhar, pintar e falar muito! Quando extravasava o seu nível de tolerância, ela dizia: Deu, Cristina, vai te deitar!

Pensando bem, eu e minha irmã tínhamos tudo para ser traumatizadas e jamais pensar em sermos professoras, porém seguimos os exemplos de nossos pais e somos professoras, hoje diretoras de escola.

“Podem abrigar seus corpos, mas não suas almas; pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vocês não podem visitar nem mesmo em sonho.” (GIBRAN, 2004, p. 18).

O tempo passou e eu ainda sem entender por que minha mãe, professora anos a fio, planejava suas aulas constantemente. Era comum a mesa cheia de cadernos, livros, canetas e minha mãe a escrever. Contudo, quando comecei a

carreira do magistério tive toda a compreensão: ela queria fazer sempre melhor, sabia que cada turma e cada aluno eram únicos, e que o trabalho exigia um constante repensar!

E apesar de toda a caminhada no mundo escolar, minha mãe não se achava capaz de fazer uma faculdade, muitas vezes disse que nunca faria. Seu dito era: Ainda bem que vocês puxaram ao pai que é inteligente, porque eu sou burra! Até que já aposentada em uma das carreiras, surge a oportunidade de cursar a faculdade de Pedagogia, da UFPel, em extensão na cidade de Canguçu.

“Vocês podem se esforçar por ser como eles, mas não busquem fazê-los como vocês; porque a vida não volta para trás nem se demora nos dias passados.” (GIBRAN, 2004, p. 18).

Neste momento, penso que nosso exemplo e incentivo foram decisivos para ela que, embora apreensiva, após aprovada no vestibular, retomou os seus estudos, colando grau em 2006, aos 57 anos, muito mais confiante, otimista e feliz.

Se minha infância foi tranquila, sobre a adolescência, não posso dizer o mesmo.

Iniciei, aos 14 anos, após cursar o Ensino Fundamental, o curso Técnico em Edificações, na Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), o que representou para mim um sonho concretizado.

No segundo ano do curso, consegui meu primeiro emprego em um escritório de engenharia de Canguçu, aos 16 anos. Trabalhava das 08h às 11h30min no turno da manhã, e das 13h30min às 17h no turno da tarde e, também, aos sábados no turno da manhã. Às 18h já estava no ponto de ônibus na Praça Marechal Floriano, hoje, Dr. Francisco Carlos dos Santos, para me deslocar no transporte da Cooperativa dos Estudantes de Canguçu (Coesc) à cidade de Pelotas. O retorno ao lar dava-se próximo à meia-noite, fase de muito trabalho e estudo, o que me fez aprender e crescer muito, levando-me a amadurecer.

Com quase um ano neste trabalho, surgiu a oportunidade de um estágio na Prefeitura Municipal de Canguçu, no Núcleo de Serviços Urbanos. E eu fui atrás, pois além de um salário melhor, a carga horária era menor, e a semana encerrava na sexta-feira. No Núcleo de Serviços Urbanos, realizei meu estágio obrigatório de conclusão de curso, ganhei em aprendizado e em amizades que trago comigo. No

dia da formatura no Theatro Guarany, tive uma grande surpresa, motivo de orgulho aos meus pais! Recebi a medalha de honra ao mérito por ser a segunda melhor média do curso Técnico em Edificações do ano de 1992. Eu nem sabia que existia esse tipo de condecoração, foi muita emoção!

“Vocês são os arcos dos quais seus filhos são arremessados como flechas vivas. O Arqueiro mira o alvo na trilha do infinito e estica o arco com toda a sua força para que suas flechas se projetem rápidas e na distância.”
(GIBRAN, 2004, p. 19).

Ao completar 18 anos, realizei um concurso para o cargo de datilógrafa na Prefeitura Municipal de Canguçu, no qual me classifiquei em primeiro lugar. Assim, logo após o estágio, já fui nomeada. Neste tempo, conheci um colega de trabalho e, após curto namoro, casei-me ainda muito jovem. Este relacionamento durou quatro anos e meio e frutificou em meu primeiro tesouro: a minha filha Vitória! Meu grande aprendizado, meu grande desafio.

Após formar-me no Técnico em Edificações, ingressei em curso pré-vestibular objetivando uma vaga na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na UFPel. Contudo, paralelamente, naquele mesmo semestre, abriram inscrições para vestibular, ofertado pelo então Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (Cefet-PR), do Curso Superior de Formação de Professores de Disciplinas Especializadas no Ensino de 2º Grau, Esquema II, no qual fui aprovada e comecei a cursá-lo. Minhas aulas eram nas quintas à noite, nas sextas pela manhã e noite e aos sábados pela manhã e tarde, nas dependências da ETFPel.

Assim foi minha rotina durante dois anos, sendo que na sexta à tarde, eu tinha que trabalhar na Prefeitura. Então, deslocava-me duas vezes nas sextas para poder dar conta das responsabilidades com o trabalho e do aprendizado no curso. Isso, eu chamo de determinação! Nesse tempo, minha filha Vitória já me acompanhava e, protegida em meu útero, fizemos várias viagens também à cidade de Rio Grande, pois resolvi fazer um concurso para técnico de laboratório em Edificações, na Fundação Universidade do Rio Grande (Furg).

Eram vários candidatos, e eu era a única mulher e grávida, em um processo exaustivo de prova teórica, prática e psicológica. Na prova prática, eu devia realizar o Teste de Slamp, que determina a consistência adequada do concreto. Não posso deixar de mencionar a ajuda que recebi do professor Lórgio, que, com boa vontade, me ensinou no laboratório do curso de Edificações, onde tantas vezes tivemos aula,

executando o referido teste, o qual realizei com sucesso na prova prática. O gesto deste professor comigo jamais será esquecido. Após a prova prática só restaram três, eu e dois rapazes, e embora tenha feito bonito, pois fui aprovada em todas as etapas, fiquei em terceiro lugar e era apenas uma vaga. Logo, ainda não era para ser, porém, acredito que enquanto eternos aprendizes que somos sempre vale a experiência!

Tudo isso acontecia enquanto eu continuava a trabalhar na Prefeitura de Canguçu, estudava em Pelotas e aguardava ansiosamente o nascimento da Vitória. Tão logo me recuperei da cesariana, retomei os estudos. Conclui o Esquema II em 06 de outubro de 1995, habilitando-me nas disciplinas de Tecnologia de Materiais de Construção, Projetos de Construção Civil e Construção.

As disciplinas de Didática e Prática de Ensino oportunizaram-me ministrar as primeiras aulas. Começamos nos exercitando com os próprios colegas, os quais ao nos observar tinham o dever de avaliar nosso desempenho, conforme uma ficha fornecida pela professora. Na segunda aula ministrada, tínhamos o compromisso de melhorar a atuação, mediante as observações que os colegas apontaram nas fichas.

Era um processo rigoroso, mas de muito crescimento, no qual me sai muito bem. Realizei o estágio no curso de Edificações, na disciplina de Desenho Arquitetônico em uma turma de segundo ano, no turno da manhã. Foi uma experiência exitosa para mim.

Em seguida, após a conclusão deste curso, a ETFPel lançou um edital para suprir vagas para o cargo de professor em diversas áreas, e lá estava eu. A única técnica a ser aprovada na prova teórica, entre arquitetos e engenheiros, ficamos em quatro. Contudo, tive que tomar uma das decisões mais difíceis da minha vida, pois o conteúdo sorteado para que eu realizasse a prova prática foi sobre desenho altimétrico e o que eu sabia era só o estudado no Técnico em Edificações.

Começou então a corrida contra o tempo, eu tinha 24 horas para o planejamento da aula que deveria ser de 30 minutos. Porém, com muito empenho eu fechava 20 minutos de explanação. Não existia acesso à internet, pelo menos para mim, tudo o que eu possuía de material de apoio era o caderno e as planilhas antigas das aulas de Topografia. Mas se entre tantos pontos que eu dominava, foi cair justo este, concluí que, mais uma vez, ainda não era para ser!

Com o tempo, realizei outros concursos na Prefeitura de Canguçu e passei para o cargo de auxiliar administrativo, exercendo minhas funções no setor de Contabilidade. Este foi o momento em que ingressei na Licenciatura Plena em Matemática, primeira turma da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em extensão em Canguçu. Em meio a esta graduação, ganhei meu segundo tesouro: minha filha Mariana! Minha amiga e companheira.

Vivemos tempos difíceis, de escassos recursos que se dividiam entre nosso sustento e algumas prioridades, como pagar a faculdade, comprar remédios e custear uma pessoa para cuidar das meninas enquanto eu trabalhava e estudava. Pois, na verdade, sempre fui pai e mãe das minhas filhas, como muitas mulheres são. E, embora algumas escolhas erradas, frutos da imaturidade da juventude, nunca perdi o encanto com a vida, a alegria, a vontade de estudar e de crescer. Meus pais sempre foram presença constante, auxiliando-me nos momentos mais angustiantes, sou sempre grata!

“Que depositem confiança na mão do Arqueiro com alegria: Pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que fica.” (GIBRAN, 2004, p. 19).

Nesse sentido, dos passos em falso, extrai as lições para prosseguir, porém a passos mais firmes e seguros, acreditando na minha capacidade e tendo como prioridade o compromisso com as minhas filhas, buscando cumpri-las pelo diálogo sincero e pelo exemplo no bem, num desafio constante frente ao mundo em que vivemos.

No primeiro semestre de 2001, realizei o estágio na Etec, em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, no turno da noite, pois sempre pensei em trabalhar com adolescentes. Como na experiência anterior, transcorreu tudo bem e gostei muito. Assim, concluí minha graduação em Matemática, prestando concurso para o magistério do Estado do Rio Grande do Sul no mesmo ano.

Tenho muito presente ainda em minha memória, ao refletir, quando dizia que faria a minha parte estudando. E que se fosse para eu contribuir mais com as pessoas sendo professora do que executando as atividades contábeis que se repetem dia após dia, eu iria passar. Ao receber o resultado do concurso, não tive dúvidas de que Deus e eu, realmente, dialogamos. Fiquei classificada em primeiro lugar para o Ensino Médio e em segundo lugar para o Ensino Fundamental. Minhas nomeações ocorreram juntas em fevereiro de 2002. Agora, sim, era para ser!

Assumi a nomeação no Ensino Fundamental na Escola Estadual João de Deus Nunes, trabalhando à noite, em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sensibilizei-me muito com os alunos, muitos mais velhos do que eu, lembraram a caminhada que relatei sobre meu pai, que tanto me orgulha.

Ao vê-los com afinco na busca da superação de suas dificuldades, eu crescia junto com eles, e ao saírem vencedores, me sentia realizada, pois de alguma forma pude contribuir para isso. Foram mais de oito anos trabalhando na EJA, de algumas turmas fui paraninfa, com todos estabeleci uma relação de respeito e partilha e com alguns alunos e colegas desenvolvi laços de amizade que perduram até hoje, isto é o que conta para mim.

Foi então que, após oito anos, solicitei minha transferência para a outra escola à época da nomeação, citada anteriormente, onde permaneço até hoje, ficando com as 40 horas, ou seja, com as duas matrículas nesta escola. Foi uma decisão tomada de forma madura, pois já eram muitos anos trabalhando à noite e eu queria compartilhar mais tempo com minhas filhas. Fui muito feliz neste trabalho, só tenho boas lembranças!

No Ensino Médio, assumi minha nomeação na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó, na qual permaneço até a atualidade e que é cenário para o estudo desta dissertação.

Em meados de abril de 2002, desembarquei de um ônibus no Iguatemi, 2º Distrito de Canguçu, uma localidade desconhecida para mim, mas de uma beleza natural que muito me agrada. Estava ansiosa! Após conversar com a diretora, professora Vera Maria Bettin, e conhecer a escola, voltei para casa com uma enxaqueca considerável. Eram mudanças de vida muito significativas, uma vez que parei de trabalhar no setor de Contabilidade da Prefeitura para atuar em contextos tão distintos.

Já no início da carreira, adquiri uma experiência na prática docente, em termos do panorama geral no domínio dos conteúdos e relevância deles, bem como em convivência humana, apoiada sempre no respeito e no afeto ao próximo, inigualáveis.

Fui muito abençoada pelo aprendizado obtido nesta diversidade toda, pois atuava em uma escola na cidade à noite, com turmas de EJA, no Ensino

Fundamental, e na outra pela manhã, na zona rural, trabalhando com jovens adolescentes, filhos de agricultores. Assim foi meu primeiro ano como professora, em meio a adaptações, muitas surpresas, emoções, estudo, planejamento e uma frequente indagação: Mãe, tu não vais largar estes cadernos?

Movida sempre pela vontade de aprender e pelo dinamismo da vida que convoca a melhoria do ser, ainda no fim de 2002, submeti-me e fui aprovada na prova de seleção do Curso de Especialização em Matemática para Professores do Ensino Fundamental e Médio. Este curso foi promovido pelo departamento de Matemática da Furg, no período de março de 2003 a julho de 2004, portanto, foram três semestres viajando de Canguçu para Rio Grande, semanalmente, nas sextas-feiras.

E a vida convidou-me a novos movimentos e mais trabalho. Exatamente ao fim da especialização, fui convidada pela equipe diretiva da Etec, escola em que eu havia feito o estágio da graduação, a assumir uma convocação de 20 horas para lecionar em turmas de 2º ano do Ensino Médio. Naquele momento eu já havia estabelecido o foco de, ao fim da pós-graduação, trabalhar mais horas para, assim, somar recursos com o propósito de construir o segundo pavimento da nossa casa, pois o terreno e o primeiro pavimento, de quatro cômodos, foram conquistados com meu labor nos tempos em que trabalhava na Prefeitura.

Neste caso, não havia dúvidas, aceitei o convite, pois eu já havia definido o meu objetivo de querer trabalhar mais horas. Não houve dúvidas também de que isso seria temporário, pois penso que trabalhar 60 horas em sala de aula é um desrespeito que nos permitimos praticar contra nós. Contudo, o sustento da minha família provinha apenas do meu trabalho e eu tinha um bom propósito, que me incentivou a dar um pouco mais de mim para que tivéssemos mais espaço e conforto.

Nesta situação, fiquei por um semestre. Neste período, na escola Dr. Carlos Meskó, a diretora, Prof.^a Vera Maria Bettin, cumpriu um compromisso de campanha ao permitir que os colegas, professores e funcionários, elegessem um nome para a função de vice-diretor. A escola passou a ter esse direito uma vez que estava com mais de 250 alunos.

Assumir cargos administrativos nas escolas em que trabalhava, à época três, nunca foi um objetivo, mas acredito que por me mostrar participativa, crítica, com boa vontade na busca para resolver problemas de nosso cotidiano escolar, fez com que houvesse um forte pedido por parte de alguns colegas, o que me sensibilizou e aceitei.

Somadas as forças, fui eleita vice-diretora do turno da manhã, em uma progressão geométrica de 16 votos, contra oito para a segunda colocada e quatro para a terceira. Desde então, acompanho de perto o Ensino Médio, suas modificações e implicações.

Tão logo atingi meus objetivos, fui reduzindo a carga horária de trabalho no turno da noite, ficando lotada só na Escola Dr. Carlos Meskó, exercendo a vice direção e a docência. No entanto, me sentindo um tanto acomodada e com vontade de novas experiências, candidatei-me à seleção para tutor presencial do Polo de Canguçu da Rede e-Tec. Fui selecionada e passei a exercer esta atividade em 1º de setembro de 2010 no curso de Biocombustível. Foi minha primeira experiência na educação a distância e aprendi muito, além de complementar minha renda. Contudo, eu já havia definido outro foco: voltar a estudar.

Como estava na função de vice-diretora desde 2005, sem ter feito nenhum estudo acadêmico sobre o tema, resolvi me inscrever no Curso de Especialização em Gestão Escolar, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com início em março de 2012. Período, também, em que participei do processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM).

Nesta primeira tentativa de ingresso, fui aprovada na prova teórica, contudo não tinha a menor noção de como funcionavam as demais etapas, não sabia o que era a Plataforma Lattes, tampouco o seu currículo. Também senti muita dificuldade em escrever o anteprojeto, pois a graduação e a pós não me proporcionaram exercícios desta natureza e grandeza. Porém, como para mim dificuldades representam crescimento, não desisti de perseguir o sonho. E, assim, comecei a percorrer o caminho passo a passo, buscando amadurecer, entender a linguagem da academia e, sobretudo, exercitar a escrita.

Comecei, então, a cursar no primeiro semestre de 2012, como aluna especial, a disciplina de Epistemologia da Matemática, e no segundo semestre, a disciplina de Ensino e Aprendizagem, as quais me ajudaram muito na tentativa seguinte, que desta vez foi exitosa.

Ao término de 2012, no mês de novembro, ocorreram as eleições para direção da escola, para a qual me candidatei, por forças das circunstâncias e principalmente pelo sentimento de compromisso com o trabalho já realizado pela escola desde 2005 na vice direção. Levei comigo os nomes dos professores César Luis Kuhn Knabach e Tâgara Regina Costa da Fonseca para os cargos de vice-diretores. Fomos a única chapa a concorrer e eleita por 259 votos válidos, com um nulo e 22 brancos.

Ser diretora não era um objetivo de vida, mas a partir do momento em que me dispus a concorrer e a contribuir, comecei a planejar o que faria para melhorar o principal problema com que nos deparávamos na escola. A falta de espaço físico para o desenvolvimento das aulas era uma dificuldade que queria resolver, de modo que não fosse mais preciso desacomodar turmas do Ensino Fundamental para que as duas turmas de Ensino Médio Politécnico, que eram bem maiores, pudessem ter suas aulas no turno inverso.

O fim de 2012 foi assinalado para mim de maneira especial ao me direcionar a dois grandes desafios: iniciar a gestão escolar como diretora, num período em que meus pares estavam em férias, e iniciar o mestrado profissional do PPGECEM, desta vez como aluna regular do primeiro semestre de 2013.

Minhas vivências já me faziam perceber que teríamos momentos muito difíceis neste mandato (2013-2015) pela situação imposta às escolas com a implantação do Ensino Médio Politécnico. Acompanhei este tema desde seu início, em 2012. A preocupação também se relacionava porque, possivelmente, iríamos enfrentar a transição do Governo do Estado ao fim de nosso mandato com as eleições para governadores, que ocorreram naquele ano, uma vez que a tendência nas práticas políticas brasileiras é mudar as exigências e dinâmicas de trabalho ao mudar o governo.

No início de 2013, comecei a colocar meus planos, para termos mais duas salas de aula, em ação. Para isso, tive de sacrificar minhas férias. Porém, estes dias

foram muito úteis, pois na medida do possível, me ausentei da escola em alguns momentos para realizar meus trabalhos acadêmicos e, sobretudo, esta dissertação.

Durante o recesso escolar, realizamos melhorias no almoxarifado, como piso, forro, instalação elétrica e reparos no telhado, para que este pudesse abrigar diversos materiais. Executamos, também, a remoção e troca de divisórias em algumas dependências, aperfeiçoando espaços.

Assim, em 25 de fevereiro de 2013, iniciaram as aulas na Escola Dr. Carlos Meskó com cada turma tendo a sua sala de aula, tanto no turno da manhã como no da tarde. A diretora estava feliz por vencer o primeiro objetivo de ordem física e proporcionar melhor qualidade e conforto a professores e alunos.

Não obstante, o maior desafio estava por vir: as transformações pedagógicas exigidas da comunidade escolar, principalmente aos gestores e professores, frente à reestruturação curricular advinda com a implantação do Ensino Médio Politécnico pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

E por ser este o objeto de estudo deste projeto de dissertação, observo que neste momento os saberes da estudante de mestrado permeiam os saberes da professora gestora. E neste entrelaçar, a partir de minhas vivências, de meus estudos e das escutas das diversas vozes que compõem a harmonia ou a desarmonia das relações escolares, irei tecendo as linhas deste trabalho. Tudo se dará com vistas a melhores entendimentos do que hoje a escola vive em nosso Ensino Médio e da forma com que, a partir desta dissertação, poderei, enquanto pesquisadora, contribuir com meus colegas na profissão que escolhemos.

Neste sentido, relatei alguns fatos ocorridos até então em minha vida, pois acredito que cada ser durante sua existência tem a oportunidade de avançar e ir se (re) construindo na medida em que se permite a isso, quando aceita o convite da vida que flui, vivendo-a intensamente no constante diálogo com o outro e na humildade de admitir e aceitar que só é possível um crescimento real e maduro junto ao outro. Na sincera tentativa de contribuir com o lugar onde estamos inseridos e com as pessoas com quem convivemos para uma sociedade mais justa e fraterna.

Nas fotos abaixo, estou com meus pais e minhas filhas na festa de 50 anos de aniversário da E.E.E.M. Dr. Carlos Meskó. Suas presenças muito me

alegraram. Ressalto que as fotos contidas neste projeto de dissertação fazem parte do meu acervo pessoal.



Foto 1: Acervo pessoal da autora



Foto 2: Acervo pessoal autora




Foto 3: Acervo pessoal da autora

Assim, apoio-me nas ideias de Severino (2007), as quais sintetizam como deve ser um memorial:

[...] deve buscar retratar, com a maior segurança possível, com fidelidade e tranquilidade, a trajetória real que foi seguida, que sempre é tecida de altos e baixos, de conquistas e de perdas. Relatada com autenticidade e criticamente assumida, nossa história de vida é nossa melhor referência. (SEVERINO, 2007, p. 246).

Assim, com o propósito de que o contexto descrito colabore no melhor entendimento dessa escrita, apresento, na sequência do texto, o *locus* da pesquisa.



O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.
Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário...

1.2 O LOCUS DA PESQUISA

[...] O trabalho é o amor em forma visível. E se vocês não puderem trabalhar com amor, mas apenas com desprazer, melhor seria que abandonassem seu trabalho e se sentassem à porta do templo para pedir esmolas àqueles que trabalham com alegria, [...]. (GIBRAN, 2004, p. 25).

O poeta libanês Kahlil Gibran (1883-1931), em seu livro O Profeta discorre sobre o trabalho com muita leveza e grande sabedoria. Concorro com sua maneira de pensar e compartilho de suas ideias ao procurar realizar meu trabalho com boa vontade, alegria e amor, visando ao bem da coletividade e o crescimento do grupo.

Nestas sucintas linhas, busco descrever o local de onde falo e que constitui o meu espaço de trabalho.

Penso que a vida nos coloca no lugar certo, onde devemos contribuir, e fui agraciada por ela ao ser nomeada para uma escola de zona rural. E é assim que tenho procurado exercer meu trabalho, colaborando com este educandário e com esta comunidade que tão carinhosamente me acolheu há mais de treze anos, quando lá cheguei.



Foto 4: Acesso à escola. Acervo pessoal da autora.

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó localiza-se no Iguatemi, 2º Distrito do município de Canguçu, a 25 quilômetros da sede. Atende alunos provenientes de diversas localidades como Herval, Posto Branco, Armada, Alto Alegre, Alto da Cruz, Potreiro Grande, Nova Gonçalves, Arroio das Pedras e Três Porteiras, incluindo também alguns alunos do interior do município de Cristal, alunos de assentamentos do Movimento dos Sem Terra (MST) e de comunidades Quilombolas.

Neste contexto, a comunidade do Iguatemi apresenta-se com uma realidade socioeconômica que pode ser considerada média baixa (IBGE)⁴. A maioria dos moradores planta fumo, além de soja, milho, feijão e batata. Devido à grande lucratividade, a produção do fumo ganha espaço cada vez maior nas propriedades locais. As famílias deixam de produzir alimentos para o próprio consumo adquirindo-os na sede do município. Contudo, criam animais utilizados para a subsistência, produzindo, assim, carne, leite, ovos e derivados. Há a produção de leite por alguns moradores que comercializam com a Cooperativa Sul-rio-grandense de Laticínios de Pelotas – Cosulati ou a Cooperativa dos Produtores de Leite de Canguçu – Coopal.

Na localidade existem pequenas casas comerciais que negociam produtos alimentícios, vestuário, utensílios, ferramentas, sementes, ração para animais, entre outros. Além disso, há também açougue, posto de gasolina, carpintaria, sapataria, oficinas de mecânica e de elétrica.

A população do Iguatemi, em sua maioria, é formada por descendentes germânicos. A fé é professada na Igreja Luterana São Paulo⁵, situada ao lado da escola, e na Igreja Evangélica Independente Flor do Iguatemi, às quais pertence a grande maioria das famílias dos alunos.

Grande parte dos moradores da localidade são associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canguçu e ao Movimento do Pequeno Agricultor. A comunidade é servida por transporte coletivo municipal e intermunicipal, bem como transporte especificamente escolar. A assistência à saúde é precária, pois não existem postos de saúde. Porém, hoje, contamos com uma Unidade Móvel da Secretaria Municipal de Saúde que presta assistência médica e odontológica

⁴IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), censo 2010.

⁵ Igreja Luterana São Paulo, importante referência religiosa da comunidade, fundada em 13 de março de 1938 conforme informado pelo Pastor Alexandro Lüdtkke Karow.

semanalmente, nas proximidades da escola, para os alunos e a comunidade em geral.

O serviço de segurança é quase inexistente, pois não possui posto militar de atendimento na localidade. Em caso de necessidade, deve ser solicitado ao órgão competente na sede do município.

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Meskó, inserida no contexto acima descrito, foi criada em 24 de maio de 1962, ofertando o Ensino Fundamental de 1ª a 5ª série. A partir de 1975, implantou gradativamente o ensino de 1º grau, até 1978. No ano de 2002, foi conquistado o Ensino Médio, sendo a escola pioneira no meio rural do município na oferta desta modalidade de ensino.



Foto 5: Fachada principal. Acervo pessoal da autora.

Tem por mantenedora a 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), atende alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Estão matriculados 106 estudantes no Ensino Fundamental e 145 no Ensino Médio, totalizando 251 alunos, distribuídos no turno da manhã, da 8ª série ao 3º ano do Ensino Médio, e no turno da tarde, do 1º ao 8º ano.

A equipe diretiva é composta pela diretora, eu, pela vice-diretora, professora Tâgara Regina Costa da Fonseca, e pelo vice-diretor, professor César Luis Kuhn Knabach. A coordenação escolar é desempenhada por uma orientadora educacional em tempo integral, uma supervisora no turno da manhã e uma assistente pedagógica no turno da tarde.

O quadro de professores está completo e é composto por professores nomeados, convocados e contratados, no total de 21 docentes. Contamos também com uma secretária, uma bibliotecária de 20 horas, duas merendeiras e uma servente, a qual se esmera para atender mais de 20 dependências, entre salas de aula, banheiros, direção, supervisão e orientação, secretaria, laboratório de ciências e informática, biblioteca, auditório, refeitório, cozinha, despensa, lavanderia e almoxarifado.

Os alunos participam de diversas atividades culturais e pedagógicas, além das desenvolvidas em sala de aula. Temos dois grupos de danças alemãs, uma vez que a presença desta cultura é muito significativa na comunidade em que a escola está inserida. Um grupo é composto por alunos do Ensino Médio Politécnico e outro, por alunos do Ensino Fundamental, séries iniciais, os quais participam do Festival da Cultura Alemã e Pomerana (FESTICAP), promovido pela Prefeitura Municipal de Canguçu, bem como nos eventos da escola.



Foto 6: Acervo pessoal da autora. O grupo de danças típicas alemãs em apresentação na festa de aniversário da escola em maio de 2013.

O Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) Herdeiros da Tradição é responsável por cultivar a tradição do povo rio-grandense. Os componentes deste grupo, alunos do Ensino Médio Politécnico, são um belo exemplo da miscigenação das culturas existentes na nação brasileira. Apresentam-se na Ciranda Estudantil Nativista (Ciena), evento promovido anualmente, envolvendo as escolas municipais e estaduais, de responsabilidade da Secretaria de Educação (SME) do município de Canguçu. Participam, também, de algumas rondas que ocorrem na Semana Farroupilha e sempre abrilhantam as festividades da escola, quando é pertinente.



. Foto 7: Acervo pessoal autora. O DTG Herdeiros da Tradição em apresentação na mateada realizada em 19 de setembro de 2014, na quadra da escola.

Há um bom tempo, a escola participa dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul, os Jergs, que completam 44 anos e são considerados como o maior evento do esporte educacional gaúcho, no qual nossos alunos, por vezes, se destacam na região e apreciam muito participar. Além dos Jergs, anualmente, a escola realiza o Torneio Esportivo da Meskó, o TEM, cuja organização é de responsabilidade da professora de Educação Física juntamente com os alunos do 3º ano do EMP e suas professoras conselheiras. É um torneio interno, envolvendo alunos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental em um grande exercício de cidadania.



Foto 8: Acervo pessoal da autora. Equipe participando dos Jergs.

Buscando momentos de integração entre escola e comunidade, todos os anos é comemorado o aniversário da escola, que, em maio de 2014 completou 52 anos de serviços prestados em prol da educação. Também no mês de maio, há homenagem às mães que são convidadas a comparecerem à escola para atividades diversificadas a cada ano. Após, servimos o tradicional *Chá das mães*, encerrando este momento numa grande confraternização. Para os pais, é realizada, da mesma forma, esta singela, mas significativa, homenagem que é um importante momento de aproximação entre família e escola.

Anualmente, no mês de agosto, realizamos a Semana de Valorização da Vida, da Família e do Estudante. Recentemente, ocorreu a nossa XI Semana, durante a qual, como uma forma de homenagear os estudantes, foi realizada no dia 11 de agosto deste ano, Dia do Estudante, a brincadeira do bingo, em que a cada rodada eram distribuídos pequenos “agrados”. Nos demais dias da semana, compareceram diversos palestrantes capacitados para discorrerem sobre temas pertinentes à Semana, sempre visando à informação para um melhor viver e relacionar-se.

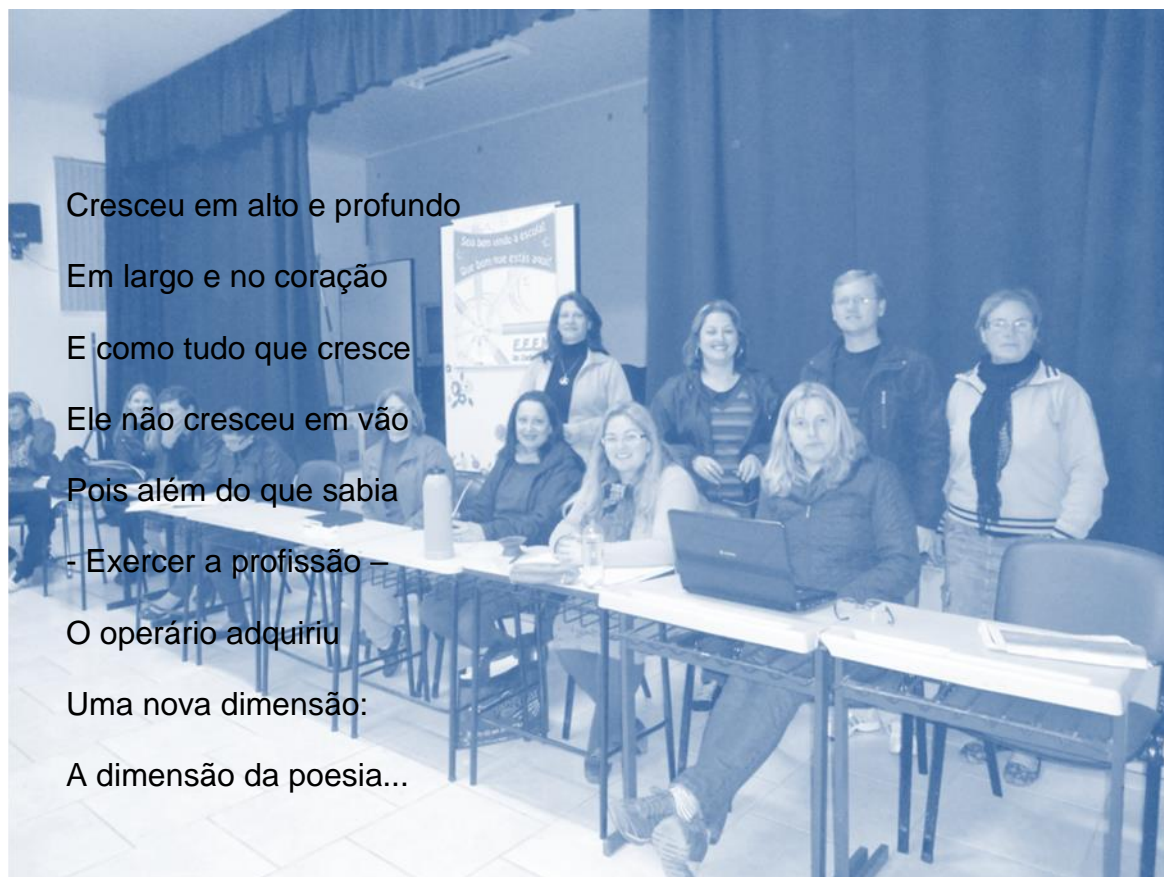
No atual contexto, vive-se numa situação de muito trabalho administrativo e pedagógico, com poucos recursos humanos para dividir as tarefas que aumentam a cada dia, com a multiplicidade de demandas exigidas pelo Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação do Estado (Seduc), pela mantenedora, 5ª CRE, bem como pela Lei de Responsabilidade Fiscal que rege a autonomia financeira da escola.

Portanto, em um cenário que exige constante dinamismo, a filosofia de trabalho da equipe diretiva é tentar fazer com que cada sujeito sinta-se valorizado e motivado a entender sobre a sua importância frente às suas responsabilidades no trabalho a ser desenvolvido. Com isso, busca despertar as consciências no sentido de que cada um é responsável por contribuir na melhoria do todo, para que, em conjunto, se construa uma escola melhor e, assim, cada um ser mais realizado com o seu trabalho.

No próximo item, apresentarei as razões dessa proposta.



Foto 9: Fachada da escola com vista da estrada principal. Acervo pessoal da autora



Cresceu em alto e profundo

Em largo e no coração

E como tudo que cresce

Ele não cresceu em vão

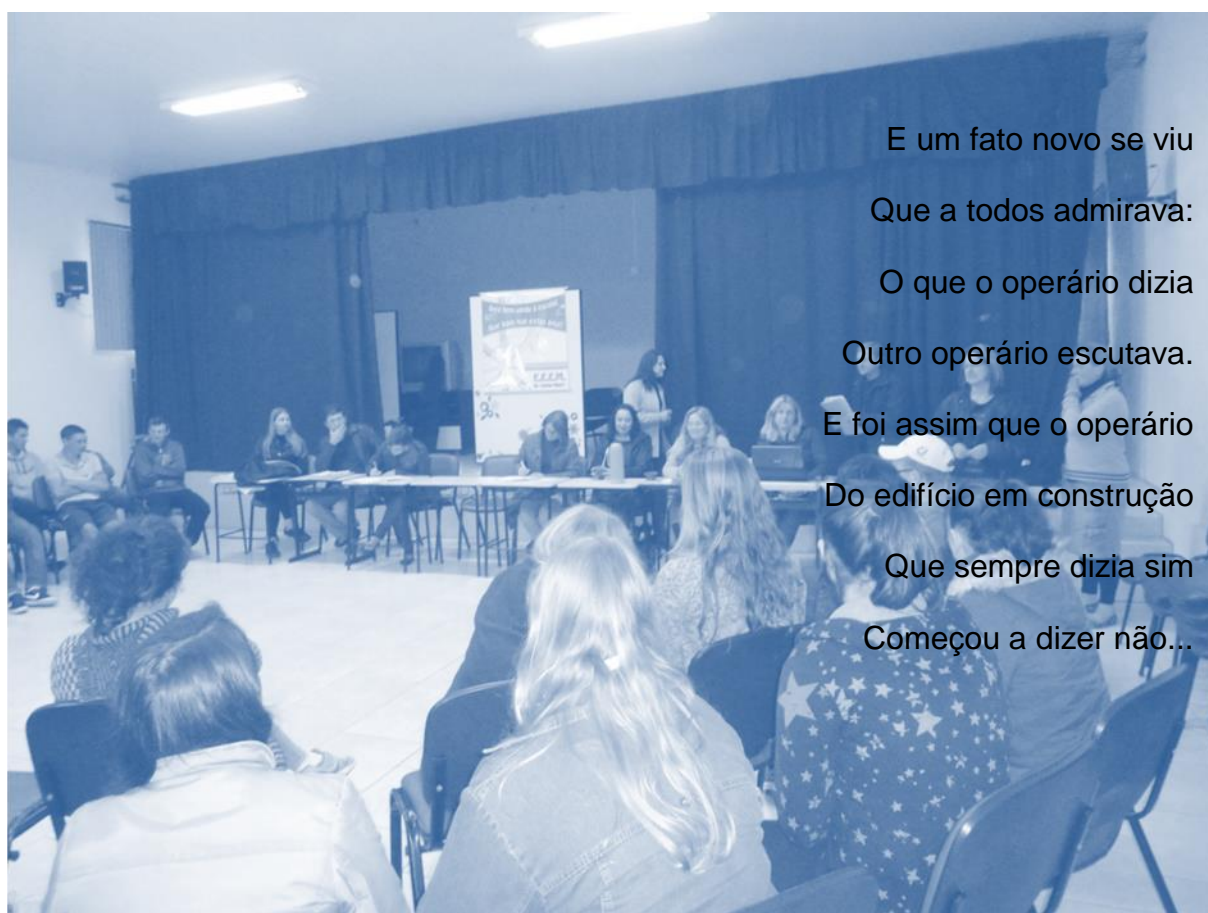
Pois além do que sabia

- Exercer a profissão -

O operário adquiriu

Uma nova dimensão:

A dimensão da poesia...



E um fato novo se viu

Que a todos admirava:

O que o operário dizia

Outro operário escutava.

E foi assim que o operário

Do edifício em construção

Que sempre dizia sim

Começou a dizer não...

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta dissertação teve origem em uma inspiração ao final do primeiro semestre de 2013, enquanto eu escrevia o trabalho *Adaptações no currículo em face ao Ensino Médio Politécnico*, para a disciplina de Currículo e Ensino deste curso de Mestrado. Foi o instante em que percebi que teria de mudar o tema da pesquisa proposta no anteprojeto *A afetividade como fator preponderante nas relações professor/aluno no contexto escolar*, o qual foi apresentado na seleção do PPGECM.

Isso ocorreu ao perceber que minha atenção estava completamente voltada para meus afazeres enquanto gestora e, de maneira especial, para o Ensino Médio Politécnico. Este estava me absorvendo intensamente diante das adaptações necessárias que deveríamos fazer no ambiente escolar, nas dimensões pedagógicas, administrativas e físicas, a fim de atender a legislação que entrou em vigor desde a sua implantação em 2012. O que eu acompanhei enquanto vice-diretora, e que me exigiu muito mais a partir de 2013, como diretora da escola.

Essas condições me direcionaram para essa pesquisa e ao fazer referência às diversas formas de trabalho científico, Severino (2007) aponta que, independentemente do nome que recebem, todos têm em comum a necessidade de ter origem a partir de um trabalho de pesquisa e reflexão que seja *pessoal, autônomo, criativo e rigoroso*.

Trabalho *pessoal* no sentido em que [...]; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. Não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve. (SEVERINO, 2007, p. 214-215).

Ao ter a percepção da relevância do que ocorreu na escola a partir da política pública do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, proposta para o Ensino Médio, senti-me profundamente motivada em investigar como ocorreu esta reestruturação curricular. Especificamente, as transformações geradas a partir dela no cotidiano de trabalho dos colegas professores e suas implicações na dinâmica escolar.

Portanto, através desse trabalho tenho a oportunidade de dar forma às diversas vozes que compõem nosso mundo escolar, e, ao fazer isso, desejo contribuir com meus colegas professores no despertar de uma postura crítica diante da sociedade, da política e da profissão que exercemos.

Na sequência do texto, apresentarei o próximo capítulo que trata do percurso metodológico.

E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que a sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta dissertação tem caráter de uma pesquisa de natureza qualitativa, pois envolve a obtenção de dados descritivos, corroborando a teoria de Ludke e André (1986) mediante o contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e com a preocupação de retratar a perspectiva dos participantes.

O caminho metodológico que percorri com os sujeitos da pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso por se tratar de um caso específico referente ao Ensino Médio Politécnico, recentemente implantado no Estado do Rio Grande do Sul. E, além disso, observa como este vem se desenvolvendo no referido *locus*. Embora partindo de alguns pressupostos teóricos iniciais, busquei dar especial atenção para novos elementos que pudessem emergir durante o estudo. Sendo assim, o referencial teórico adotado serviu de base a partir da qual procurei destacar novos aspectos, elementos ou dimensões que puderam ser acrescidos à medida que o estudo avançou. Essa característica, segundo Ludtke e André (1986), está fundamentada no pressuposto de que a construção do conhecimento está sempre em movimento, é algo inacabado e aberto a novas indagações enquanto o trabalho de pesquisa se desenvolve.

Outro princípio básico importante dos estudos de caso é a interpretação do contexto, pois leva em conta uma apreensão mais completa do objeto em estudo, situando-o no *locus* de forma contextualizada. Sendo assim, para uma compreensão melhor da manifestação geral do problema que se quer investigar, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações dos indivíduos, devem ser observadas do ponto de vista relacional de acordo com a situação específica onde ocorrem ou focadas na problemática à qual estejam vinculados (LUDTKE; ANDRÉ, 1986).

Os estudos de caso, se bem desenvolvidos, podem revelar a realidade de forma completa e profunda. Com essa metodologia, o pesquisador busca revelar os múltiplos matizes inerentes a um determinado problema, analisando-o como um todo, mas realizando uma abordagem em que se evidencie a complexidade da inter-relação dos seus componentes.

Outra característica do estudo de caso, conforme Ludtke e André (1986), é a múltipla variedade de informações. No desenvolver desse tipo de estudo, pode-se recorrer a uma variedade de dados coletados em momentos e situações diferentes. E quando feito na escola, tem-se a oportunidade de fazer observações de situações importantes e descobrir dados implícitos invisíveis à primeira vista, mas que poderão ser potencialmente importantes para o objeto de estudo a que se propõe a pesquisa. Podemos também cruzar informações para checar hipóteses levantadas ou refutá-las.

Segundo Lüdke e André (1986), os estudos de caso revelam que o pesquisador procura relatar suas experiências de forma que o leitor possa elaborar suas próprias generalizações naturalísticas, podendo associar dados encontrados no estudo com os de suas experiências pessoais.

Estes estudos procuram evidenciar os diferentes pontos de vista, às vezes conflitantes, em função de uma situação social. De sorte que o pesquisador procura trazer à tona as opiniões diferentes, revelando na medida do possível seu próprio ponto de vista acerca da questão levantada. Assim, o leitor ou usuário da pesquisa poderá inferir suas próprias conclusões sobre os aspectos contraditórios que afloram no estudo em questão.

A forma de linguagem utilizada pelos estudos de caso é simples e acessível. Os dados deste tipo de pesquisa podem ser apresentados de diversas formas, entre elas: desenhos, fotografias, slides, discussões, mesas-redondas, entrevistas semiestruturadas etc. As formas escritas apresentam estilo informal, narrativo, citações, exemplos e descrições. (IDEM, 1986).

ESTRATÉGIAS PARA COLETA DE DADOS

Para desenvolver esta pesquisa, utilizei três estratégias de coleta de dados. Uma delas é a análise da Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (Seduc, 2011), bem como o apoio em minha experiência para narrar como gestora esse momento de implantação e efetivação dessa política. A outra são as entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns professores do Ensino Médio Politécnico, tendo como critério o trabalho com a disciplina de Seminário Integrado e, também, com outras disciplinas, dentro das Áreas do Conhecimento de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e

Ciências Humanas. Portanto, quatro sujeitos que devem ser os articuladores da proposta interdisciplinar do Seminário Integrado⁶ na escola.

As entrevistas foram transcritas para posterior análise dessas narrativas, para o levantamento de todas as possíveis variantes pertinentes, que são denominadas de unitarização (Moraes e Galiuzzi, 2006), e distintas de acordo com seu significado. Posteriormente a isso, realizei a categorização, que consiste na articulação dos significados semelhantes das unitarizações, as quais puderam evidenciar diversas categorias de análise.

Dessa forma, para o encontro com as categorias que emergiram, pretendo me apoiar na Análise Textual Discursiva (ATD) que, segundo os autores Moraes e Galiuzzi (2006), é uma análise de dados que pode levar a duas reconstruções simultaneamente:

[..]1.do entendimento de ciência e de seus caminhos de produção; 2. Do objeto da pesquisa e de sua compreensão. Argumenta-se no texto, sempre a partir das vivências de quem passou pelo processo, que a análise textual discursiva cria espaços de reconstrução, envolvendo-se nisto diversificados elementos, especialmente a compreensão dos modos de produção da ciência e reconstruções de significados dos fenômenos investigados. (2006, p. 118).

Logo, no momento em que esta política pública de reestruturação curricular proposta para o Ensino Médio chega ao “chão de cada escola” e sofre as interferências dos sujeitos – os quais de fato são os protagonistas deste processo de implantação e que, por sua vez, são movidos a partir de suas vivências naquele grupo específico, de acordo com sua realidade, enquanto comunidade escolar e do contexto social que os cerca – é que se dará a dinâmica do processo.

E ao investigar as ações desses sujeitos, pode-se entender os modos de produção da ciência e seus significados, tendo a percepção de possíveis reconstruções. Portanto, compreender como uma política pública educacional se constitui a partir de uma legislação, a qual foi elaborada por um grupo de pessoas que compõem por um tempo determinado governo, e observar o seu percurso até ser efetivada no cotidiano escolar, é uma forma de entender a ciência e seus caminhos de produção sobre o objeto de estudo em questão.

⁶Seminário Integrado: Disciplina que consta da Parte Diversificada da matriz curricular, distribuída do 1º ao 3º ano, em carga horária crescente por série, que tem a intenção de servir de elemento de ligação entre as demais disciplinas no desenvolvimento dos projetos, constituindo-se, portanto, em espaço de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso. (SEDUC, 2011).

Assim, a problemática presente e que aponta para alguns desafios desta pesquisa foi compreender essas políticas a partir do espaço escolar. Assim, surgiram neste contexto, minimamente, duas questões instigadoras e motivadoras para a realização da pesquisa. São elas:

1. Quais transformações estão ocorrendo no *locus* da pesquisa em consequência da reestruturação curricular proposta para o Ensino Médio a partir da implantação da política pública para o Ensino Médio Politécnico da Seduc - RS?

2. Será que uma política pública, em termos de propostas implementadas pelo Estado - RS, poderá ser um dos fatores responsáveis na promoção de uma melhoria do sistema público da rede estadual de Ensino Médio?

OBJETIVO GERAL

Compreender quais os possíveis impactos do Ensino Médio Politécnico no trabalho docente no *locus* da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Interpretar o texto da Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio⁷ (SEDUC, 2011).

2) Analisar os possíveis impactos sobre a dinâmica escolar e a prática docente, na escola locus, como consequência da implantação desta política pública educacional através dos sujeitos da pesquisa.

Com estes propósitos, no próximo capítulo, apresentarei uma revisão da literatura em que me apoiei.

⁷ Disponível em: www.educacao.rs.gov.br.

Como era de se esperar

As bocas da delação

Começaram a dizer coisas

Aos ouvidos do patrão

Mas o patrão não queria

Nenhuma preocupação

- “Convençam-no” do contrário –

Disse ele sobre o operário

E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário

Ao sair da construção

Viu-se súbito cercado

Dos homens da delação

E sofreu, por destinado

Sua primeira agressão.

Teve seu rosto cuspid

Teve seu braço quebrado

Mas quando foi perguntado

O operário disse: Não!



CAPÍTULO III

REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Gestão escolar

3.1.1. As concepções de gestão da educação e da escola a partir da Constituição Federal de 1988

A organização e os processos de administração da escola pública assumem diferentes modalidades dependendo das finalidades sociais e políticas em relação à sociedade e à formação dos alunos. Libâneo et al (2002) registra que, ao considerar uma linha contínua, pode-se imaginar duas concepções extremas – a técnico-científica e a sociocrítica, sendo cada qual situada nos extremos desta linha imaginária:

- Na primeira concepção, a direção é centralizada em uma pessoa, sendo que as decisões são hierarquizadas, ou seja, de cima para baixo, em que não há participação dos demais atores envolvidos.

- Na segunda, a organização escolar é formada por um sistema que agrega pessoas, através do qual são estabelecidas interações sociais com um contexto sociopolítico, no qual são consideradas as formas democráticas de tomada de decisão.

Neste cenário, a organização da escola é uma construção social levada a efeito pelos professores, funcionários, alunos, pais e integrantes da comunidade em que a escola se insere. Isso justifica um processo de tomada de decisão coletivo, abrindo aos membros do grande grupo a possibilidade de discutir e deliberar em uma relação de colaboração.

Segundo Libâneo et al. (2002), ao considerar alguns estudos sobre organização e gestão escolar, podemos representar de forma esquemática, quatro concepções: a técnico-científica, a autogestionária, a interpretativa e a democrático-participativa. A concepção técnico-científica é baseada na hierarquia de cargos e funções, regras e procedimentos administrativos. É mais conhecida como administração clássica ou burocrática e, mais recentemente, é chamada de modelo de gestão da qualidade total.

A concepção autogestionária baseia-se no fazer coletivo e na ausência de direção centralizada e participação direta e igualitária pelos membros da instituição. Libâneo et al. (2002, p. 325) afirma que “[...] valoriza especialmente os elementos instituintes (capacidade do grupo de criar, instituir, suas próprias normas e procedimentos) ”.

A concepção interpretativa leva em conta como prioridade a análise dos processos de organização e gestão, os significados subjetivos, as intenções e a interação das pessoas. (IDEM).

Ainda segundo os mesmos autores, a concepção democrático-participativa é baseada na relação orgânica entre os diretores e a participação dos demais membros da equipe e valoriza a importância da busca de objetivos comuns assumidos pelo grande grupo. Defende, também, a forma coletiva de tomada de decisões, em que todos avaliam e são avaliados, todos dirigem e são dirigidos.

Saliento ainda que na Constituição Federal de 1988, a concepção democrático-participativa é definida como um dos princípios balizadores de educação. Este princípio da gestão democrática da escola pública, institucionalizada pela Constituição Federal de 1988 e legitimada pela LDB, Lei nº 9394/96, estabelece:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (MEC, 1996).

Para discorrer e apresentar melhor as ideias sobre administração ou *gestão democrática da escola* são relevantes algumas abordagens iniciais sobre o conceito destes termos. Para administração, pode-se considerar a seguinte definição:

A palavra administrar tem sua origem no latim, e seu significado original implica subordinação e serviço: *ad*, direção para, tendência; *minister*, comparativo de inferioridade; e sufixo *ter*, que serve como termo de comparação, significando subordinação ou obediência, isto é, aquele que realiza uma função abaixo do comando de outro, aquele que presta serviço a outro. (CHIAVENATO, 1982, p. 3).

Sendo assim, posso dizer que se existe uma instituição, uma empresa, uma entidade social de pessoas, esta tem a necessidade de ser gerida ou administrada. Logo, a gestão é um ramo das ciências humanas porque trata com grupo de pessoas que tem por objetivo o crescimento através do esforço humano organizado, com vistas a objetivos comuns.

Por sua vez, a palavra democracia, segundo Aranha (2007), é formada por dois termos de origem grega: *demos* (povo ou comunidade de cidadãos) e *kratía* (governo, poder). Dessa forma, pode-se entender democracia como governo do povo ou governo de todos os cidadãos. Observam-se na literatura vários conceitos para a democracia e genericamente são fundamentados na noção de uma comunidade política, na qual todos os cidadãos têm o direito de participar dos processos políticos decisórios. O norteamento dá-se pelos princípios de liberdade de opinião e expressão, dignidade e respeito humano, e igualdade de direitos e deveres, ou seja, igualdade jurídica com a garantia de acesso equivalente para todos espaços e benefícios sociais diversos.

Já a palavra escola, assim como democracia, deriva do grego *scholé*. Originalmente, significando lazer e tempo livre. Atualmente, encontra-se para *escola*, segundo o dicionário on-line⁸ Aurélio, a definição de “estabelecimento onde se ensina; [...] o que proporciona instrução, experiência”.

No encontro e na relação dos termos *gestão, democracia e escola*, passo, então, a fundamentar e entender o conceito e a dinâmica da Gestão Democrática da Escola. Isso visto que inseridas na sociedade e interagindo diretamente com ela estão as instituições escolares, uma vez que estas atuam substancialmente na formação humana e intelectual dos sujeitos. Isso com o propósito de ajudá-los na sua autoconstrução, enquanto cidadãos íntegros, qualificados, de pensamento crítico e à prática de ações que geram o bem comum.

3.1.2 O conceito de gestão democrática

De acordo com Lück (2009), pode-se definir a gestão democrática da escola como o processo em que se criam condições e são estabelecidas as orientações necessárias para que os indivíduos de uma coletividade tomem parte de forma

⁸<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Escola.html>>. Acessado em: 05/05/2013 às 14h22min.

regular e contínua das decisões e que simultaneamente assumam os compromissos inerentes às suas atribuições de forma a concretizá-las.

Para Ferreira (2004), o modelo de gestão de uma instituição é uma maneira particular de:

[...] planejar, organizar, decidir, coordenar e avaliar suas ações. Ele define os processos de tomada de decisões (com impacto no presente e no futuro) e os fluxos de trabalhos; a estrutura (formas de dividir o trabalho, distribuir autoridade e alocar responsabilidade); os mecanismos de integração e coordenação; e os instrumentos de planejamentos. (p.21).

Sendo assim, percebo que a gestão educacional está passando por modificações significativas em que práticas consolidadas por longo tempo dão lugar a uma maneira reflexiva, dialógica e flexível de administrar. Nesse caminho, aceitar o dinamismo da vida em sociedade e, portanto, da escola é fundamental.

A relevância da gestão democrática da escola vem sendo abordada e discutida já há algum tempo por governos e educadores. A partir disso, observo que é construída paulatinamente dentro das escolas, podendo ser concretizada a partir do compartilhar de responsabilidades, tendo como ponto de partida a busca pela tomada de consciência dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar de que mudanças são necessárias e de que participar é fundamental para a garantia das melhores escolhas para o grupo em questão. (LÜCK, 2009).

É fundamental a articulação entre direitos e deveres, fazendo-se necessário, portanto, apropriar-se destes para atuar no sentido de ações democráticas, além de conhecer os bens e serviços dos quais se pode usufruir. Deve-se ter a plena convicção de que se tem a responsabilidade de melhorar a sua qualidade, através da participação consciente visando sempre ao bem coletivo.

Para Gadotti (1999), a viabilização e a concretização da gestão democrática poderão ocorrer se esta for alicerçada em um Projeto Político Pedagógico (PPP) elaborado pela comunidade escolar. E que vise não simplesmente reformular o velho sistema formal da escola em que a centralização do poder ditava as normas e exercia o controle técnico-burocrático, pois na sociedade em que se vive cresce a necessidade de autonomia em oposição às uniformizações e à implantação das singularidades de cada região, de cada localidade, enfim, de cada cultura.

A multiculturalidade é marca característica do meio em questão. Por isso se salienta a importância da gestão democrática que tenha um PPP que atenda às

exigências da realidade em que a escola se insere, mesmo em um cenário marcado pela diversidade, que seja entendido como um processo inacabado, uma fase cuja finalidade permanece no âmago da escola. Portanto, observamos que “[...] um projeto necessita sempre rever o instituído para, a partir dele, instituir outra coisa.” (GADOTTI, 1999, p.1).

Segundo o pensamento do mesmo autor, o PPP deve se apoiar no desenvolvimento da consciência crítica, na participação da comunidade escolar e do seu entorno, na cooperação de várias esferas de governo, na autonomia, responsabilidade e criatividade como processo e como produto do projeto. Sua construção ou reformulação é um momento importante de renovação da escola, portanto, requer ousadia e é construído de forma interdisciplinar.

A partir da afirmação de que “todo o projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro”. (GADOTTI apud VEIGA, 2000, p.1), entendo um movimento na busca de um estado geral melhor do que o presente, o que poderá ser conquistado apenas com o comprometimento de todos os participantes da vida da escola.

Para isso, é preciso tempo. Tempo, sobretudo para amadurecimento de ideias, para o diálogo, o qual depois de refletido por cada indivíduo poderá gerar a adesão voluntária para que assim não seja imposto, existindo a corresponsabilidade das partes. O que acredito ser fator determinante para o sucesso da implantação e efetivação do projeto. O qual deve ser avaliado constantemente para que se observe se os objetivos estão sendo atingidos, e que, em caso contrário, seja possível fazer as necessárias mudanças para o sucesso neste intento.

Dessa forma, o ato de planejar mostra-se como uma atividade inerente a toda a ação humana por ser a base para a organização no desenvolvimento de estratégias a fim de alcançar os objetivos almejados. É processo de reflexão e avaliação contínuo, envolvendo, segundo Lück (2009), as operações mentais de identificar, analisar, prever e decidir. Orientando estas operações, tem-se alguns elementos fundamentais na forma de questionamentos que promovem uma mudança no sentido de realizar o objetivo. A seguir, apresento o conjunto dos elementos apontados pela autora que ilustra de forma sistemática os referidos elementos fundamentais:

O que diz respeito ao conteúdo da ação, o conceito principal a ser trabalhado.

Por que se refere aos pressupostos da ação, os antecedentes da orientação para se estabelecer uma linha de ação.

Para que diz respeito aos objetivos, as mudanças a serem alcançadas, os resultados a serem promovidos.

Como se refere aos métodos, técnicas, procedimentos e passos das ações.

Quando se refere à especificação do tempo necessário para a realização de uma ação e sua cronologia.

Onde consiste nas circunstâncias de espaço.

Com quem nomeia as pessoas a serem envolvidas como agentes.

Para quem aponta o beneficiário da ação. (LÜCK, 2009, p. 36).

Com esses elementos, passo a observar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/1996), que determina, entre outras questões, a elaboração, execução e avaliação, pelos estabelecimentos de ensino, de suas propostas pedagógicas (Art. 12º da Lei 9394/96). A legislação define, também, normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios estabelecidos pelo Art. 14º nos incisos:

- I. participação dos profissionais de educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II. participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares equivalentes.

Dessa forma, o PPP, sendo um instrumento balizador para os afazeres educacionais e, conseqüentemente, para a prática pedagógica das escolas, e direcionando a gestão e as atividades educacionais na tentativa de caminhar na direção da educação que se deseja promover, pode ser visto como “[...] um instrumento teórico-metodológico que organiza a ação educacional do cotidiano escolar, de forma refletida, sistematizada e orgânica”. (VASCONCELLOS, apud LÜCK, 2009, p.38).

Considero relevante reiterar que o PPP é um documento que manifesta as intenções e o modo de operação, ou seja, a dinâmica com que a equipe escolar irá desenvolver as formas de organização para que seja viabilizada a efetivação deste projeto, pois não basta tê-lo, é preciso levá-lo a efeito.

Como forma de sintetizar essas ideias, trago o pensamento de Veiga (2001), através da obra de Lück (2009), que caracteriza um PPP:

- I) Ser construído a partir da realidade, explicitando seus desafios e problemas;
- II) Ser elaborado de forma participativa;

- III) Corresponder a uma articulação e organização plena e ampla de todos os aspectos educacionais;
- IV) Explicitar o compromisso com a formação do cidadão e os meios e condições para promovê-la;
- V) Ser continuamente revisado mediante processo contínuo de planejamento;
- VI) corresponder a uma ação articulada de todos os envolvidos com a realidade escolar. (VEIGA apud LÜCK, 2009, p.38).

3.1.3 O papel do gestor na gestão democrática

A implementação de um PPP que atenda o explicitado deve ser garantida através da liderança, da orientação e do comprometimento do gestor escolar e da equipe diretiva, lembrando que o foco do processo educacional é sempre o aluno. Com isso, observo a relevância do trabalho do gestor para a concretização deste projeto.

Neste sentido, para tentar consolidar a gestão educacional democrática, o gestor tem como grande desafio fazer com que a comunidade escolar sinta-se motivada a participar das ações da escola, sendo, assim, agentes diretos de transformação.

E, acreditando que os sujeitos se constituem individual e coletivamente na comunhão e na diversidade de ideias, e embora a influência dos mecanismos reguladores que muitas vezes apresentam-se através das políticas públicas, é importante que todos os indivíduos apercebam-se de que “o ser humano é, naturalmente, um ser de intervenção no mundo, a razão de que faz a História. Nela, por isso mesmo, o ser humano deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto” (FREIRE, 2000, p.119).

Sendo assim, o gestor poderá tentar despertar em cada sujeito a relevância de sua atuação reflexiva e crítica na vida da escola. Em que cada ser é parte integrante do processo democrático através da exposição de seus pensamentos e percepções, no compartilhar das angústias, no dividir das responsabilidades, visando a melhores soluções, cooperação e entrosamento entre estes sujeitos no ambiente escolar como em seu entorno.

O gestor está longe de ser alguém infalível ou fonte de solução para todos os problemas da escola, uma vez que é parte de uma equipe. Cito, portanto, algumas características que considero relevantes à práxis: ser dinâmico, motivado e responsável, estar em constante aprendizado, buscar o seu aperfeiçoamento, ser

um incentivador de professores e funcionários no sentido da atualização, formação continuada e comprometimento com as mudanças, atuar como líder, delegar funções, bem como formar pessoas que o acompanhem em suas tarefas abertas ao diálogo e às transformações. Sendo assim, como Lück (2002), observo que:

As escolas atuais necessitam de líderes capazes de trabalhar e facilitar a resolução de problemas em grupo, capazes de trabalhar junto dos professores e colegas, ajudando-os a identificar suas necessidades de capacitação e a adquirir as habilidades necessárias. (LÜCK et al., 2002, p.34).

Sendo a escola pública um bem público e ao considerar que está garantida pela constituição a acessibilidade de todos os brasileiros à educação, pode-se entender a gestão escolar democrática como um novo processo de administrar a escola. Que vem em substituição às velhas práticas centralizadas em uma figura pontual, o diretor, que deliberava todas as decisões em que ficavam destacadas as relações de subordinação.

A democracia, como princípio fundamental, e a participação, como condição para que a gestão democrática da escola aconteça, tornam necessárias a participação de todos os agentes envolvidos neste processo. Assim, cabe ao gestor garantir a implantação e a consolidação de mecanismos de participação, tais como o Conselho Escolar, o Círculo de Pais e Mestres, o Grêmio Estudantil, entre outros. Portanto, não é possível separar as dimensões políticas, administrativas e pedagógicas do trabalho do gestor, que atua como mentor, interagindo com as pessoas responsáveis pelas rotinas da escola, para, assim, intervir e influenciar na definição das metas, a fim de alcançar a harmonia entre as dimensões citadas, relacionando-as.

A dimensão política do trabalho do gestor, segundo Oliveira et al (2012), passa pelos processos democráticos, no caso das escolas estaduais, através das eleições para a investidura ao cargo. Após a posse no cargo, o gestor tem o grande compromisso de viabilizar outros processos políticos democráticos dentro da escola ao instaurar os mecanismos de participação anteriormente citados. Pois são eles os representantes dos diversos segmentos da escola, ou seja, da comunidade escolar. Uma vez instaurados, deverão dar a garantia da participação da maioria para que se torne possível a tomada de decisão em conjunto, relativa aos problemas que a escola possa estar enfrentando, decidindo assim pelas melhores soluções possíveis.

A dimensão administrativo/financeira diz respeito ao compromisso do gestor em garantir o cumprimento e a aplicabilidade das leis em sentido amplo. “Recursos não valem por si mesmos, mas pelo uso que deles se faz, a partir do significado a eles atribuído pelas pessoas e a forma como são utilizados por elas na realização do processo educacional”. (LÜCK, 2002, p. 107).

Neste sentido, o gestor tem o dever de gerenciar os recursos provenientes dos governos municipal, estadual e federal, aplicando-os de forma organizada e prudente, contemplando sempre as prioridades anteriormente definidas através do Plano de Aplicação Financeira, tendo como orientação a filosofia e os princípios da escola definidos no PPP, bem como suprimindo outras urgências que possam surgir no decorrer do ano letivo. Assim, é promovido o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, além do zelo pelo patrimônio público, atuando de forma a conscientizar sua comunidade escolar de que todos são utilitários dos bens e beneficiários dos serviços oportunizados pela instituição escolar.

A dimensão pedagógica é a orientadora de todo o processo que efetivamente acontece nas atividades escolares, bem como nas administrativas. E deve ser vista como o coração da escola, pois a ela convergem todas as outras dimensões. Tem a responsabilidade do olhar atento ao trabalho docente, interferindo na prática pedagógica sempre que se fizer necessária para a melhoria da mesma, com o propósito de orientar, incentivar e viabilizar oportunidades pedagógicas especiais aos alunos com dificuldades de aprendizagem e necessidades especiais no campo da educação.

Destaca-se que a motivação e orientação consciente e sistemática para a formação e aprendizagem dos alunos deve ser a tônica de todas as ações praticadas na escola. Esse trabalho somente será completo, a partir do cuidado para diminuir a intensidade e a frequência das que não têm esse papel, constituindo-se, em consequência, em uma das ações importantes da gestão pedagógica exercida pelo diretor escolar. (LÜCK, 2002, p.98).

Portanto, ainda segundo a autora, a dimensão pedagógica constitui o centro de todas as demais e para qual as outras convergem de vez que esta se refere ao foco principal do ensino com o intuito de promover a formação e a aprendizagem dos alunos para que, assim, eles possam desenvolver as competências sociais e pessoais que teoricamente são os objetivos da escola para o exercício da cidadania e para se realizarem como pessoas e, assim, terem qualidade de vida.

Relevante se faz a aproximação do gestor com os alunos, com vistas a melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Isso pode se dar interagindo através de visitas, oportunizando um diálogo aberto em que tenham a oportunidade de exporem suas dúvidas, necessidades e anseios quando estiverem em sala de aula, bem como nos momentos de socialização em espaços de recreação.

O gestor é o grande comunicador neste processo de democratização, orientado por um caráter pedagógico. E é nesta vivência educativa da gestão democrática em que encontro a possibilidade de mudança. Logo, posso dizer que a gestão escolar democrática deve ser um instrumento de transformação das práticas escolares e depende do compromisso de todos, governo e escola, para que efetivamente aconteça.

Portanto, posso concluir, a partir dessas reflexões, que a gestão democrática é um processo permeado de ações, orientadas pela prática do exercício da cidadania e da autonomia. E que, embora a diversidade de opiniões, assim como em qualquer grupo social, é necessário dialogar, posicionar-se, saber ouvir e respeitar as ideias divergentes. Com isso, visa-se à conformidade de opiniões na escolha do que deve ser a melhor decisão para a maioria dos participantes do grupo.

Contudo, nesta questão percebo uma caminhada a passos lentos, com ideias que se perdem no tempo, com a descontinuidade dos projetos em cada vez que há uma transição de governo. O que demonstra a falta de continuidade de políticas efetivas, que realmente visem a uma educação de qualidade para todos os brasileiros. Exige-se muito das escolas, nas pessoas dos gestores e professores, mas, reitero, esta responsabilidade deve ser de todos, sobretudo, dos governos.

Regulamentando o trabalho do gestor escolar, nas pessoas que compõem a Equipe Diretiva, tem-se a Lei nº 10.576 de 14 de novembro de 1995, atualizada até a Lei nº 13.990 de 15 de maio de 2012. Esta dispõe sobre a Gestão Democrática do Ensino Público e dá outras providências. Nela, estão presentes os seguintes princípios:

- I – Autonomia dos estabelecimentos de ensino na gestão administrativa, financeira e pedagógica;
- II – Livre organização dos segmentos da comunidade escolar;
- III – Participação dos segmentos da comunidade escolar nos processos decisórios em órgãos colegiados;
- IV – Transparência dos mecanismos administrativos, financeiros e pedagógicos;

V – Garantia da descentralização do processo educacional;
VI – Valorização dos profissionais da educação;
VII – Eficiência no uso dos recursos. (Lei 13.990, 2012, p.1).

Algumas considerações são relevantes na análise destes princípios. Por exemplo, o conceito de autonomia expressa neste contexto a liberdade em gerir. Mas observa-se um contraponto na sua aplicabilidade nas rotinas administrativas, financeiras e pedagógicas, uma vez que administrativa e pedagogicamente, percebe-se uma autonomia sutil ao passo que a escola está fortemente atrelada aos desígnios das Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), no caso das escolas estaduais. Esse atrelamento dá-se no que diz respeito a gerenciar os recursos humanos, bem como as práticas pedagógicas, nas quais existe uma flexibilidade mínima, quando existe.

Para elucidar a situação, cito um fato ocorrido no início do ano letivo de 2013. Em reunião para os gestores, o coordenador da 5ª CRE divulgou que as escolas deveriam realizar o Plano Estratégico de Transformação da Avaliação Excludente, imposto pela Secretaria Estadual de Educação (Seduc) às escolas de Ensino Médio Politécnico, no intuito de tentar reverter os índices de reprovação dos alunos dos primeiros anos desta modalidade de ensino, pois os professores poderiam ter se equivocado no processo de transição de notas para pareceres. Isso, para muitos professores, foi sentido como um ato de desrespeito com o seu trabalho junto aos alunos.

Com relação à autonomia financeira, há um regimento pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), ou seja, lei complementar nº 101/00, que constitui o principal instrumento regulador das contas públicas do país, além da Lei nº 8.666/93 que versa sobre as Licitações e, em âmbito estadual, a já citada lei da Gestão Democrática nº 13.990/12.

Entende-se por autonomia financeira o gerenciamento da verba proveniente do governo estadual, cujo valor depende do número de alunos de cada estabelecimento de ensino (aproximadamente R\$ 4,80 por aluno mensalmente), com fins ao subsídio da manutenção da escola. Isso se refere ao material de consumo destinado às rotinas de expediente da secretaria escolar e ao uso nas rotinas pedagógicas, nos afazeres dos professores e dos alunos, além de uma pequena cota para a compra dos considerados equipamentos ou materiais permanentes.

As escolas estaduais dispõem, também, da conta do Caixa Escolar para o gerenciamento dos recursos destinados à merenda, a qual é adquirida através de orçamento, licitação ou tomada de preço, conforme os valores destinados a cada estabelecimento. No mínimo 30% do valor total deste repasse deve ser destinado à aquisição de gêneros da agricultura familiar, ou seja, do pequeno produtor com o propósito de incentivá-los. No entanto, na prática, observa-se falha neste intento devido às exigências legais, pois os pequenos agricultores não conseguem atendê-las por falta de recursos. O que limita os fornecedores e obriga a escola a adquirir estes gêneros de cooperativa-monopólio da região.

Além dos recursos oriundos do Estado, cabe à escola administrar as verbas advindas dos programas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), criado em novembro de 1968, vinculado ao Ministério da Educação (MEC). Estes recursos provêm do Salário-Educação, que é cobrado das empresas cadastradas junto à Previdência Social. Portanto, devem ser aplicados a projetos educacionais e de assistência aos estudantes.

O FNDE contempla programas como Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)⁹, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Mais Educação (PME), Programa Ensino Médio Inovador (Proemi) – estes quatro citados com gerenciamento de recursos por parte da escola –; além de Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional Saúde do Escolar (PNSE). Com relação ao transporte escolar, o governo dispõe de dois programas: o Caminho da Escola e o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE).

A Lei da Gestão Democrática, nº 13990/12, tem como sexto princípio a valorização do profissional da educação. Neste item, percebe-se que, embora haja iniciativas por parte dos governos de ampliar os programas de formação continuada, de criar propostas de políticas de reajuste salarial e tentativas de reformulação do plano de carreira que contemplem as demandas concernentes ao incentivo aos profissionais da educação, estas se apresentam muito aquém do quadro real das necessidades destes trabalhadores.

⁹ O repasse do PDDE encontra-se em atraso. A escola *locus* recebeu apenas a 1ª parcela relativa a este recurso no exercício de 2014, sendo o valor aproximado por aluno de R\$ 14,28.

Percebe-se que as políticas públicas para a educação acabam alterando a vida dos professores, suas rotinas de trabalho, assim como a sua formação, considerando que a atual conjuntura socioeconômica apresenta novas exigências e situações de vivências paradoxais.

De um lado, as tarefas são ampliadas com alto grau de exigência, por outro, nada além é ofertado aos profissionais da educação. Desse modo, a carreira continua apresentando dificuldades há muito tempo existentes. O que é corroborado pela literatura, nas palavras de Libâneo et al (2005, p. 277): “Passando por tempos difíceis, de desprestígio social, salários aviltantes, com péssimas condições de trabalho [...]”. O que, por consequência, não irá atrair as novas gerações para ocupar a digníssima tarefa de educador. Fato já observado em função da atual carência destes profissionais em inúmeras áreas do conhecimento.

Neste sentido, posso me apoiar nas palavras de Dewey (2001), grande pensador que desde o século 19 mantém-se atual, ao afirmar que se deve recusar a aceitar a responsabilidade de que o sistema escolar tenha o compromisso de transformar a ordem social existente, uma vez que a escola não é o único componente capaz de gerar tal transformação no complexo sistema de formação dos indivíduos. As escolas podem, na verdade, ser entendidas como parte integrante de um vasto contexto social e, conjuntamente com outras instituições, participar nessa transformação. Se o fizerem, entende Dewey (2001), estarão já cumprindo seu propósito social.

Observo que diante da evolução mundial, do advento da tecnologia, das exigências do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), da Politecnia, em nível de Ensino Médio da rede estadual, dentre outras solicitações que a sociedade atual exige, faz-se imperiosa a transformação nas organizações escolares e a implantação da gestão democrática. Logo, “sempre que a sociedade defronta-se com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas à escola”. (PENIN e VIEIRA, 2002, p. 13).

Partindo do pressuposto de que a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 2º da Lei 9.394/1996), percebo, quando da concretização prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que tal finalidade, através da oferta da educação escolar, encontra obstáculos para ser

plenamente alcançada em função de não haver uma política didático-pedagógica implementada pelos governos, pois observo que a educação está sempre à mercê das transições político-partidárias.

Essas políticas com conotação de solucionar os problemas vivenciados pela educação, geralmente, trazem mais problemas do que soluções. Uma vez que, neste contexto dentro das escolas, os educadores entram em conflito na tentativa de suprir as demandas que surgem em função de atender as exigências da atual sociedade, para as quais muitas vezes não se sentem preparados. Um exemplo disso foi a instituição do Ensino Médio Politécnico no estado do Rio Grande do Sul, que gerou inúmeras situações-problemas para os gestores buscarem as adaptações e soluções possíveis dentro da sua realidade.

Nesses termos, segundo Carvalho (2005):

As políticas públicas, acompanhando as mudanças ocorridas na gestão empresarial, passam a implementar as reformas administrativas do setor educacional com base nos novos paradigmas e conferem ao administrador escolar uma importância estratégica. A descentralização operacional aumentou as responsabilidades da escola, levando seu gestor a se defrontar com novos desafios e a assumir o novo papel de coordenar a ação dos diferentes componentes do sistema educacional na tomada de decisões conjuntas, a estimular o trabalho em equipe e as dinâmicas de trabalho identificadas por cada escola, especialmente materiais. Ele torna-se o elemento central e fundamental para o encaminhamento do processo participativo no interior da escola e para sua integração com a comunidade. (p.163).

Contudo, neste contexto escolar tão diversificado, permeado de diferenças de ordens social e cultural, com sujeitos ativos (alunos, pais, professores e funcionários) de variadas procedências, seres únicos, com essências coerentes com suas vivências, há a importante presença do gestor ou diretor escolar. O qual, com um olhar sensível a estas pluralidades e de apropriação da realidade na qual a escola se insere, bem como da realidade do ambiente escolar para o qual deve trabalhar, tem a grande tarefa de executar a gestão dentro de uma dinâmica em conformidade com a legislação vigente, que seja didática, pedagógica, envolvente e que esteja em constante avaliação para que busque contemplar os princípios da gestão democrática.

Sendo assim, percebendo os movimentos que ocorrem na sociedade e que repercutem na escola, e vice-versa, além da interação entre ambas, penso que não acontecerá de forma efetiva a gestão democrática nas escolas. A menos que consciências sejam despertadas em todas as esferas de governo e nas escolas,

sem que a análise e a avaliação das ações sejam contínuas, na busca do envolvimento de todos os sujeitos participantes.

Para que, assim, estes sujeitos sejam capazes da auto-observação, da observação dos outros e, a partir disso, tenham condições de refletir sobre a forma como essas ações transformam a realidade que cercam eles e a sociedade, analisando-as criticamente. Assim talvez possam vislumbrar novos horizontes, elaborando ou reelaborando teorias para a fundamentação das práticas que levem a contemplar o grande objetivo das escolas que é formar cidadãos dignos, aptos para o trabalho, capazes de atuar com criticidade na sociedade, tornando-a melhor.

3.2 Políticas públicas

A palavra política, de um modo geral, prenuncia uma série de significados na história do mundo ocidental. Tem sua origem na acepção clássica derivada do adjetivo *polis* – *politikós* e faz referência a tudo que diz respeito ao urbano, público e social. De acordo com Shiroma, Moraes e Evangelista (2000), Aristóteles¹⁰ escreveu o primeiro tratado sobre política discutindo sobre natureza, funções, divisão do Estado e práticas de governo. Na sequência, a autora cita Bobbio (1982), assinalando que houve um deslocamento do significado do termo política para constituição de um saber relativamente organizado, dentro de um conjunto de relações das atividades humanas articuladas às coisas do Estado.

Nos tempos atuais, o termo política reporta-se ao conjunto de atividades que são imputadas ao Estado capitalista ou dele emanam. As autoras conferem ao termo política o seguinte conceito:

O conceito de política encadeou-se, assim, ao poder do Estado – ou sociedade política – em atuar, proibir, ordenar, planejar, legislar, intervir, com efeitos vinculadores a um grupo social definido e ao exercício do domínio exclusivo sobre um território e da defesa de suas fronteiras. (SHIROMA, MORAES, EVANGELISTA, 2000, p. 7).

Neste sentido, o Estado funciona como um agente de liberdade regulada no coletivo da sociedade, em que surgem forças que necessitam ser controladas, bem como forças que precisam de incentivo para que sejam estabelecidas, contemplando, ainda, a necessidade da defesa de seu território.

¹⁰Aristóteles nasceu em Estagira em 384 a.C. e morreu em 322 a.C. Escreveu entre outras, A Política que desde a sua época permanece influente até a atualidade. (HARWOOD, 2013, p. 28).

Os últimos decênios têm registrado o ressurgimento da importância do campo de conhecimento denominado políticas públicas, “[...] assim como das instituições, regras e modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação”. (SOUZA, 2006, p. 20). Segundo a autora, inúmeros fatores contribuíram para maior destaque desta área.

O primeiro fator que torna o campo mais visível refere-se às políticas restritivas de gastos, que passaram a fazer parte da agenda da maioria dos países em desenvolvimento. O segundo diz respeito às novas visões sobre o papel dos governos ao substituírem as políticas keynesianas¹¹ do pós-guerra por políticas restritivas de gastos. E o terceiro relaciona-se aos países em desenvolvimento e/ou recentemente democratizados, especialmente os da América Latina. Segundo a autora, para entender a origem e a ontologia de uma área do conhecimento, torna-se necessário vislumbrar seus desdobramentos, sua trajetória, bem como suas perspectivas. Enquanto área do conhecimento, a política pública nasce nos Estados Unidos, rompendo com a tradição europeia de estudos e pesquisas nesta área, que se preocupava mais com a análise sobre o Estado do que com a análise de governos, que é produtor por excelência de políticas públicas.

Nos Estados Unidos, a área de política pública desconsidera as bases teóricas sobre o papel do Estado, mas vai direto e de forma enfática nos estudos sobre a ação dos governos. Ainda segundo a autora, a política pública “[...] nasce como subárea da ciência política, abre o terceiro grande caminho trilhado pela ciência política norte-americana no que se refere ao estudo do mundo público”. (IBIDEM, 2006, p. 22). E relaciona os caminhos, a saber:

O primeiro, seguindo a tradição de Madison, cético da natureza humana, focalizava o estudo das instituições, consideradas fundamentais para limitar a tirania e as paixões inerentes à natureza humana. O segundo caminho seguiu a tradição de Paine e Tocqville, que viam, nas organizações locais, a virtude cívica para promover o ‘bom’ governo. O terceiro caminho foi o das políticas públicas como um ramo da ciência política para entender como e por que os governos optam por determinadas ações. (SOUZA, 2006, p.22).

Posso citar alguns dos principais fundadores da área das políticas públicas, como H. Laswell (1936) que introduziu a expressão *policy analysis* (análise de política pública), no sentido de conciliar o conhecimento científico com a produção

¹¹ Keynesianismo: Refere-se ao economista inglês John Maynard Keynes, que fez proposições contrariando o liberalismo. Defendia o Estado como agente indispensável na economia, afirmando que o mesmo tinha o dever de conceder benefícios sociais para que a população obtivesse um padrão de vida razoável. (FONSECA, 2010).

empírica dos governos. Também, H. Simon (1957) que elaborou o conceito de racionalidade limitada dos decisores públicos (policy makers). Seu argumento era de que a racionalidade desses decisores está sempre limitada por problemas do tipo informação incompleta, tempo para tomada de decisão, autointeresse dos decisores. Entretanto, segundo Simon, a racionalidade pode ser aumentada pela criação de um conjunto de regras e incentivos, enquadrando o comportamento dos atores na direção de interesses próprios.

Por sua vez, C. Lindblom (1959; 1979) questionou Laswell e Simon, propondo novas variáveis à formulação e à análise de políticas públicas, considerando as relações de poder e a integração entre as fases do processo decisório, em função da necessidade de incorporar outros elementos à sua formulação, tais como o papel das eleições, das burocracias, dos partidos etc. ED. Easton (1965) contribuiu definindo a política pública como um sistema, no qual existe a relação entre formulação, resultados e ambiente. Para este autor, os partidos, a mídia, os grupos de interesse influenciam nos resultados das políticas públicas.

Segundo Souza (2006) revisitada na obra de Mead (1995), as políticas públicas são definidas como uma área dentro do estudo da política que serve para analisar o governo frente a grandes questões públicas. Já na obra de Lynn (1980), são definidas “[...] como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos”. (p. 24). Assim como Peters (1986), que segue na mesma linha, considerando que são as atividades dos governos, que, através de delegação ou ação direta, influenciam a vida dos cidadãos. Ainda de acordo com a autora, as decisões e análises sobre políticas públicas são ponderadas a partir das seguintes questões: “[...] quem ganha o que, por que, e que diferença faz”. (p.24).

De um modo geral, as políticas públicas direcionam nossa atenção para o local em que acontecem os embates acerca dos interesses, ou seja, o próprio governo e:

[...] as definições de políticas públicas assumem, em geral, uma visão holística do tema, uma perspectiva de que o todo é mais importante do que a soma das partes e que indivíduos, instituições, interações, ideologia e interesses contam, mesmo que existam diferenças sobre a importância relativa destes fatores. (SOUZA, 2006, p. 25).

Resumo, então, política pública como sendo simultaneamente “*colocar o governo em ação e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente)*”. (p.26). Enfim, considero as políticas públicas como os programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas propostas pelo Estado/governos, que, ao serem implementadas, devem ficar submetidas a processos contínuos de acompanhamento e avaliação.

As políticas públicas são estrategicamente importantes para o Estado, especialmente as de caráter social vinculadas à saúde, educação, cultura, previdência, seguridade, informação, habitação e defesa do consumidor. Uma vez que é através destas que se revelam as características inerentes da intervenção do Estado, que fica, muitas vezes, à mercê dos interesses do capital na organização e na administração das políticas públicas, contribuindo para assegurar, ampliar e manipular os processos de escolha das representações das lideranças coletivas, assim como o controle social. (SOUZA, 2006, p.26).

De outro modo, o Estado procura equilibrar suas ações no que diz respeito aos comprometimentos com os diversos segmentos sociais em confronto. E observo que as políticas públicas educacionais revelam, na maioria das vezes, as contradições acima mencionadas, embora tragam em sua origem um viés humanista e benfeitor.

Com base nas considerações e definições sobre políticas públicas até aqui descritas, posso sintetizar alguns de seus principais elementos:

A política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato, faz.

A política pública envolve vários atores e níveis de decisão embora seja materializada através dos governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes.

A política pública é abrangente e não se limita a leis e regras.

A política pública é uma ação intencional, com objetivos a serem alcançados.

A política pública, embora tenha impactos no curto prazo, é uma política de longo prazo.

A política pública envolve processos subsequentes após sua decisão e proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação. (SOUZA, 2006, p. 36-37).

Ao refletir sobre as ideias contidas nesta síntese, relacionando-as com a política pública, objeto de estudo desta dissertação, percebo o quão importante é estar atento aos objetivos do governo ao implantar essa política, ao modo como ela

vem sendo desenvolvida nas escolas através do que tem sido delegado aos gestores, como deveres a cumprir, analisando criteriosamente o ônus e o bônus destas ações para que os objetivos se concretizem.

Considerando a classe dos professores os participantes informais, aponto a importância deles para que essa proposta se efetive na escola, uma vez que são, de fato, os sujeitos que podem fazer essa política pública acontecer. Portanto, esta pesquisa colabora em um dos processos subsequentes, indicados por Souza: a avaliação do processo de implantação do EMP.

3.2.1 Políticas públicas educacionais efetivadas na escola *locus*

Do meu ponto de vista, em atenção à educação básica, nos níveis fundamental e médio, destacam-se respectivamente, em relação aos níveis de ensino, duas linhas de ação: o Programa Mais Educação e o Programa Ensino Médio Inovador.

O Programa Mais Educação visa à implantação gradativa da educação de tempo integral. Nesta intenção, recursos financeiros são repassados às escolas públicas, a serem utilizados com atividades pedagógicas desenvolvidas através de oficinas, as quais são definidas a partir de um elenco de atividades pré-determinadas no programa, que devem ser ministradas por monitores, que são pessoas da comunidade. Logo, a definição das oficinas que a escola irá desenvolver e a seleção dos monitores fica a critério da Equipe Diretiva. Portanto, esta verba é utilizada na compra de materiais didáticos e pedagógicos, pagamento de monitores e alimentação dos alunos que permanecem o dia na escola.

O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral.[...] Esta estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas, e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. (MEC, 2007, p.7).

E, para o Ensino Médio, com o propósito de um repensar da estrutura curricular e das ações didáticas e pedagógicas, além de dispor de recursos para melhoria de infraestrutura das escolas, foi instituído o Programa Ensino Médio Inovador com base legal no Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) Nº 11/2009. (MEC, 2009).

Neste sentido, o programa tem o objetivo de colaborar com as políticas de fortalecimento desta modalidade de ensino tão questionada diante dos consideráveis índices de abandono e reprovação. Objetiva, também, promover maior qualidade nas práticas pedagógicas, para que estas, então inovadas, sejam estímulo para mudanças na organização curricular a partir da singularidade de cada aluno. Contudo:

[...] o Programa Ensino Médio Inovador não implica mudança da concepção de Ensino Médio da LDB, nem em formulação de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Pode evidentemente como toda a experiência exitosa, vir a induzir ou contribuir para uma atualização das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais, até mesmo devido à intenção declarada de estabelecer mudanças significativas no Ensino Médio, com uma nova organização curricular que possa fomentar as bases para uma nova escola dessa etapa da Educação Básica, mais contemporânea e interessante para os seus alunos. (MEC, 2009, p.7).

No entanto, na prática, observo que estes programas representam mais tarefas sob a responsabilidade da gestão escolar, uma vez ser objetivo do governo a Educação Integral¹². Porém, sem a preocupação prévia, por parte do mesmo, de propiciar as devidas condições de estrutura física e de recursos humanos, necessárias para tornar o programa viável de ser praticado. A falta destes cuidados, muitas vezes, compromete a dinâmica do programa, pois muitas determinações mostram-se impossíveis de concretizar em virtude de diversas peculiaridades que fazem parte da realidade de cada escola, como, por exemplo, a dificuldade de uma logística adequada às diversas situações de transporte escolar enfrentadas pelas escolas do campo.

Neste sentido, também, quando finalmente os recursos são disponibilizados à escola, a gama de burocracias para a administração destes, que devem ser gastos conforme a legislação dos programas, sem flexibilidades, gera uma extensa prestação de contas e árduo trabalho.

Sendo assim, apesar de a proposta pedagógica vir ao encontro de alguns dos anseios da comunidade escolar, o exposto revela uma sobrecarga de responsabilidades que envolvem gestores, secretários, coordenadores, supervisores e agentes educacionais (merendeiras e serventes). Isso faz com que algumas escolas optem por não aderir ou, após passar pela experiência e vivenciar o quão

¹² Na perspectiva de Anísio Teixeira, (MEC, 2009).

difícil é planejar, humanizar e dinamizar para que se alcance a otimização deste processo, resolvem sair dos programas, como meio de zelar pela integridade da saúde física e emocional destes poucos profissionais que o educandário dispõe para o trabalho. Fato ocorrido em minha escola que, após participar por um ano do Programa Mais Educação, foi tamanha a sobrecarga de trabalho gerada aos diversos profissionais envolvidos que se decidiu, através de discussão em reunião com o CPM e o Conselho Escolar, pelo desligamento da escola ao programa.

Relevante é abordar algumas iniciativas do Governo Federal no sentido de melhorar a qualidade do ensino básico, sobretudo, através da formação continuada dos professores por meio dos programas Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM). (MEC, 2012, 2014).

O PNAIC é um programa de formação para professores de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, que visa qualificar estes profissionais para que seus alunos estejam alfabetizados aos oito anos de idade, ao final do 3º ano. Durante estes três anos, os alunos não reprovam, avançando ano após ano até o terceiro, sendo que neste podem ficar mantidos até que os objetivos para esta etapa sejam atingidos. Este programa teve início para os professores vinculados à 5ª Coordenadoria Estadual de Educação (CRE), com sede em Pelotas (RS), em 2013.

Empenhados neste propósito, firmou-se o compromisso entre a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, através da Portaria nº 867, de 04 de julho de 2012, a qual instituiu o PNAIC, cujas ações têm por objetivos:

- I – Garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental;
- II – Reduzir a distorção idade-série na Educação Básica;
- III – melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB);
- IV – Contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores;
- V- Construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2012, p. 23).

No início do ano letivo de 2015, foram interrompidas as formações do referido programa em função da falta de repasse dos recursos do Governo Federal para este fim. No entanto, observei na escola *locus* desta pesquisa a aceitação deste programa pelos professores que expressavam sua motivação, pois as

temáticas trabalhadas nas formações podiam ser aplicadas de fato no desenvolvimento de suas aulas com os alunos.

Por sua vez, os professores do 4º ao 9º ano da minha escola sentiram-se excluídos por não terem sido contemplados com nenhum programa de formação continuada. Embora existam propostas neste sentido pelo Governo Federal, elencadas na página do MEC¹³, estas não chegaram a este grupo de professores.

Para o Ensino Médio foi instituído, em 22 de novembro de 2013, pela Portaria Ministerial nº 1.140, o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM), sendo Aloizio Mercadante o Ministro de Estado da Educação neste momento. O PNEM é um curso de formação para professores e coordenadores pedagógicos que atuam no Ensino Médio e tem por objetivos e metas:

Objetivos:

Promover a valorização do professor da rede pública estadual do Ensino Médio através da oferta de formação continuada;
Refletir sobre o currículo do Ensino Médio, promovendo o desenvolvimento de práticas educativas efetivas com foco na formação humana integral, conforme apontado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM).

Metas:

Superar as metas estabelecidas para o IDEB e PISA;
Melhorar indicadores de Fluxo no Ensino Médio;
Melhorar indicadores de proficiência em Português, Matemática e Ciências;
Avaliação censitária do Ensino Médio com resultados por rede e município. (MEC, 2013, p.8).

O programa estruturou-se e organizou-se na estrutura federal em articulação entre o MEC, as Instituições de Ensino Superior (IES) e as Secretarias de Estado de Educação. Nas escolas da rede estadual, vinculadas à 5ª CRE, o programa desenvolveu-se em parceria entre o MEC, a UFPel e a Seduc, que dispõem dos formadores regionais. Portanto, é de atribuição da 5ª CRE a indicação dos formadores regionais, que são professores que atuam na própria coordenadoria. (MEC, 2013).

Os formadores regionais, são responsáveis pela formação dos orientadores de estudo das escolas, que por sua vez, poderiam ser o coordenador pedagógico ou um professor que apresente o perfil exigido pela dinâmica do trabalho. Este deve ser um sujeito capaz de motivar o grupo na aceitação e adesão da proposta, mobilizando os professores para que o trabalho realmente se efetive na escola.

¹³ Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

O PNEM divide-se na escola em duas etapas, sendo a primeira composta por seis cadernos, abordando cada um deles os seguintes campos temáticos: Ensino Médio e formação humana integral; O jovem como sujeito do Ensino Médio; O currículo do Ensino Médio, seus sujeitos e o desafio da formação humana integral; Organização e gestão democrática da escola; Áreas de Conhecimento e Integração Curricular; e Avaliação no Ensino Médio. A segunda etapa contempla o estudo de cinco cadernos: Organização do trabalho pedagógico no ensino médio; Ciências Humanas; Ciências da Natureza; Linguagens; e Matemática. Os referidos cadernos foram elaborados pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). (MEC, 2014).

Este curso de formação continuada ocorreu como aperfeiçoamento, em modalidade presencial, sendo ministrado nas escolas pelos orientadores de estudo durante as horas de atividades dos professores, os quais ganharam uma bolsa de incentivo no valor de R\$ 200,00, durante dez meses. Este foi o tempo estimado de duração do curso, em que deveriam ocorrer os momentos previstos para as leituras individuais, as atividades coletivas, as quais seriam desenvolvidas de acordo com o material de apoio que compõe o programa. Contudo, foram destinados mais dois meses para a reescrita coletiva do Projeto Político Pedagógico da escola previsto na metodologia do curso, perfazendo um total de 12 meses de formação. (IDEM, 2014).

Para os professores estaduais vinculados à 5ª CRE (municípios da região de Pelotas), 12ª CRE (municípios da região de Guaíba) e 16ª CRE (municípios da região de Bento Gonçalves), o primeiro encontro do PNEM ocorreu de 14 a 16 de abril de 2014, na cidade de Pelotas, no auditório do IFSul. Neste, tiveram a oportunidade de ouvir, através de professores pesquisadores da UFPel, assuntos pertinentes às temáticas propostas pelo programa, o que foi muito proveitoso.

Entretanto, foram presenciadas, lamentavelmente, momentos constrangedores de tensão e desrespeito por parte da equipe da Seduc, presente no evento, com relação às professoras da UFPel, coordenadoras do PNEM, ao cancelarem a palestra de encerramento do evento de forma arbitrária e sem nenhum diálogo anterior com a equipe da IES, da qual eu fazia parte naquele momento como aluna do PPGECEM. Diante do mal-estar gerado, as professoras coordenadoras geral e adjunta do PNEM afastaram-se do programa. Assim, a UFPel teve que compor uma nova equipe. Após, com a indicação de que houve uma série de equívocos, o

Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio de nossa região foi aprovado ao final do mês de outubro de 2014, conforme informado em reunião organizada pela 5ª CRE.

Na escola Dr. Carlos Meskó, as formações aconteceram em duas tardes da semana com os professores divididos em dois grupos. Como o PNEM começou a ocorrer na escola a partir do mês de maio de 2014, a gestão escolar teve que adaptar a logística em curso para que fosse possível o desenvolvimento do programa durante as horas de atividades dos professores em conformidade com o documento orientador do MEC.

Logo, a primeira etapa em nossa escola ocorreu de maio a julho, em um exercício instigante e desafiador, levando ao movimento individual e coletivo. A professora orientadora, muito comprometida com a proposta, soube motivar o grupo. Assim, trabalhos maravilhosos dos professores foram apresentados aos alunos e, também, propostos a eles, que não deixaram a desejar. O grupo cresceu em aprendizado e união, estando todos de parabéns!

A segunda etapa estava prevista para iniciar no mês de agosto, porém, em virtude de os cadernos não estarem prontos, as atividades desta etapa só tiveram início no mês de outubro, assim que o material de apoio foi disponibilizado. No início das formações, alguns professores manifestaram-se dizendo que o curso era muito teórico e que sentiam falta de um estudo sobre utilização de mídias, por exemplo, o que poderia ensiná-los a planejar aulas mais motivadoras. O que reforça a opinião que tenho, ou seja, em educação estamos sempre defasados em relação aos recursos existentes.

Contudo, percebo que as ações práticas propostas por esta formação provocaram movimentos interdisciplinares inéditos na escola. Lamento ter havido um desencontro em nosso estado em virtude do Ensino Médio Politécnico ter ocorrido antes desta formação, pois a mesma tem auxiliado os professores a se aventurarem em práticas interdisciplinares. O que foi uma das propostas mais desafiadoras da disciplina de Seminário Integrado, que se tornou parte da matriz curricular a partir de 2012.

As ações acerca da educação, elencadas neste subcapítulo, são, segundo meus critérios e visão de gestora, as que preparam a compreensão do contexto dos próximos capítulos. Portanto, priorizei por tecer considerações mais abrangentes

das ações vigentes atualmente, as quais interferem diretamente na dinâmica escolar.

Assim, no capítulo IV será analisada a *Proposta Pedagógica de Reestruturação Curricular para o Ensino Médio Politécnico (2011-2014)*, bem como minha percepção como gestora frente ao EMP e suas implicações.



Em vão sofrera o operário

Sua primeira agressão

Muitas outras se seguiram, muitas outras seguirão.

Porém, por imprescindível

Ao edifício em construção

Seu trabalho prosseguia

E todo o seu sofrimento

Misturava-se ao cimento

Da construção que crescia.

Sentindo que a violência

Não dobraria o operário

Um dia tentou o patrão

Dobrá-lo de modo vário.

De sorte que o foi levando

Ao alto da construção

E num momento de tempo

Mostrou-lhe toda a região

E apontando-a ao operário

Fez-lhe esta declaração:

- Dar-te-ei todo esse poder

E a sua satisfação

Porque a mim me foi entregue

E dou-o a quem bem quiser.

Dou-te tempo de lazer,

Dou-te tempo de mulher.

Portanto, tudo o que vês

Será teu se me adorares

E, ainda mais, se abandonares o que te faz dizer não.

CAPÍTULO IV

A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO (2011-2014)

Autoridades, pesquisadores, professores e gestores têm apresentado questões referentes ao currículo, tais como: Qual é o melhor currículo? Deve ser único nas escolas brasileiras? Deve ser o mesmo dentro dos sistemas municipais e estaduais? Em primeiro lugar, deve atender as necessidades da comunidade na qual a escola se insere ou as necessidades da sociedade globalizada? Mas, e afinal, o que é mesmo currículo?

Estas indagações são decorrentes da preocupação que os profissionais da educação, assim como eu, devem atribuir a este relevante tema ao acompanhar as discussões e ir se envolvendo e participando delas, quando é possível. Mesmo que se tenha o cuidado para não deixar as autoridades, nas pessoas dos governantes, tomarem as decisões isoladamente, sobre o que deve ser ensinado nas escolas; sem levar em consideração a opinião dos sujeitos que realmente fazem as mudanças acontecerem no contexto escolar; muitas vezes ocorre que estes sujeitos não são chamados a falar e, o que é pior, quando o são, ninguém os escuta.

Essa falta de escuta é sentida, provavelmente, porque as transformações curriculares já foram pré-estabelecidas em gabinetes, quando a discussão abre-se à comunidade escolar. Quando não resta nada mais aos gestores e professores fazer, a não ser cumprirem a lei e adaptarem-se a ela. Logo, é oportuno que sejam feitas algumas considerações sobre currículo antes de passar a discorrer sobre a Proposta Pedagógica de Reestruturação Curricular para o Ensino Médio Politécnico.

Sem a intenção de esgotar o assunto acerca do currículo, é necessário esclarecer o que se entende por este termo, que é tão familiar a todos que trabalham nas escolas e nos sistemas educacionais. Também tem sido muito abordado nos meios de comunicação oral e escrita, servindo de discurso de nossas autoridades com propostas inesperadas, impostas, em sua maioria, de forma hierárquica (de cima para baixo), sem ao menos verificarem se as estruturas atuais das escolas comportam tamanhas mudanças, que repercutem

não só na reestruturação pedagógica, mas também na infraestrutura física das mesmas.

Cabe, então, entender as diferentes concepções associadas ao significado de currículo, as quais foram historicamente concebidas, bem como as influências teóricas que o afetam e o fazem hegemônico em um dado momento em diversos lugares. Fatores socioeconômicos, políticos e culturais contribuem para que currículo seja entendido como:

Os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais; os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. (MOREIRA, 2008, p. 18).

Dessa forma, conforme o autor, não há pretensão em considerar qualquer uma das afirmações anteriores como certa ou errada, uma vez que elas refletem inúmeros posicionamentos e pontos de vista teóricos, em que as discussões sobre currículo incorporam aos conhecimentos escolares, procedimentos e relações sociais que formam o cenário acerca das transformações que se deseja realizar nos alunos, dos valores que se deseja construir e das identidades que se pretende formar. Desta forma, entendo o currículo como experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, nas relações sociais e culturais, que contribuem para a construção de um perfil nos estudantes.

Enfim, associo ao currículo um conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com objetivos específicos das práticas pedagógicas e educacionais. Não esquecendo que, de forma particular, o currículo não é neutro e que há uma relação intrínseca com o capital cultural (NOGUEIRA E CATANI, 1998), o que poderá projetar no futuro grupos sociais diferentes, de forma que exista uma continuidade de submissão à classe dominante, uma vez que os currículos vigentes costumam solicitar à maioria dos alunos o que somente alguns poucos podem cumprir.

Portanto, o papel do professor no processo curricular é fundamental, sendo ele um dos grandes autores da construção dos currículos que efetivamente se materializam nas escolas e salas de aula. Pois este deverá, com seu olhar sensível, perceber que o aluno é um sujeito oriundo de um meio social concreto, com suas experiências de vida que devem ser consideradas, afinal, interferem

diretamente no seu desenvolvimento cognitivo. Logo, não é possível construir conteúdos curriculares obrigatórios e padronizados para indivíduos tão diferentes, procedentes de meios sociais diversos, reforçando as desigualdades e os interesses da classe dominante.

Com essa perspectiva e buscando a compreensão acerca da Proposta Pedagógica de Reestruturação Curricular (2011-2014) para o Ensino Médio, que tem por base a politecnia, passo a discorrer sobre a legislação que a ampara.

A Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e a Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio fundamenta-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 e nas propostas teóricas e metodológicas difundidas na academia, as quais acabaram em sua maioria emergindo como Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) de 2012.

O Ensino Médio passa a ter conteúdo concreto quando, em seus artigos 35 e 36, a LDBEN estabelece respectivamente suas finalidades, as diretrizes gerais para a organização curricular e a definição do perfil de saída do educando. O foco central do artigo 35 sinaliza não somente o preparo para prosseguir os estudos e o acúmulo de informações, mas deixa claro que a capacidade de continuar aprendendo, bem como a compreensão do mundo físico, social e cultural devem ficar estabelecidas na formação do estudante.

No sentido de superar a dualidade do Ensino Médio, a preparação dos estudantes deve estar voltada para todos os tipos de trabalho, ou seja, ter a compreensão da mobilidade nas demandas do mercado de trabalho. Assim, ressalta a relevância do entendimento de que é necessário continuar aprendendo, o que não significa que a preparação básica para o trabalho esteja voltada a algum componente curricular especial.

O artigo 36 preconiza as possibilidades de vínculo no exercício de uma profissão, além de reiterar a importância na formação geral e equalizar os cursos de Ensino Médio para efeito de continuidade de estudos. Em função disso, a LDBEN, coerente com o princípio da flexibilidade dos sistemas escolares, defende a possibilidade de colaboração e articulação institucional com o intuito de preservar a formação geral, bem como a formação profissional de forma a responder às diversidades do público jovem brasileiro, assim como do mundo do trabalho.

Em 24 de janeiro de 2012, o Conselho Estadual de Educação exarou o Parecer nº 156/2012, o qual “toma conhecimento da proposta da Secretaria da Educação de promover alterações em Planos de Estudos de cursos de ensino médio comum e Cursos Normais e em Planos de Curso de Educação Profissional, para o ano de 2012 [...]” (CEE, 2012), aprovando-o para exercício já no ano em questão. Também neste ano, este mesmo conselho, através do Parecer nº 310, de 04 de abril, “aprova o Regimento Escolar Padrão para o ensino médio ‘politécnico’ a ser adotado por escolas da Rede Pública Estadual que solicitarem credenciamento e autorização para o funcionamento deste curso a partir do ano letivo de 2012”. (IBIDEM, 2012).

Neste sentido, entendo que, por se tratar de uma proposta de reestruturação curricular encaminhada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul para todos os estabelecimentos de Ensino Médio da rede pública estadual, todas as escolas já estavam credenciadas e autorizadas, uma vez que nenhuma ação foi solicitada às mesmas para a formalização deste intento. Logo, em 27 de fevereiro, sob forte impacto, com muitas incertezas, inquietações e angústias a assolarem a mente de gestores e professores, iniciou-se o ano letivo de 2012.

Portanto, estava implantado o Ensino Médio Politécnico no Estado do Rio Grande do Sul, sendo este pioneiro ao se lançar à frente dos demais, ao atender a Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Educação, a qual “define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, antes mesmo da aprovação desta.

A Secretaria de Educação do Estado (Seduc-RS) construiu sua proposta de reestruturação curricular com base no eixo “trabalho como princípio educativo” e “politecnia”, levando em conta os princípios orientadores – *pesquisa, parte-totalidade, teoria-prática, interdisciplinaridade e reconhecimento de saberes*. A reestruturação curricular baseou-se numa concepção de educação emancipatória que é sustentada por quatro fontes, a saber: epistemológica, filosófica, sócio antropológica e psicossocial.

Neste sentido, esse projeto tem como fundamento uma concepção de conhecimento compreendido como:

[...] um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório; a produção do conhecimento tem origem na prática do homem e nos seus processos de transformação da natureza. (SMED, 1999, p. 34).

De acordo com a proposta pedagógica, para que o Ensino Médio seja trabalhado numa perspectiva de aproximação da prática educativa com o mundo do trabalho e com as práticas sociais, deve articular:

- Uma formação geral sólida, que advém de uma integração com o nível de Ensino Fundamental, numa relação vertical, constituindo-se efetivamente com uma etapa da Educação Básica, a
- Uma parte diversificada, vinculada a atividades da vida e do mundo do trabalho, que se traduza por uma estreita articulação com as relações do trabalho, com os setores da produção e duas repercussões na construção da cidadania, com vista à transformação social, que se concretiza nos meios de produção voltados a um desenvolvimento econômico, social e ambiental, numa sociedade que garanta qualidade de vida para todos. (SEDUC-RS, 2011, p. 22).

O currículo ficou, então, organizado com 1500 horas para a formação geral do aluno e 1500 horas para a parte diversificada, entendendo a formação geral ou núcleo comum como um trabalho interdisciplinar com as áreas de conhecimento, com o objetivo de articular o conhecimento contextualizando com as novas tecnologias. Por sua vez, a parte diversificada trata da articulação das áreas do conhecimento a partir de experiências de vivências com o mundo do trabalho.

A articulação entre estes dois blocos do currículo dá-se por meio de projetos construídos através de seminários integrados realizados por professores e alunos desde o primeiro ano em complexidade crescente. A carga horária dessa parte conta no com o bloco diversificado, e é que é proporcionalmente distribuído distribuída do primeiro ao terceiro ano, constituindo-se de espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das atividades.

Pelo exposto, é relevante buscar compreender o termo *politecnia*, bem como os princípios orientadores desta nova forma de fazer o Ensino Médio, visando à apropriação do que é preciso mudar em nossas práticas de gestão e de docência para uma reestruturação ou adaptação do currículo, com o fim de atender os objetivos desta nova modalidade de ensino.

Segundo a proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e a Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, da Secretaria Estadual de Educação (Seduc), o termo *politecnia* foi descrito da seguinte forma:

- [...] pensar políticas públicas voltadas para a educação escolar integrada ao trabalho, à ciência e à cultura, que desenvolva as bases científicas, técnicas e tecnológicas necessárias à produção da existência e a consciência dos direitos políticos, sociais e culturais e a capacidade de atingi-los. (GRAMSCI, 1978, p. 17, apud, SEDUC).

A noção de politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. (SAVIANI, 1989, p.17, apud, SEDUC).

Politecnia fica, então, compreendida como o princípio organizador da referida proposta, que embora não seja *profissionalizante* deve estar voltada para o *mundo do trabalho* e das *relações sociais*, a fim de promover *formação científico-tecnológica e sócio histórica*, permeada por significados culturais, objetivando a compreensão e a *transformação da realidade*.

Portanto, a politecnia remete à integração das disciplinas com vistas à construção de caminhos formativos no sentido de integrar o conhecimento dos princípios orientadores às formas tecnológicas, levando em conta as *dimensões sócio históricas e os processos culturais*. Fundamenta-se nos seguintes princípios: relação parte-totalidade; reconhecimento dos saberes; teoria e prática; interdisciplinaridade; avaliação emancipatória e pesquisa. Esses princípios, de acordo com o documento orientador dessa proposta (SEDUC-RS, 2011), ficam assim sintetizados.

- A relação parte-totalidade implica a compreensão de fatos e realidades amplos e complexos partindo da escolha de conteúdos curriculares com o objetivo de estabelecer uma relação constante entre as partes e a totalidade, buscando um relacionar-se de forma permanente com a realidade. Portanto, “constitui-se como processo e exercício de transitar pelos conhecimentos científicos e dados de realidade, viabilizando a construção de novos conhecimentos, responsáveis pela superação da dificuldade apresentada” (SEDUC-RS, 2011, p. 17).

- O princípio orientador reconhecimento dos saberes diz respeito à orientação da construção curricular, procurando focar as práticas sociais como um processo de conhecimento da realidade e estabelecendo um diálogo entre os saberes das diversas áreas do conhecimento, no sentido de proporcionar a transformação da realidade pela ação dos próprios sujeitos.

- A relação teoria e prática deve se tornar um processo continuado entre fazer, teorizar e refazer. Dessa forma, a teoria não se torna vazia de significado nem a prática, mera atividade para executar tarefas de forma automática.

- A interdisciplinaridade deve ser vista como um processo dialógico entre os diferentes saberes, caminhando para o compromisso com o aluno na tentativa

de buscar um saber que conduza à articulação da realidade entre a produção de conhecimento e a utilização deste na vida real.

- A avaliação emancipatória insere-se no processo educacional como um meio de aprendizagem, sinalizando os avanços assim como a superação das dificuldades, dando oportunidade para refletir, inclusive, as práticas do professor para que o novo fazer pedagógico aconteça de fato, abandonando os velhos critérios controladores e autoritários como instrumentos do exercício de poder.

- A pesquisa enquanto processo integrado ao cotidiano da escola poderá garantir a apropriação adequada do real, bem como projetar possibilidades de intervenção. Sendo assim, um meio de construir novos conhecimentos, formar sujeitos reflexivos e críticos através da aprendizagem.

Apresentados os princípios orientadores da referida proposta pedagógica, torna-se importante expor detalhadamente como se dá a avaliação dos alunos, pois este aspecto tem gerado algumas dúvidas para a comunidade escolar. A avaliação nesta proposta caracteriza-se como um procedimento “contínuo, participativo, diagnóstico e investigativo, intimamente ligado à concepção de conhecimento e currículo, sempre provisório, histórico, singular na medida em que propicia o tempo adequado de aprendizagem para cada um e para o coletivo” (SEDUC-RS, 2012, p.14).

O processo avaliativo do aluno dá-se em dois momentos: nas áreas de conhecimento, compostas pelos componentes curriculares; na sala de aula, em conjunto com a sua auto avaliação; e no Projeto Vivencial (seminários) a partir de planejamento, execução e avaliação deste projeto, com o qual os professores responsáveis pelas áreas de conhecimento, em interface com a auto avaliação do aluno, elaboram um parecer sobre a sua construção do conhecimento como expressão final do desempenho do aluno. Este parecer, exigido pela Seduc, ao final de cada trimestre ou ano letivo poderá conter as seguintes formulações:

- Construção Satisfatória da Aprendizagem (CSA) – expressa a construção de conceitos necessários para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos, desenvolvidos na formação geral – das áreas do conhecimento e na parte diversificada, relacionadas no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Este conceito ao final do período letivo resulta na APROVAÇÃO DO ALUNO.
- Construção Parcial da Aprendizagem (CPA) – expressa construção parcial de conceitos sobre o desenvolvimento dos processos da aprendizagem, [...]. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Durante o período letivo este conceito encaminha o aluno às atividades de Plano Pedagógico Didático de Apoio. [...].

- Construção Restrita da Aprendizagem (CRA) – expressa a restrição, circunstancial, na construção de conceitos para o desenvolvimento dos processos da aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos desenvolvidos na formação geral – áreas de conhecimento e na parte diversificada, relacionadas no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. No decorrer do ano letivo o aluno deve ser submetido a atividades constantes no Plano Pedagógico Didático de Apoio. (SEDUC-RS, 2012, p. 16-17).

Durante os trimestres, os alunos com conceito CPA ou CRA realizam estudos de recuperação por meio do PPDA (Plano Pedagógico Didático de Apoio), cabendo ao conselho de classe analisar seu desempenho. Após a constatação da construção dos conceitos necessários para o avanço dos estudos, a expressão do resultado deverá ser alterada.

Ao final do primeiro e segundo anos do curso, o aluno que apresentar CSA, CPA ou CRA é aprovado para o ano seguinte, podendo realizar Progressão Parcial, desde que apresente este resultado em apenas uma área do conhecimento. Ao final do terceiro ano do curso, o aluno nessa situação é aprovado também, considerando que a CPA não impede que o aluno construa suas aprendizagens em outros tempos e locais, e na CRA há a opção por realizar os Estudos Prolongados ou cursar o terceiro ano novamente.

O aluno é reprovado ao final do ano letivo se apresentar CRA em mais de uma área do conhecimento, e é aprovado se obtiver CSA em todas as áreas do conhecimento.

Essa proposta tem por objetivos:

- propiciar a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental e finalização da Educação Básica possibilitando o prosseguimento de estudos no Ensino Superior;
- Proporcionar Atendimento Educacional Especializado aos alunos que dele necessitarem;
- consolidar as noções sobre trabalho e cidadania, que possibilitem ao aluno, com flexibilidade, operar com as novas condições de existência geradas pela sociedade.
- possibilitar a formação ética, o desenvolvimento de autonomia intelectual e o pensamento crítico do educando;
- compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática, parte e totalidade e o princípio da atualidade na produção do conhecimento e dos saberes.
- Aumento gradativo da taxa de aprovação e permanência nas escolas de Ensino Médio na medida da implantação da reestruturação curricular, de 2012 a 2014 (SEDUC-RS, p. 29).

O objetivo mais inquietante desta proposta, na minha percepção e talvez para muitos professores, diz respeito ao aumento da taxa de aprovação e permanência dos alunos na escola. Esses índices estão diretamente relacionados

com a forma de avaliação proposta, que foi complementada com ordens de serviços que surgiram no andamento da execução desta política de reestruturação curricular, as quais determinavam que as escolas deveriam realizar os Planos Estratégicos de Transformação da Avaliação Excludente na tentativa de reversão dos resultados finais para os alunos que tivessem obtido CRA ao final do ano letivo.

Na sequência deste texto, passo a abordar a efetivação do EMP na escola *locus*, bem como as implicações na tentativa de viabilizar a proposta, que foi muito além de uma reestruturação curricular.

4.1 A gestão escolar da E.E.E.M. Dr. Carlos Meskó frente ao Ensino Médio Politécnico

4.1.1 Passos de uma trajetória

Atuando efetivamente no meio escolar e participando ativamente no chão da escola, acompanhei de maneira muito atenta e intensa a implantação do Ensino Médio Politécnico desde 2011, quando iniciaram os primeiros comentários de que mudanças estavam previstas para o período de 2011-2014, para em seguida ocorrerem as etapas escolar, municipal, regional, inter-regional.

Essas etapas fizeram parte do que foi denominado a 1ª Conferência Estadual do Ensino Médio, realizada em 2011, acenando para a intenção do Governo de uma prática democrática nesse processo de reestruturação curricular. Contudo, sem ter sido, na minha leitura, plenamente atendida, visto que deveria ser um procedimento de construção coletiva.

No entanto, pude observar que os acontecimentos se deram de forma confusa, apressada e sem que as vozes de muitos dos representantes das comunidades escolares, designados por delegados, fossem ouvidas. Principalmente, no que diz respeito ao clamor de que esta proposta não entrasse em vigor já no ano seguinte, 2012, sem o necessário amadurecimento e compreensão acerca de como realmente se realizaria tamanha reestruturação.

Esse foi o momento, também, em que chega às escolas a cartilha intitulada *Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio*. A proposta original da nova matriz curricular gerou muitas discussões entre os docentes, pois propôs um aumento anual gradativo do número de horas-aulas da disciplina de Seminário Integrado

em detrimento de outras disciplinas do núcleo comum, como, por exemplo, Português e Matemática.

Em janeiro de 2012, enquanto eu compunha a equipe diretiva como vice-diretora, o grupo – diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica – foi convocado pela 5ª CRE para uma reunião em Pelotas-RS, oportunidade em que pensei que obteria informações esclarecedoras sobre a nova proposta. Contudo, a reunião ficou em âmbito de assuntos gerais e foi quando informaram que em fevereiro a equipe diretiva seria convocada pela Seduc para uma formação em Porto Alegre – RS, na qual haveria a oportunidade de sanar as dúvidas.

Este encontro, entre Seduc e equipes diretivas de escolas estaduais de Ensino Médio e curso normal desenvolveu-se em três dias, em sistema de rodízios por grupos. Essa foi a oportunidade em que muitas questões foram abordadas. Para algumas se obteve respostas, para outras não, pois a proposta, no que diz respeito à sua aplicabilidade prática, era um caminho a construir.

E, neste caminhar, observei que nem seus idealizadores pareciam estar convictos do que poderia acontecer, uma vez que ainda hoje me parece não existir uma uniformidade do que vem a ser o EMP. O que fica perceptível no diálogo com gestores e professores de diversas escolas, pois foram se adaptando dentro da proposta de acordo com o que é possível em cada realidade escolar.

Ao observar estes movimentos, senti, enquanto gestora e professora, uma forte angústia diante de situações e problemas que passaria a enfrentar no ano letivo de 2012, considerando que faltava infraestrutura física, recursos didáticos, pedagógicos e humanos para viabilizar a proposta pedagógica em questão.

A escola deparou-se com uma reestruturação curricular que passava de 800 horas para 1000 horas por ano letivo, totalizando 3000 horas para a conclusão do Ensino Médio Politécnico, necessitando a permanência dos alunos em turno inverso na escola. Somou-se à matriz curricular a disciplina denominada Seminário Integrado, a qual deveria servir de elemento de inter-relação entre as diversas áreas do conhecimento e da parte diversificada, na tentativa de fazer com que o diálogo entre os diversos saberes de fato ocorresse.

Nesta colocação, notam-se dois problemas pontuais, para os quais gestores de todo o Rio Grande do Sul talvez, ainda hoje, busque soluções. O primeiro diz respeito ao espaço físico, as escolas necessitam de um maior número de salas de aula, pois os alunos devem permanecer um turno a mais no

ambiente educacional. O segundo refere-se às práticas pedagógicas para as quais os professores precisam dispor de tempo, conhecimento, flexibilidade e vontade de fazer diferente e ainda melhor do que as atuais.

A solução para o primeiro problema apontado deveria partir do governo, pois precisa-se, além da manutenção, da ampliação dos espaços escolares e da adequação destes espaços com os devidos equipamentos a fim de viabilizar as necessárias práticas pedagógicas convergentes aos objetivos da politécnica.

Para o segundo, aposto na formação continuada dos professores, embora concordando com “[...] o fato de que o professor aprende no cotidiano da escola e é nesse local que ele aprimora sua formação”. (FRANCO apud MOREIRA, 2006, p. 106), faz-se necessária uma urgente, efetiva e contínua política de estado que invista na formação continuada, a princípio fora da escola. Assim, daria suporte e entendimento aos professores, para que sejam capazes de melhor articular saberes, teorias e práticas, aprimorando-os.

Uma política de formação continuada dos professores é demandada não só para melhor prepará-los no que diz respeito a essa proposta pedagógica de reestruturação curricular. Mas, também, para as que poderão vir, uma vez que desde janeiro de 2015 (após as eleições para governador do estado, em outubro de 2014) conta-se com uma nova sigla partidária à frente das políticas públicas estaduais.

Sendo assim, segundo a cultura do desenvolvimento de políticas de governo em nosso país, a comunidade está sujeita sempre às modificações na educação, o que pode ser observado muito bem em nosso estado – como já citado com o Programa Lições do Rio Grande, no governo Ieda Crusius e em seu cancelamento com o início do governo Tarso Genro. Portanto, pode-se estar novamente vivendo momentos angustiantes na educação e em nossas práticas docentes, pela ausência de um bom preparo para lidar com as propostas de mudanças.

Grande desafio foi lançado aos educadores do Ensino Médio Politécnico, que têm a tarefa, apesar de todas as incertezas e dificuldades, de fazer acontecer e de cumprir a lei. Este percurso encontra-se em construção, com certeza, pois em cada ano letivo é (re)pensada a prática. Observa-se que a proposta ao ser analisada pedagogicamente pode ser positiva, uma vez que alavancou as práticas interdisciplinares, as quais eram há muito cogitadas. Contudo, as mesmas tinham

grande dificuldade de adesão por parte dos professores, por não se sentirem preparados, em razão de que os cursos de licenciatura, ainda hoje, pouco abordam sobre essa temática.

A dinâmica de trabalho interdisciplinar é percebida nos movimentos dos professores ao buscar seus pares para o diálogo entre as áreas do conhecimento. Isso foi viabilizado através dos projetos desenvolvidos na disciplina de Seminário Integrado e intensificado nas atividades propostas aos professores através do PNEM.

No entanto, essa reestruturação curricular é realizada com uma sobrecarga de trabalho considerável a todos os envolvidos neste processo. Aqui, incluo os alunos, de forma especial os que necessitam de transporte escolar, como os da escola *locus*, pois muitos despertam em torno das cinco horas da manhã, enfrentando estradas em sua maioria em péssimo estado, retornando para seus lares somente à noite.

Considerar todos os aspectos refletidos acima não é tarefa fácil, no entanto isso significaria, por parte de um governo, levar a sério as diversas realidades enfrentadas pelos sujeitos envolvidos nesse processo, bem como ter consideração por estes sujeitos. Afinal, esta política só se efetivará se houver a participação – aqui entendida como “fazer parte de, tomar parte em fazer saber, informar, anunciar” (CUNHA, 1991, p. 28) – e a cooperação da comunidade escolar no entendimento de que essa ação é coletiva.

Neste fazer coletivo, exercita-se o direito à cidadania, aprende-se a colaborar e aperfeiçoa-se na difícil arte da convivência consigo e com os outros. Ou seja, nos detalhes das relações da vida cotidiana, há desafios a acolher e conviver com o novo, que foi *instituído*, contudo, deve-se buscar compreender que:

A luta pela autonomia da escola insere-se numa luta maior pela autonomia no seio da própria sociedade. Portanto, é uma luta dentro do instituído, contra o instituído, para instituir outra coisa. A eficácia dessa luta depende muito da ousadia de cada escola em experimentar o novo caminho de construção da confiança na escola e na capacidade dela resolver seus problemas por ela mesma, confiança na capacidade de autogovernar-se. (GADOTTI, 1995, p.102).

4.2. As adaptações curriculares

4.2.1 Apresentação das matrizes curriculares

Na sequência, apresento as matrizes curriculares, sendo a primeira matriz apresentada anterior à implantação do EMP e aplicada na escola *locus* de 2010 a 2012. A segunda foi apresentada pela Seduc na *Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio*. E a terceira foi pós-implantação, construída ano após ano, na medida em que iam acontecendo e se formando as séries subsequentes.

DISCIPLINAS	TOTAL HORAS-AULAS SEMANAIS			TOTAL HORAS ANUAIS		
	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
Língua Portuguesa	2	3	3	66	100	100
Literatura	1	1	1	33	33	33
História	2	2	2	66	66	66
Geografia	2	2	2	66	66	66
Física	2	2	2	66	66	66
Química	2	2	2	66	66	66
Biologia	2	2	2	66	66	66
Matemática	3	3	3	100	100	100
Educação Física	2	2	2	66	66	66
Arte	1	#	#	33	#	#
Ensino Religioso/ Relações Humanas	1	1	1	33	33	33
LEM – Inglês	2	2	2	66	66	66
Filosofia	1	1	1	33	33	33
Sociologia	1	1	1	33	33	33
LEM – Espanhol / Produção Textual	1	1	1	33	33	33
TOTAL	25	25	25	826	826	826

Fonte: Acervo da escola extraído do plano de estudos. (Aplicada nos anos de 2010 e 2011).

Matrizes curriculares

Matriz curricular do Ensino Médio Politécnico

FORMAÇÃO GERAL	1º ano	2º ano	3º ano
	CH/SEM	CH/SEM	CH/SEM
ÁREAS DE CONHECIMENTO	24	18	13
<u>LINGUAGENS:</u> Língua Portuguesa, Literatura, Artes, Educação Física <u>MATEMÁTICA</u> <u>CIÊNCIAS DA NATUREZA:</u> Física, Química, Biologia <u>CIÊNCIAS HUMANAS:</u> Geografia, História, Filosofia, Sociologia	8 4 6 6	6 2 6 4	5 1 3 4
PARTE DIVERSIFICADA	6	12	17
Língua Estrangeira Moderna Espanhol – a definir Ensino Religioso Linguagens – Tecnologias Aplicadas Matemática – Tecnologias Aplicadas Ciências da Natureza – Tecnologias Aplicadas Ciências Humanas – Tecnologias Aplicadas SEMINÁRIOS INTEGRADOS E PROJETOS	4 2	5 7	6 11
TOTAL	30h/sem	30h/sem	30h/sem

CURSO COM 3.000h**(CARGA HORÁRIA 30H SEMANAIS – simulação)**

Fonte: Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (SEDUC, 2011).

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. CARLOS MESKÓ

MATRIZ CURRICULAR – ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

FORMAÇÃO GERAL	ANO	1º		2º		3º	
		Carga horária		Carga horária		Carga horária	
ÁREAS DE CONHECIMENTO	COMPONENTE CURRICULAR	Semanal	Anual	Semanal	Anual	Semanal	Anual
LINGUAGENS	Língua Portuguesa	4	160	4	160	4	160
	Literatura Brasileira	2	80	2	80	1	80
	Educação Física	2	80	2	80	2	80
	Arte	1	40	-	-	-	-
	Língua Espanhola	2	80	2	80	2	80
MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	Matemática	4	160	4	160	4	160
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Química	2	80	2	80	2	80
	Física	2	80	2	80	2	80
	Biologia	2	80	2	80	2	80
CIÊNCIAS HUMANAS	Filosofia	1	40	1	40	1	40
	Sociologia	1	40	1	40	1	40
	Geografia	2	80	2	80	2	80
	História	2	80	2	80	2	80
PARTE DIVERSIFICADA	Ensino Religioso						
	Língua Inglesa	2	80	2	80	2	80
	Seminário Integrado	3	120	4	160	5	200
TOTAL		31	1.200	30	1.200	30	1.200

MÓDULOS DE HORA-AULA: 50 MINUTOS

DIAS LETIVOS E CARGA HORÁRIA – conforme legislação vigente.

Fonte: Acervo da escola extraído do plano de estudos. (Aplicada nos anos de 2012 a 2015).

4.2.2 A disciplina de Seminário Integrado e a organização escolar

No primeiro ano de funcionamento do EMP, 2012, buscou-se atender a lei nos pontos principais, que nos pareceu ser o aumento da carga horária anual de 800 para 1000 horas e a implantação da disciplina de Seminário Integrado.

Neste ano, eu contribuía na vice direção do Ensino Médio e como professora do Ensino Fundamental. Após a formação, realizada pela Seduc em Porto Alegre – RS, comentada no subitem 3.1.1, voltei à escola com muitas inquietações, mas era necessário organizar o ano letivo que estava prestes a começar. As palavras de ordem por mim escolhidas, as quais foram, na verdade, um “bálsamo” para aliviar as tensões que me acompanharam nestes anos de implantação foram: Vamos com calma! Uma vez que eu compreendia que não seria possível conseguir fazer tudo de uma hora para outra.

O acréscimo da carga horária foi realizado no turno inverso. Ou seja, houve a necessidade de os alunos permanecerem na escola um dia inteiro, semanalmente, tendo em vista serem usuários do transporte escolar, o que torna impossível a eles ir almoçar em casa, devido às longas distâncias percorridas pela maioria.

Neste ano, a escola tinha duas turmas de primeiro ano de EMP com cerca de 30 alunos cada uma. Isso fez com que sempre duas turmas do Ensino Fundamental, que tinham menor número de estudantes, tivessem que ser deslocadas para espaços como biblioteca, refeitório ou laboratório de ciências, para que os alunos do EMP ficassem melhor acomodados.

Outra situação preocupante observada foi a necessidade da compra de mais gêneros alimentícios, pois o consumo passou a ser bem maior, embora o repasse de recursos específicos para custear a alimentação dos estudantes do EMP tenha se mostrado aquém do necessário para uma refeição de boa qualidade. E para garantir esta qualificação, lançou-se mão de parte do recurso advindo para a alimentação dos estudantes do Ensino Fundamental, pois houve o entendimento de que são todos alunos de uma mesma escola e que devem ser tratados com a mesma dignidade.

As professoras de Seminário Integrado foram escolhidas pelo perfil que apresentavam de comprometimento com o trabalho, de motivação e de boa

vontade, características fundamentais para o empreendimento em qualquer tarefa desafiadora como essa que viria pela frente. As duas professoras pioneiras na disciplina de Seminário Integrado em nossa escola participam desta pesquisa com os pseudônimos, criados por elas, a professora Amor e a professora Esperança, os quais passarei a mencionar quando for necessário, preservando a identidade das mesmas.

A professora Amor já desenvolvia em suas aulas a prática de trabalho com projetos e manifestou a vontade de trabalhar com a disciplina de Seminário Integrado, o que facilitou para a equipe diretiva, pois nesta professora era percebido o potencial necessário. A professora Esperança ficou apreensiva com o convite, mas após sensibilizar-se com a situação da escola, em face da reestruturação curricular, e tendo o comprometimento da equipe diretiva e da professora Amor de que o trabalho seria em conjunto e de que todos estariam sempre prontos no apoio e na troca de ideias, aceitou ministrar a disciplina. E, assim, iniciaram-se as atividades de Seminário Integrado, tendo como proposta de trabalho para o primeiro ano:

- Conhecimento do eu e o despertar de uma identidade do estudante, enquanto aluno da escola;
- Visão de mundo;
- Escrita científica de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), focando nos gêneros resumo, resenha e artigo;
- Oralidade e postura;
- Autoestima.

As professoras Amor e Esperança faziam juntas seus planejamentos, em uma tarde de hora atividade na própria escola. Concluo que foi um trabalho de muito mérito, que foi respaldado pelo crescimento integral do educando, demonstrado nas atividades realizadas durante o ano em curso.

A tentativa do trabalho interdisciplinar foi feita, porém com pouca receptividade. Contudo, primou-se por continuar passo a passo, sem imposições, mas buscando o despertar natural, gradativo, sem traumas.

No decorrer deste ano, fui percebendo as dificuldades enfrentadas e as necessidades da escola. A partir disso, comecei a pensar no que poderia ser feito para buscar uma dinâmica melhor nas atividades do cotidiano escolar. A começar pela necessidade de mais duas salas de aula, para que os alunos e professores do Ensino Fundamental não precisassem mais sair de suas salas, o que seria duas tardes em 2013, pois passaríamos para o segundo ano do EMP.

Nesse momento, já sabendo que estaria à frente da condução dos trabalhos na Equipe Diretiva, comecei a observar a escola com aquele olhar investigativo e questionador: o que de fato eu posso fazer para buscar amenizar essas questões? Em que, efetivamente, eu posso contribuir para uma escola melhor?

Eram reflexões em torno de preocupações concretas: espaço físico, alimentação e laboratório de informática. Além das abstratas, mas nem por isso menos importantes: como agregar os colegas, como motivá-los para os desafios pedagógicos que esta reestruturação curricular propõe? Como fazer isso diante de um grande sentimento de desvalorização profissional e de impotência agregados a estes profissionais?

Sentimentos muito compreensíveis quando olho para trás e vejo os anos de luta dos professores por salários mais justos, pelo cumprimento do plano de carreira, enfim, pelo resgate de sua dignidade enquanto profissional da educação.

Quando esta proposta chegou ao meu grupo de trabalho, apresentada de forma hierárquica pelo Governo, sentida por nós como imposta, apressada e com tantas incertezas, o sentimento geral foi de indignação. E eu não posso deixar de mencionar isso, pois essa situação só agravou, para mim, a tentativa de, apesar destes sentimentos, resgatar no grupo a importância do nosso trabalho enquanto educadores. Independente de governos, era necessário refletir como cidadãos imbuídos do sentimento de querer colaborar na construção de uma sociedade melhor, mais humana, fraterna e justa, convictos de que o caminho para isso é a educação, em um primeiro momento proposta pela família e depois compartilhada com a escola.

Mesmo que eu entenda que essas preocupações e a busca por soluções deveriam, em primeiro lugar, partir do governo, não sendo ingênua neste sentido.

Afinal, trabalho há mais de 13 anos na educação, observo a dificuldade e a morosidade dos governantes na solução de problemas pontuais dentro das escolas, bem como posso falar pelas vezes que, enquanto parte da equipe diretiva, foram divididas angústias ao tentar, sem êxito, a ajuda da 5ª CRE. Portanto, não esperando nada do governo, que impôs essa proposta, comecei a planejar algumas ações e dividi estas ideias com meus pares, os quais me apoiaram.

Sendo assim, no início de 2013, iniciou a execução das obras de melhoria do almoxarifado com colocação de forro e piso, pintura e instalação elétrica, para que este espaço tivesse condições de abrigar diversos materiais e parte do arquivo morto da escola. Foi feita também a transferência da sala da equipe diretiva para outro espaço. Com o serviço de modificação de divisórias já existentes e partes adquiridas, foi possível viabilizar as duas salas de aula necessárias, portanto a questão de espaço físico estava solucionada para o início das aulas daquele ano. Convém relatar que este empreendimento foi realizado com recursos provenientes de ações sociais realizadas pelo CPM no ano de 2012.

Outro fato relevante diz respeito à questão da avaliação, que foi a determinação, através de ordem de serviço do governo, repassada para as equipes diretivas da 5ª CRE em reunião, de que todas as escolas deveriam oferecer aos estudantes mais uma oportunidade para tentar reverter sua reprovação, ou seja, os casos em que os alunos obtivessem como resultado final a menção CRA, que significa, como já observado, a reprovação em mais de uma área do conhecimento.

Esta oportunidade foi denominada Plano Estratégico de Reversão da Avaliação Excludente, a qual assumiu a justificativa de que na transição de notas para menções, os professores poderiam ter se equivocado, diante dos índices elevados de reprovação em alguns estabelecimentos de ensino. Quando questionado sobre a obrigação de as escolas oferecerem o referido plano, o coordenador, à época, professor Círio Almeida, respondeu dizendo que os educadores eram servidores públicos e que deveriam acatar a ordem de serviço, sob pena de sofrer as implicações previstas em lei para os casos de desacato à determinação de superior.

Essa situação foi considerada pelos educadores da escola *locus* como desrespeito ao trabalho de um ano inteiro proposto pelos professores a seus alunos. O que era o caso desta escola, e também de muitas outras, pois não sendo um número tão elevado de estudantes, o professor tem a oportunidade de acompanhá-lo de maneira muito próxima. Em virtude disso, sabe-se que com todas as atividades e oportunidades ofertadas aos alunos, o que não consegue a aprovação, via de regra, é por que apresenta lacunas consideráveis no aprendizado do Ensino Fundamental, precisando muitas vezes de mais tempo para superar estas dificuldades ou, ainda, que por imaturidade realmente não demonstrou o menor interesse no decorrer do ano letivo.

Nesta primeira edição do Plano Estratégico¹⁴, houve 14 alunos em CRA, destes, seis realizaram as atividades do plano, contudo, nenhum foi aprovado, provavelmente, devido aos fatores elencados no parágrafo anterior. Alguns alunos que não quiseram realizar o plano, com o respaldo dos pais, alegaram que não seria em alguns dias que iriam recuperar o trabalho de um ano inteiro e que, portanto, optavam por cursar o primeiro ano novamente.

Outra modificação ocorrida em 2013 no que se refere a questões pedagógicas foi a prática dos conselhos de classe participativos, que ocorriam no turno da manhã com a presença dos professores do horário daquele dia, buscando a alternância entre os dias da semana, para que outros professores também participassem desta experiência inédita na escola. Esta modalidade de conselho de classe estava prevista no Regimento Padrão enviado pela Seduc desde 2012, no entanto, ainda não havia sido possível a sua viabilização, pois a equipe não se sentia preparada para isso.

Na tentativa de motivar o grupo, de apoio, de troca de ideias, buscando entender a avaliação e a mobilização dos professores para a elaboração dos pareceres em conjunto nas áreas de conhecimento, bem como ouvi-los dividindo angústias e refletindo em conjunto na busca de solução para situações apontadas, optou-se por realizar, mensalmente, aos sábados, reuniões pedagógicas. Isso teve um lado muito positivo, no que diz respeito à participação

¹⁴Plano Estratégico: os dados relativos ao número de alunos que o executaram, bem como os resultados foram extraídos do livro atas da escola *locus*.

da maioria dos profissionais da escola na definição de algumas ações coletivas dentro da proposta do EMP.

Por outro lado, comecei a observar que, com o passar dos meses, os colegas demonstravam certo cansaço, pois a maioria trabalhava no mínimo 40 horas semanais e em escolas diferentes, o que exige muitos sábados de comprometimento com os educandários. Como pesquisadora, considero que estes aspectos relacionados aos desgastes físicos e emocionais dos docentes podem ser componentes que comprometem o sucesso de uma proposta.

Nesse sentido, enquanto gestora, propus para o ano de 2014 o aproveitamento de mais momentos durante a semana de trabalho. Assim, criou-se o espaço para a troca de ideias e as orientações necessárias, nas horas atividades, nos pequenos grupos, nos momentos de recreio, bem como no diálogo informal entre um turno e outro, pois a maioria dos professores permanece o dia todo na escola.

Analisando as duas situações propostas em 2013, com as reuniões aos sábados, e em 2014, com o aproveitamento dos tempos durante a semana, concluiu-se que em 2015 seria dada continuidade à prática executada em 2014, a qual se mostrou mais profícua no andamento dos trabalhos. Penso que o gestor deve ser sensível à realidade de sobrecarga acentuada que exigem as atividades docentes e, acreditando no dinamismo existente na escola, pode aumentar as mudanças que visam ao bem comum, estando atento a novas tentativas.

As mudanças ocorridas na disciplina de Seminário Integrado foram necessárias em razão do aumento do número de turmas, portanto, houve a uma redistribuição de professores. Desse modo, ficaram a professora Amor responsável por ministrar as aulas de Seminário Integrado para as duas turmas de primeiro ano, e a professora Esperança responsável por esta disciplina nas duas turmas de segundo ano.

Neste segundo ano do EMP, 2013, a disciplina manteve os conteúdos para o primeiro ano, com ajustes necessários de acordo as novas turmas e tendo por base a experiência vivenciada pelas professoras no ano anterior.

Para os estudantes do segundo ano do EMP, os quais passaram a ter quatro horas-aula semanais de Seminário Integrado, a professora Esperança passou a trabalhar:

- As etapas de um projeto, em concordância com a ABNT, em grupos, passando pela escolha do tema, pesquisa, fundamentação teórica, apresentação oral e escrita. A culminância da atividade deu-se através da apresentação dos grupos ao grande grupo, porém com a presença da equipe diretiva e de alguns professores;

- Oralidade e postura;

- Autoestima.

Ao final deste ano, a professora Esperança decidiu não mais ministrar a Disciplina de Seminário Integrado, argumentando que seu afastamento era em função do grande volume de trabalho, o que pode levar ao adoecimento docente. E, embora tivesse recebido uma ajuda relevante de outros colegas, que foram denominados de professores co-orientadores, ela temia não estar dando conta de tudo, relatando seu adoecimento.

Com grande pesar em razão de que ela desempenhava um ótimo trabalho junto aos alunos, mas entendendo a situação da professora e levando em consideração o quanto ela contribuiu nesta disciplina durante esses dois anos de implantação, ao distribuir a carga horária dos professores no ano seguinte, não contei mais com ela. O que em 2014 causou a necessidade de outros professores passarem a contribuir com a disciplina de Seminário Integrado.

Mas, nesse ano, chegou à escola um professor de História com experiência e gosto pela disciplina de Seminário Integrado, ficando responsável pela mesma nos segundos anos do EMP, portanto, em substituição à professora Esperança. Muito dinâmico, interessado e responsável, ele tem desenvolvido atividades muito interessantes.

A professora Amor passou a ministrar a disciplina para o terceiro ano, primeira turma de formandos do EMP, carinhosamente chamada de terceirão por contar com 38 alunos. No terceiro ano, os projetos foram desenvolvidos em duplas e foi incluído o tema pesquisa de campo.

Nas turmas de primeiro ano, outros professores passaram a ministrar a disciplina, contudo, não por aspiração, mas atendendo o meu pedido, tendo em vista a necessidade da escola e por possuírem carga horária disponível para a atividade. Estes professores alegaram não se sentirem preparados para trabalhar com a disciplina de Seminário Integrado, o que é compreensível. Apesar disso, a falta de professores na rede estadual é grande e a orientação da coordenadoria é de que não existam horas vagas. Caso existam, o professor tem o dever de atender as turmas.

Este é um dos momentos em que muitas vezes o gestor pode ser mal visto pelos colegas, pelo constrangimento gerado. Apesar disso, expliquei a situação, os caminhos possíveis, coloquei-me à disposição para ajudar e contei com a compreensão dos colegas professores.

Observo que em todos os anos estive presente nas atividades desenvolvidas no Seminário Integrado a busca pelo aprimoramento da autoestima do estudante, a melhor compreensão de valores morais, o desenvolvimento do trabalho colaborativo, a oralidade e a postura. Elementos trabalhados na tentativa da formação integral do educando e no desejo de promover-lhe os meios para que se sinta preparado para atuar ativa e criticamente na sociedade.

Na implantação do 3º ano do EMP, ocorreram algumas adequações no Seminário Integrado com a troca de ideias entre os docentes. Percebi uma redução na forma de diálogo dos professores, mesmo com o empenho da Equipe Diretiva. Talvez isso até seja normal, pois os professores são outros, só permanece até hoje a professora Amor. Portanto, embora a uniformidade básica que deve ter a disciplina dentro da escola, reforçada pelos planos de estudos, cada professor realizava as atividades impregnadas pela sua bagagem pessoal, cultural e acadêmica.

Para encerrar a narrativa destes três anos de EMP na escola *locus*, é preciso retomar os Planos Estratégicos. Tentando reverter o resultado final CRA no letivo de 2013, no final desse ano os alunos já levavam com eles uma série de atividades preparadas pelos professores, devendo retornar à escola no início do ano letivo de 2014 com as atividades prontas. Assim, junto ao professor encerravam o Plano Estratégico, geralmente, conforme a disciplina, com um trabalho no formato de prova. Nesta segunda edição do referido plano, houve 17

alunos em CRA, nove retiraram as atividades e quatro foram aprovados com PP, ou seja, com necessidade de realizarem no ano seguinte o PPDA em alguma(s) disciplina(s).

No final de 2014, o Plano Estratégico funcionou como no ano anterior, contudo não apenas para os alunos com resultado final CRA, mas para todos que obtiveram a PP, ou seja, que reprovaram em apenas uma área do conhecimento. A culminância do plano deu-se de 26 a 28 de fevereiro de 2015. Nessa edição, 10 alunos realizaram o plano e 4 conseguiram avançar para a série seguinte.

Para o ano de 2015 só foi alterada a dinâmica de trabalho no terceiro ano, uma vez que 37 alunos formavam a turma, número expressivo. Assim, em diálogo com a professora Amor, foi decidido que os projetos seriam desenvolvidos em grupos para um melhor acompanhamento e orientação da professora.


Com o Governo Sartori, que assumiu no início de 2015, nenhuma medida foi tomada no sentido de alterar o estabelecido para o EMP pelo Governo Tarso para o ano letivo que se encontra em curso. Contudo, em reunião para as equipes diretivas, convocadas pela 5ª CRE em 03 de junho de 2015, foi solicitada a alteração dos regimentos e expostos os itens que poderiam ser alterados. Para o ano de 2016 vislumbra-se a possibilidade de mudanças na carga horária da disciplina de Seminário Integrado, devendo esta ter no mínimo uma hora-aula em cada adiantamento. A disciplina de Ensino Religioso voltará a fazer parte da matriz curricular, como disciplina obrigatória a ser ofertada pela escola. Foi colocado, também, que a avaliação não irá ser modificada e que os conselhos de classe poderão ser participativos ou não.

Portanto, após passar pelas situações do conselho de classe não ser participativo em 2012, ser participativo em 2013 e realizado em dias da semana, já em 2014 aos sábados e, atendendo o pedido dos alunos, de que todos os professores estivessem presentes. Esta última situação é a que vem ocorrendo, também, neste ano de 2015. No entanto, ao construir este caminho, observo o paradoxo: os alunos solicitaram aos sábados, porém os alunos valorizam cada vez menos estes momentos, o que se evidencia na ausência de número expressivo destes.

Com estas informações e com base nas experiências vivenciadas pelo grupo, foi modificada a redação do regimento no que diz respeito ao conselho de classe participativo, que se encontra nos itens que podem ser alterados. Então, se esta alteração for aprovada, o conselho de classe passará a ser participativo ou não, de acordo com o entendimento do grupo (equipe diretiva e professores) em questão naquele momento.

Percebo que, geralmente, participam do conselho de classe os alunos que apresentam uma conduta regrada e que atendem os objetivos propostos. Neste sentido, penso ser necessária a consulta e análise junto ao grupo de professores para a organização do ano letivo de 2016, caso esta alteração proposta no regimento seja aprovada pela 5ª CRE.

No próximo capítulo, passarei à análise das entrevistas semiestruturadas propostas aos professores da escola *locus*, conforme os critérios elucidados anteriormente no capítulo II, o qual abordou metodologia e objetivos.



Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.

O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! – Gritou o patrão

Não vês o que te dou eu?

- Mentira! – Disse o operário

Não podes dar-me o que é meu.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As possíveis categorias resultantes dessa pesquisa são fruto das análises das narrativas dos sujeitos obtidas a partir das entrevistas semiestruturadas. E, nesse momento, na qualidade de pesquisadora e gestora, infiro que as narrativas retratam muito bem o vivido por todos nós neste intervalo de tempo (2011-2014). Ao auscultar os sujeitos, procurei ser fiel às falas, aos olhares, aos suspiros, aos silêncios que se fizeram presentes durante as entrevistas. E, agora, inicio meu exercício de análise retomando as questões nas quais me apoiei, a lembrar:

1. Quais transformações estão ocorrendo no locus da pesquisa em consequência da reestruturação curricular proposta para o Ensino Médio a partir da implantação da política pública para o Ensino Médio Politécnico?
2. Será que uma política pública, em termos de propostas implementadas pelo estado do Rio Grande do Sul, poderá ser um dos fatores responsáveis em promover uma melhoria do sistema público da rede estadual de Ensino Médio?

Com este foco, buscando entender o contexto em que o EMP desenvolveu-se, a partir das questões citadas, pretendo compreender com o respaldo na ATD, o que de fato ocorreu. E, assim, atender os objetivos a que esta pesquisa se propôs, ou seja, analisar os possíveis impactos sobre a prática docente e a escola como consequência da implantação desta política pública educacional na E.E.E.M. Dr. Carlos Meskó.

Ao analisar as narrativas dos sujeitos e, seguindo o processo de unitarização da ATD, encontro algumas unidades de significado observadas nas falas. Apresento algumas como: trabalho interdisciplinar, metodologia de projetos, (des)respeito ao trabalho docente, sobrecarga de trabalho acrescida aos professores de SI, falta de formação proporcionada pela Seduc-RS, avaliação emancipatória conflitante para o entendimento de professores e alunos, infraestrutura mínima para atender as exigências legais do EMP, poucos recursos para a alimentação dos alunos, número insuficiente de servidores para dar conta das demandas advindas a partir do EMP, desgaste considerável dos alunos que viajam longas distâncias até chegarem à escola necessitando permanecer o dia inteiro na mesma e serviço de internet precário mesmo com os investimentos realizados.

Após este exercício, busquei as pré-categorias iniciais emergentes que se mostraram em:

- a) falta de (in)formação adequada à equipe diretiva e aos professores para a compreensão dessa proposta;
- b) dúvidas sobre o processo de avaliação, levando a uma avaliação que, conforme observo, não satisfaz aos professores nem aos alunos;
- c) sobrecarga de trabalho gerada aos professores, sobretudo aos da disciplina de SI;
- d) falta de condições físicas da escola, que necessitou da construção de espaços para dar conta da implantação do modelo;
- e) falta de recursos humanos para atender as demandas nos variados setores da escola, geradas a partir dessa proposta;
- f) trabalho interdisciplinar como fator agregador dos docentes;
- g) busca em preparar o educando para a vida e a cidadania de forma mais consistente a partir das atividades proporcionadas no SI.

Aproximando-me de uma exaustão dos elementos, sem ser um esgotamento de possibilidades, pois poderia captar outros elementos, ainda considero que alcanço três categorias finais que dizem respeito a:

- 1) (des) consideração ao trabalho docente;
- 2) carência de infraestrutura adequada à proposta apresentada, tanto em aspectos físicos quanto humanos;
- 3) o que ficou de positivo, até agora, com as novas práticas pedagógicas.

Agora, buscando atender o objetivo dessa pesquisa de mestrado, debruço-me sobre as narrativas, observando o entrelaçar das falas dos sujeitos, com as ideias de gestora e de pesquisadora, juntamente com os argumentos de alguns dos autores que referendam essa dissertação, passo a discorrer sobre as categorias elencadas acima.

Categoria 1 – (Des) consideração ao trabalho docente

Implantado, como já mencionado, em 2012, para o exercício nesse mesmo ano, o Ensino Médio Politécnico chegou às escolas da Rede Estadual de ensino trazendo com sua proposta muitas incertezas, sendo um grande desafio, o que causou um sentimento de impotência e angústia muito grande aos profissionais da educação.

No entanto, o Governo do Estado garantia:

Como característica de governo, a prática democrática se instala neste processo de reestruturação a partir do debate deste documento-base nas escolas e com a participação de toda a comunidade escolar. Essa discussão iniciada na escola demarca a etapa desencadeadora do processo que culminará na Conferência Estadual do Ensino Médio, envolvendo a sociedade como um todo, pois o compromisso com a educação é de todos. (SEDUC-RS, 2011, p.3).

Embora o Governo acreditasse ter realizado um processo democrático de implantação de sua proposta de reestruturação curricular através das cinco etapas da Conferência Estadual (Escolar, Municipal, Regional, Inter-regional e a Conferência Estadual do Ensino Médio e da Educação Profissional), fica evidente que isso não foi sentido pela equipe diretiva da escola, como explicitado no Capítulo III, subitem 3.2.2, e tampouco pelos professores, conforme os recortes abaixo que expressam esta ideia.

“[...] então eu acho que o Ensino Médio Politécnico é uma experiência do Governo do Estado, que não foi bem planejada, foi imposta: ‘E vão trabalhar o Ensino Médio Politécnico’. Claro que talvez o governo vai agora estar buscando, não sei, mas ele deve, porque se não vai ser muito difícil trabalhar com o Seminário Integrado, estar buscando esses meios, essas coisas que faltam para que haja um melhor trabalho”. (prof. Entusiasmo).

“[...] para mim ele foi implantado meio que goela abaixo porque ninguém nos orientou, nós tivemos que resolver como iríamos seguir, não veio um sistema para seguir ou um plano de estudos, ‘tem que fazer, tem que fazer’, e a escola teve que se virar com o espaço e com os professores e sabemos que é difícil da escola se virar, [...]”. (prof.^a Amor).

“Tomara que em 2014 a gente consiga sentar pra pelo menos discutir esses problemas do Politécnico [...]. Mas como a gente sempre tem que fazer o que

fazem nos escritórios, que é de cima pra baixo, a gente acaba passando né, se defendendo vendo o que é possível aproveitar e o que não dá para aproveitar, porque muitas das coisas dos ingredientes do bolo, nós temos que descartar, porque senão o bolo não vai ficar bem gostoso". (prof.^a Esperança).

Neste sentido, percebe-se frustrada a ideia da Seduc-RS de que: “Nesse processo de construção coletiva é imprescindível a participação e o compromisso dos diversos atores sociais, [...]” (2011, p. 3). Uma vez que entendo serem os professores um dos principais agentes sociais, os quais deveriam ser levados em consideração na implantação desta política pública, pois foram estes sujeitos os grandes responsáveis pela efetivação dessa reestruturação curricular dentro das escolas.

Penso, também, que, a partir desse momento, o descontentamento começa a se instalar em relação a essa proposta, permeado pelo sentimento de desvalorização e desrespeito. Podendo estar este internalizado em muitos dos profissionais da educação de longa data, promovido pelos diferentes governos de nosso Estado, independente de siglas partidárias, o que pode causar uma desmotivação em ser professor. Este mal talvez esteja se agravando, uma vez que é antecedido por outras questões como as já ponderadas por Libâneo et al (2002):

Uma política com claros objetivos de interferir a fundo em questões estruturais deveria atuar sobre as condições de trabalho, sobre os salários, sobre os planos de carreira e sobre o mal-estar que o professor tem vivido atualmente, e não simplesmente facilitar a entrada de outros profissionais que, certamente, atuarão na área educacional não como opção de tempo integral, conhecendo e vivendo suas especificidades, mas como um “bico” para uma situação de desemprego ou até que consigam ocupação mais vantajosa. (p. 277 e 278).

Observando que os autores referendados acima abordam esta situação em 2002, posso constatar que os problemas com os quais se depara são antigos, vivenciados por quem decidiu ser professor, que persistem intensos e conflitantes na sociedade atual. O mesmo autor ainda reforça:

É fundamental que os sistemas de ensino, no processo de elaboração da lei do plano de carreira dos profissionais do ensino, deem voz aos professores, por meio de seus sindicatos e associações, a fim de possibilitar a minimização da situação conflituosa que esses profissionais estão vivendo e garantir a profissionalização de uma categoria que se pauta pela seriedade e pelo compromisso com a educação do País, apesar de condições tão adversas. (p.279).

Ainda antes da análise das pré-categorias iniciais que emergiram, quero apontar para outro aspecto a ser considerado – além das questões de ordem política, cultural e social abordadas acima, gerado a partir do meu entendimento com relação a estas –, que é o adoecimento docente.

Muitas vezes, quando se aborda o tema educação, em suas várias nuances, deixa-se de dar o valor primordial ao profissional da educação. Acontece como se algo ocorresse de realmente significativo sem a ação desse sujeito ou como se este fosse apenas mais uma peça do cenário escolar, desconsiderando suas emoções e sentimentos.

E, nesse distanciamento da pessoa com seus semelhantes, muitos educadores comprometidos com seu *mister*, algumas vezes fragilizados por tratarem diariamente com outras pessoas e seus problemas e sem se sentirem capazes de dar conta de tantas demandas, bem como permeados, por vezes, de um sentimento de desvalorização, acabam por sucumbir.

Nesse sentido, diante das fontes de estresse crônicas a que se está exposto como educador, lembro-me da Síndrome de Burnout por estar relacionada ao professor. Esta síndrome designa um estado avançado de estresse gerado principalmente pelo ambiente de trabalho, e entre os sintomas há os somáticos, psicológicos e comportamentais. (JBEILI, 2011).

Em seu artigo, Carlotto (2002) apresenta alguns estudos realizados por outros pesquisadores sobre a temática da sobrecarga e o conflito de papéis que o docente tem que assumir. E, no caso específico do professor, sabe-se o quanto é forte esta condição ou, dito de outra forma, o quanto se tem que assumir o papel de intelectual, simultaneamente, ao papel de tarefeiro. A autora escreve que:

Burnout em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sócio-históricos. (CARLOTTO, 2002, p. 25).

Contudo, outro ponto importante que deve ser considerado, portanto, é a saúde emocional do educador. O olhar sensível da equipe diretiva pode contribuir muito através da atenção e do diálogo com o colega professor, muitas vezes

aconselhando-o a procurar ajuda especializada para se recompor e, após, voltar às suas atividades.

Essas situações são recorrentes nas escolas, uma vez que temos vivenciado intensamente os fatores macrossociais, além dos outros já mencionados por Carlotto (2002). No detalhamento das pré-categorias que apresentarei na sequência do texto, pode-se observar como uma política educacional, objeto desta pesquisa, pode alterar a dinâmica de vida dos professores e da estrutura escolar.

Pré-categorias iniciais que emergiram:

a) A falta de (in)formação adequada à equipe diretiva e aos professores para a compreensão dessa proposta.

O relato da equipe diretiva sobre este aspecto aconteceu, também, no capítulo III, subitem 3.2.2. No entanto, reitero a falta de preparo da equipe 5ª CRE, que não sabia orientar a respeito da proposta e, igualmente, da equipe da Seduc-RS, que demonstrou insegurança diante dos questionamentos feitos pelos gestores na formação ocorrida em fevereiro de 2012, em Porto Alegre (RS). Eles diziam com frequência: *é um caminho a construir*. Nesse sentido, quanto à escola estar preparada para o EMP, o prof. Atencioso afirmou:

“Bom, preparada para receber o EMP, eu acho que da mesma forma que os professores, a escola também teve que se adaptar, se adequar a muita coisa, principalmente com espaço físico, merenda, foi uma questão de organização e adaptação pros alunos, [...]”. (prof. Atencioso).

E, quando questionado sobre o respaldo das instâncias competentes para delegar sobre as necessidades de adaptações na escola para a aplicação do regimento do EMP, relatou:

“Não, não houve, eu não percebi isso em nenhum momento. Só me lembro das ordens de serviço que fossem cumpridas, não importava de que forma, a escola teria que tá oferecendo. [...] Eu acho que realmente a gente ficou um pouquinho sozinho nessa parte aí. Então, o corpo diretivo teve que se desdobrar com relação a isso, até mesmo porque ficou tudo a critério da escola, [...]”. (prof. Atencioso).

Os professores expressaram com clareza sobre a necessidade de formação e carência de informações por parte das mantenedoras, 5ª CRE e Seduc-RS, antes

da implantação do EMP, ou seja, antes do início do ano letivo de 2012, conforme demonstrado nas seguintes falas:

“Então, era o primeiro ano, 2012, e eu percebi que os colegas se reuniam pra ver o que iriam fazer em cada ano, pra dar um caminho, [...] essa formação deveria ter, principalmente para os professores do Seminário Integrado, [...]” (prof. Atencioso).

“[...] o professor não foi preparado pra isso, a gente não recebeu a capacitação pra isso [...]” (prof.^a Amor).

“Sim, uma, foi uma formação em Pelotas, no auditório da Católica, foi uma formação só. Ela foi muito esclarecedora, sim, só que o professor que falou pra nós, ele talvez não saiba, não conheça, a realidade das escolas do interior, [...]” (prof. Entusiasmo).

Esta narrativa evidencia outra questão que é a falta de coerência do discurso proferido pelos palestrantes e a realidade de algumas escolas. Ou seja, algumas formações acabaram não sanando as dúvidas, nem aliviando as angústias dos professores. Essa consideração fundamenta-se, também, no que disseram as professoras Amor e Esperança sobre as poucas formações proporcionadas.

“Não, de forma alguma, nem um pouquinho, nem um pouco. Algumas davam exemplos de projetos trabalhados de algumas coisas, mas cada um tem a sua realidade, e se trabalhar com projeto fora do politécnico também se trabalhava, vamos dizer assim [...] Mas e como, como vai se chegar a isso? Não foi dado nada disso, e aí, claro, o professor não quer, pro professor entender, vou te ser bem sincera, tem colegas meus que eu acho que, até hoje, não sabem o que é avaliação [...]” (prof.^a Amor).

“[...] e os professores não estavam e não estão preparados ainda porque a formação de professores, o que é que eu tô sentindo, nós vamos quando chamam, tem palestras muito boas, mas tem outras que é preferível ficar dentro da sala de aula, dando aula pros alunos, porque não trazem nada de vantagem, horário não é cumprido, tu sai de casa de madrugada e chega lá, fica esperando, esperando, esperando, porque o fulano que era pra fazer a abertura não chegou, etc, etc. Aí, dentro desse período, vem um palestrante muito bom, dois, três não dizem nada, não te acrescentam em nada, [...]” (prof.^a Esperança).

Convém esclarecer que nenhuma formação foi proporcionada aos professores antes do início do ano letivo de implantação do EMP. Houve a oferta de algumas em 2013 na cidade de Pelotas, nas quais foi permitida a inscrição de um determinado número de participantes por escola, portanto, não foram disponibilizadas a todos os professores do EMP.

b) Dúvidas sobre o processo de avaliação, levando a uma avaliação que, conforme observo, não satisfaz os professores nem os alunos.

Ponto de origem de muitas discussões e questionamentos, a avaliação emancipatória é um dos princípios orientadores da proposta pedagógica do EMP. De acordo com o documento orientador:

[...] insere-se no processo educacional como o eixo fundamental do processo de aprendizagem, não somente porque parte da realidade, ou porque sinaliza os avanços do aluno em suas aprendizagens, como também aponta no seu processo os meios para superação das dificuldades, mas, especialmente, porque se traduz na melhor oportunidade de refletir e rever as práticas na escola. (SEDUC-RS, 2011, p. 20).

“Então, acho que o problema maior do EMP tá no sistema de avaliação, o acréscimo de horas é bom, estar mais perto do aluno é bom, mas a avaliação é um problema bem sério, [...]”. (prof.^a Amor).

“[...] fica complicado, alguns professores, quando estão fazendo sua avaliação, eu fico analisando e tenho bastante dificuldade de entender a forma como eles procedem. Eu trabalho assim, cada objetivo deve ser atingido e o aluno tem que saber o mínimo daquele objetivo, se ele não alcançou ele vai ter que estar recuperando no PPDA. Mas não utilizo, assim, números percentuais. (prof. Entusiasmo).

“A avaliação é um assunto bastante complexo. O que é avaliar? Bom, dentro do seminário, dentro do politécnico, esta avaliação não deveria ser somente parecer, ela teria que ser quantitativa juntamente com a qualitativa. Eu acho que teria que ter um meio termo, você avaliar com nota até mesmo pro aluno enxergar, porque tem alunos que são bons alunos, mas no parecer ele vai ficar como um aluno que tem média suficiente, [...]”. (prof. Atencioso).

“Então, é um problema acho que gravíssimo, gravíssimo, a forma de avaliação”. (prof.^a Amor).

“Então, eu acho que teria que ter a qualitativa e a quantitativa, acho que tem que ter as duas coisas, tem que ter a avaliação com nota, tem que ter o parecer descritivo, até mesmo porque a avaliação acontece todos os dias em cima do que ele faz”. (prof. Atencioso).

Referindo-se ao número de aulas que se envolve recuperando objetivos com os alunos, ou seja, revisando conteúdos e propondo atividades de recuperação dentro do PPDA, o prof^o Entusiasmo observou:

“[...] o número de aulas para trabalhar o conteúdo é reduzido, porque tem que oferecer prova ou atividade de avaliação e, depois, recuperação e, ainda, o plano pedagógico. Então, muitas aulas não diria que se perdem, mas tu não consegue trabalhar e, aí, há esse déficit com os conteúdos [...]. Ocorre, então, uma sobrecarga para esse professor que não vai vencer o conteúdo daquele ano e vai ficar pro próximo ano, e talvez o professor do terceiro ano não consiga trabalhar tudo”. (prof. Entusiasmo).

As professoras Amor e Esperança e o professor Entusiasmo abordaram, também, a questão do número excessivo de oportunidades para que o estudante seja aprovado:

“[...] e outra coisa que eu acho mais grave, grave, grave, grave do EMP é a chance, chance, chance, chance pro aluno passar, e a desvalorização do trabalho do professor, [...]”. (prof. Amor).

“Eles têm que fazer uma força enorme pra rodar, porque eu dou várias oportunidades e, assim mesmo, eles ficam. É por que eles não têm condições de avançar mesmo, por que eles não querem nada com nada, por que aqueles que têm o mínimo de boa vontade, eles passam tranquilo”. (prof.^a Esperança).

“[...] o problema que eu vejo é o número de chances que esses alunos têm. Tem que estar sempre recuperando, a todo momento, então, eu acho que deveria ser estipulado um número de chances pra esse aluno recuperar aquele objetivo, [...]”. (prof.^o Entusiasmo).

“[...] tem prova trimestral, tem recuperação, tem mais outra prova, tem mais outra chance e aí vão dando, aí fazem provão, e ainda ficam com todo o material do ano anterior pra estudar em casa. E, ainda depois, fazem mais uma prova, então, quer dizer, o que a gente percebe disso aí, que a chance aumentou que foi um

horror. Só que eles não percebem que quanto mais chances eles têm, né, que eles deveriam aproveitar, eles não aproveitam, infelizmente, alguns ainda reprovam". (prof.^a Esperança).

Ao serem questionados sobre os pontos negativos ou que necessitam ser revistos no EMP, os Planos Estratégicos apareceram em destaque para os professores, evidenciando forte descontentamento:

"Eu acho que é o Plano Estratégico, acho que não deveria ser realizado, não generalizando, mas os alunos muito dificilmente irão buscar construir aprendizagens sobre aqueles conteúdos, aquelas matérias que eles não alcançaram durante o ano letivo". (prof.^o Entusiasmo).

"[...] então eu vou ter que fazer pra ele mais um plano estratégico pra ele levar pra casa, pra, nas férias, ele tentar, [...] ele pode pagar um professor pra fazer aquilo ali pra ele, pode vir até e chegar lá e passar, tá, fulano conseguiu atingir, mas de que forma ele atingiu? Será que foi ele mesmo que atingiu? Será que ele vai conseguir acompanhar o segundo ano?" (prof.^a Amor).

"Não, não manteria pelo seguinte: o aluno teve o ano inteiro, teve o trimestre, os trimestres todos, recuperação, chances, que perguntassem à vontade, né, o professor tava sempre à disposição, o aluno não se interessou, não vai ser nesse período de férias. E, depois, no retorno, que esse aluno vai conseguir. E acho também que prejudica o professor no trabalho que ele fez durante todo o ano, porque isso, assim, eu até diria, assim, falta de confiança. O professor se dedicou, o professor foi responsável, lutou para que este aluno fosse adiante, e ele não conseguiu. Então, quer dizer, simplesmente passam uma borracha no ano inteiro e dão mais uma chance [...] então, quer dizer, eu acho que é uma desvalorização do profissional, essa é minha opinião". (prof.^a Esperança).

"Eu já fiz vários trabalhos no total são quatro trabalhos a distância sendo uma prova a distância e mais uma, que eu vou fazer lá em fevereiro. Mas eu vi colegas que fizeram uma folhinha de trabalho, se torna muito fácil de tu passar, não que eu não queira que o aluno passe, mas eu acho que ele não tem como tá junto com os outros por mais autodidata que ele seja". (prof.^a Amor).

"[...] o maior absurdo eu ouvi lá da 5ª CRE, que o índice de reprovação foi alto, que eles acharam muito alto, e que, então, talvez os professores estivessem

*equivocados ao fazer a avaliação desses alunos, por isso seria oferecido o plano estratégico de 2012, [...]. Eu disse: ‘meu Deus do céu’. **Isso, pra mim, foi o maior desrespeito com todos os profissionais que estavam sentados ali né.** Que a gente estivesse equivocado, eu disse: ‘por favor, né’. Vem bem naquele sentido, a gente passa o ano inteiro com as pessoas lá, tu não poder dizer como é aquele aluno então? **Pra mim, bem assim, foi um absurdo e agora chega pra nós o mesmo discurso, então, será que a gente tá sempre equivocado”** ? (prof.^a Amor).*

É relevante esclarecer que o fato ao qual a professora Amor se refere foi em relação ao primeiro ano da expedição da ordem de serviço, a qual determinava que as escolas deveriam estar oferecendo o Plano Estratégico de Reversão da Avaliação Excludente, apresentado aos gestores em reunião no início do ano letivo de 2013. Isso surpreendeu todos, e muitos gestores questionaram e justificaram, tentando demonstrar que não era o caso para Plano Estratégico, sem, contudo, serem ouvidos.

A referida discussão foi encerrada pelo coordenador à época, dizendo que era uma ordem de serviço que deveria ser cumprida, se não, sendo servidores públicos, poderiam responder legalmente pelo descumprimento dessa ordem. E foi com muito pesar e um enorme sentimento de impotência que eu tive que passar essa informação ao meu grupo de trabalho.

E, assim, o grupo passou a organizar o Plano Estratégico em nossa escola, como já narrado em detalhes no capítulo III, subitem 3.2.2. O que acarretou um trabalho excedente no início de um ano letivo, relativo ainda a fechamentos do ano anterior, gerando uma desmotivação geral em meio ao grupo, na execução de uma ordem que estava indo contra as convicções.

Assim, eram evidenciadas, na minha percepção, as alterações nas dinâmicas de trabalho do professor e da escola, com o aumento das exigências de planejamento individual e coletivo. Sobretudo, na formalidade do processo, nas questões da avaliação, que demandou mais tempo de dedicação e acréscimo significativo das burocracias pedagógicas e administrativas. Neste processo de avaliação, o serviço para a secretária da escola aumenta significativamente, pois cabe a ela alimentar o sistema ISE (Informatização da Secretaria da Educação) nos vários momentos desse trâmite.

Observa-se, também, aumento considerável de gastos com materiais de expediente, como folhas de ofício e tinta para a impressão dos pareceres ao final dos trimestres, bem como com os PPDAs e os Planos Estratégicos. Mesmo que muitas vezes os alunos optem por não os realizar, foram demandados o tempo do professor em planejamento e dedicação e, também, os materiais gastos, o que, com os poucos recursos recebidos do Governo, deve ser considerado.

Neste sentido, penso que o tema avaliação constitui-se em um dos mais complexos na profissão docente. Avaliar, para mim, pressupõe alguns requisitos fundamentais, como: entendimento de que o processo é contínuo, construído aula a aula e em parceria aluno-professor-alunos. Sendo a capacidade de observação do docente o fator primordial, e o interesse do aluno em querer aprender um fator importante.

Uma “tarefa” que o EMP apresenta com maior abrangência é o desafio de que a avaliação do sujeito ocorra de forma ampliada, levando em consideração sua auto avaliação e a avaliação dos professores de diversas disciplinas, reunidos através das áreas de conhecimento, com vistas a analisarem o aluno integralmente, sendo capazes de elaborar um parecer descritivo que busque melhor caracterizar o desempenho desse aluno.

Nessa perspectiva, ao pensar em uma avaliação que promova o conhecimento, retomo o pensamento de Cossio (2013), quando escreve que:

Uma avaliação emancipatória pressupõe uma concepção de educação igualmente emancipatória, ou seja, que promove o conhecimento para além da informação, prioriza o processo e não o produto, que valoriza o sujeito e não a sua utilidade para o mercado produtivo, que reconhece o papel social da escola e as suas possibilidades de resistência às políticas massificadoras e homogeneizadoras. (CÓSSIO, 2013, p.90).

Diante de muitas reflexões e indagações que poderiam surgir, como por exemplo: os nossos governantes efetuem de fato uma educação que seja em sua origem emancipatória? Os governos, em qualquer das esferas, reconhecem o papel social da instituição escolar? Como buscam esta articulação de forma que garantam a todos os estudantes o acesso igualitário à universidade, se há uma desconexão nos sistemas de avaliação, uma vez que no Enem e no Pave o candidato é classificado por nota? Por fim, reflito: E nós, professores, somos capazes de reconhecer o nosso poder de resistência às políticas, quando entendemos que, em algum aspecto, elas não condizem com nossos princípios morais?

Nesse sentido, algumas perguntas merecem reflexão, como a que se segue: *“[...] já começo, às vezes, a me questionar será que a forma de avaliação que eu faço tá certa ou não tá?”* (prof.^a Amor). Pode ser sinal de que novas percepções e novos caminhos poderão ser traçados, apontando para novas tentativas e, com elas, a possibilidade de erros e acertos. Embora a intenção, acredito que seja para os professores, sempre a de colaborar para o aprimoramento do ensino, da aprendizagem e da avaliação.

c) Sobrecarga de trabalho gerada nos professores, sobretudo nos da disciplina de SI.

Os gestores vinculados à 5ª CRE foram orientados de que a carga horária da disciplina de SI seria iniciada no primeiro ano com duas horas-aulas, e de que seria aumentada gradativamente nos segundo e terceiro anos. Portanto, houve a necessidade de alteração das matrizes curriculares, como já demonstrado no capítulo III, subitem 3.2.1. Também, foi colocado em formação para os gestores, proporcionada pela Seduc-RS, como já mencionado, que os professores deveriam ter o perfil para trabalhar com os Seminários Integrados, visto que:

[...] constituem-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto. (SEDUC-RS, 2011, p. 23).

Sabe-se que o desconhecido pode causar medo, angústia, desconforto. A primeira reação da maioria dos docentes da escola locus foi a negativa em querer trabalhar com o SI. Apenas a professora Amor manifestou que gostaria muito de ministrar essas aulas, pois trabalhar com projetos fazia parte de seu planejamento há muito tempo e ela se sentiria muito realizada neste tipo de atividade.

Pedagogicamente, esta foi uma das primeiras dificuldades, ter o recurso humano de acordo, satisfeito e feliz em ser responsável por esta disciplina. Mas isso se agravou nos anos seguintes de implantação, uma vez que outros professores tiveram que ministrar essas aulas com o aumento natural de horas do SI, gerado pela implantação das séries seguintes.

Nesse momento, passou, então, como abordado anteriormente, no capítulo III, item 3.2.2, a se modificar a dinâmica do SI, uma vez que os professores que foram se agregando a ela, não aderiram mais por desejo, mas por um pedido da

direção da escola, de que os mesmos colaborassem por um ano, vivenciassem a experiência e, assim, também, fechassem sua carga horária na escola. Portanto, percebe-se os arranjos que se fazem necessários dentro do espaço escolar para atender impositivos do Setor de Recursos Humanos da mantenedora. São encargos dos quais o gestor não pode fugir.

Mas, afinal, que perfil é esse? Qual o papel do professor no SI?

“Ah, o professor, ele é o motivador, ele é o instigador, ele tem que tá fazendo intermédio entre o mundo, a interpretação do mundo, as redes sociais e tudo isso e estar trazendo pra sala de aula e estar instigando o teu aluno, há, o papel do professor é caminhar junto com o aluno, tu tem que tá junto com ele, não é uma aula convencional digamos assim, se tu chegar na minha sala de aula, muitas vezes, assim, eles tão produzindo o artigo, tem um bolo aqui tem um bolo ali, então tem conversa aqui e ali, vai dizer aí essa sala de aula, tá né?, mas ali tá acontecendo produção”. (prof.^a Amor).

“Ai, ai, como é que eu vou te dizer, é um Deus nos acuda! Porque tu tem que tentar socorrer todos ao mesmo tempo e tu tá vendo que um determinado grupo tá precisando de ajuda e ao mesmo tempo outro também tá precisando. Então quer dizer que todos os grupos dentro da mesma sala de aula se torna difícil”. (prof.^a Esperança).

“[...] mas eu vejo assim meio, meio... meio tumultuado o trabalho do professor do seminário, por, justamente, por não ter a colaboração assim mais, mais, mais presencial dos outros professores juntos, o professor fica sozinho né”? (prof.^a Esperança).

“É, a maioria não gosta de trabalhar com SI, essa é a minha visão, alguns colegas querem trabalhar com SI, trabalharam em 2013 e querem de novo trabalhar em 2014. Mas são poucos colegas, a grande maioria não gosta de trabalhar com SI”. (prof. Entusiasmo).

A aflição dos professores ao trabalharem com a disciplina de SI e o desejo de fazerem um trabalho de qualidade demonstram dúvidas sobre como desenvolver as atividades e o tempo que deveria ser destinado aos projetos em relação a suas outras disciplinas. O que se observa nas narrativas abaixo:

“[...] vamos dizer que em 2012 as minhas aulas de Química ficaram prejudicadas porque eu não me dediquei tanto a elas, a coisas novas, trabalhei mais o trivial, mais o básico. Não trouxe tantos acréscimos diferentes, que cada ano tem o básico que a gente tem que trabalhar, mas a cada ano a gente vai achando um vídeo novo ou vai achando uma motivação, um filme ou isso ou aquilo, tu vai sempre vendo novas coisas. E eu deixei praticamente a Química de lado e trabalhei incessantemente no seminário integrado: O que fazer? Como fazer?” (prof.^a Amor).

“[...] então eu acho que deve ser repensado, a questão também da carga horária que vai ser aumentada para o professor, ela não é aumentada, mas o professor vai ter mais trabalho em estar pensando em dinâmicas para o SI e além de ter essa dificuldade, porque os professores não são especializados em pesquisa, eles fizeram pesquisa em suas graduações, mas eles não têm o conhecimento mais profundo para transmitir esses conhecimentos para o aluno”. (prof. Entusiasmo).

“[...] O trabalho em si alterou, uma coisa assim que eu percebi, eu não sei se é ético tá falando, mas que eu percebi que se trabalhou bastante, se deu bastante oportunidade, mas faltou, eu acho que se deixou um pouquinho de lado o trabalho com o conteúdo específico da disciplina. Então, isso é uma coisa que eu acho que deveria ter um controle melhor do professor com relação a isso, de se trabalhar o conteúdo e se dar o espaço para trabalhar o projeto também, mas não se deixar somente pelo projeto e deixar o conteúdo tão necessário pra se fazer o Enem, [...]” (prof. Atencioso).

Assim, percebe-se que as rotinas de trabalho para esses professores vão se alterando a partir da reestruturação curricular como um todo e não apenas para os professores de SI.

“[...] claro que o professor teve que se reciclar um pouquinho, teve sim, com certeza, sair do tradicional. O professor hoje em dia ele tem que fugir do tradicional, porque hoje em dia a gente tem um aluno muito conectado, então eles não vão querer somente aquele papel, aquela coisa que se faz por obrigação e não se vê sentido naquilo que se aprende, então o professor, hoje em dia, tem que ter muito cuidado com relação a isso”. (prof. Atencioso).

“Eu acho que deveria ter cursos de formação para os professores que trabalham com o Seminário Integrado. Porque, o que acontece, um professor que se

habilite a trabalhar SI independente de formação, ele vai lá encara e faz o trabalho né, mas é um trabalho que não tem uma formação, que não tem uma regra que se aplique isso aí, então, isso é uma coisa que eu acho que é necessário”. (prof. Atencioso).

“[...] o meu tempo de hora atividade e de planejamento foi integral e muito além daquelas horas para o SI, [...]”. (prof.^a Amor).

“[...] e infelizmente querem que a gente apresente maravilhas, e uma coisa que eu percebo é assim, se o professor conseguiu fazer essa maravilha quem brilha é o governo, não tenho nada contra o governo nem nada, mas é o que eu sinto, agora se deu qualquer probleminha onde é que vai parar o probleminha? Nas costas do professor. Se brilhar, o professor não aparece, agora, se a coisa não deu certo, é erro de quem? Do professor, jamais, jamais dos que estavam lá dentro do escritório, do gabinete fazendo as coisas e mandando pra nós cumprir,[...]”. (prof.^a Esperança).

Categoria 2 – Carência de infraestrutura adequada à proposta apresentada, tanto em aspectos físicos, quanto humanos.

Como abordado detalhadamente no capítulo III, subitem 3.2.2, sob o meu ponto de vista enquanto gestora, a escola precisou se reorganizar em sua dinâmica no que diz respeito aos espaços físicos e aos recursos humanos para tentar um ambiente que tivesse condições favoráveis, mínimas, ao desenvolvimento do EMP. Embora reitero o entendimento de que essas questões de infraestrutura devem, a qualquer momento, assim como deveriam antes da implantação do EMP, terem sido garantidas pelo Estado.

Na narrativa dos sujeitos da pesquisa, observa-se que esta categoria fundamenta-se a partir das pré-categorias abaixo:

d) Falta de condições físicas da escola, que necessitou da construção de espaços para dar conta da implantação do modelo.

“[...] olhando na escola, tivemos que deslocar as turmas dos pequenos para as salas pequenas para os laboratórios, trocar turnos para conseguir atender o sistema”. (prof.^a Amor).

“[...] faltam locais para a realização das atividades, [...] é bem complicado ainda mais com essa estrutura que é precária, falta sala de aula, muitas vezes se

trabalha em locais não apropriados, como o laboratório de ciências [...]”. (prof. Entusiasmo).

A situação abordada acima ocorreu em 2012, enquanto eu atuava como vice-diretora. Nesse primeiro ano de EMP, comecei a observar o que seria possível modificar para tentar melhorar a falta de espaço físico. Contudo, sem ser conivente com a situação que foi imposta, mas com um sentimento de inconformidade e no firme propósito de buscar prover uma situação melhor para a comunidade escolar, no período de férias de 2013, foram executadas as obras de melhorias no almoxarifado, para, assim, ter mais duas salas de aula. Saliento que os recursos para esta obra foram angariados através do CPM, nos eventos realizados no decorrer do ano. Portanto, posso afirmar que a efetivação do EMP na escola locus, foi muito além de uma reestruturação apenas curricular.

“Eu acho que estão faltando recursos para o Ensino Médio Politécnico, para a ampliação de espaço, para dar fornecimento para o aluno na escola. A gente sabe que hoje uma biblioteca não é mais suficiente para um aluno por o aluno nem quer mais pesquisar em livros ele quer olhar na internet [...] então o mínimo que uma escola deve ter hoje, especialmente em Seminário Integrado é um sistema onde tu tenha internet à disposição que funcione bem [...]”. (prof.^a Amor).

“[...] na questão do SI, ferramenta indispensável é a internet, só que muitas vezes a internet nessas escolas de zona rural é muito precária, não funciona, não conecta, então se perde muito, diferente da realidade de Porto Alegre, por exemplo, que a internet é 3G e todas as escolas têm, [...] pra se trabalhar com o SI, eu acho que as escolas de zona rural deveriam investir mais nisso, disponibilizar esse acesso à internet para as pesquisas dos alunos”. (prof. Entusiasmo).

Outra prioridade em 2013, para buscar melhor viabilizar os recursos didático-pedagógicos, foi o investimento no laboratório de informática, que divide espaço com o de ciências, através da contratação de uma empresa para revisar toda a instalação, bem como da compra e manutenção de equipamentos. Infelizmente, embora todo o empenho quase ao término da minha gestão, este é um problema sobre o qual me sinto impotente. Pois mesmo após o investimento realizado, quando há alguma pane, os profissionais demoram a chegar à escola para a execução do reparo, e a navegação na internet é muito lenta quando são acessados os dez microcomputadores que a escola dispõe em uso no laboratório.

Narro, também que a escola recebeu, há mais de um ano, um armário de aço para o armazenamento de 30 *laptops*. No entanto, o armário chegou, e ainda se aguardam os computadores. No decorrer deste tempo, a partir da implantação do EMP, os alunos começaram a se organizar junto às suas famílias e muitos adquiriram seu próprio computador móvel, dada a necessidade de utilização dos seus recursos para o trabalho de elaboração dos projetos, desde a pesquisa, a formatação e a apresentação. Diante disso, a escola passou a investir mais em velocidade para o acesso à *internet*, bem como antenas mais potentes e ampliação de rede de utilização de *wireless*.

e) Falta de recursos humanos para atender as demandas nos variados setores da escola, geradas a partir dessa proposta.

Para um melhor entendimento das falas dos sujeitos, é necessário lembrar algumas informações narradas na apresentação do *locus* da pesquisa. A escola Dr. Carlos Meskó possui cerca de 250 alunos, do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do EMP. Em três tardes, os alunos do EMP permanecem o dia na escola para o fechamento das 1.000 horas anuais exigidas pela legislação.

Há mais de 20 dependências que necessitam ser limpas diariamente, além das áreas de convivência e de circulação. De acordo com o que a Seduc-RS denomina tipologia da escola, só pode-se dispor de duas merendeiras e uma servente. E embora as reiteradas tentativas de aumentar estes servidores, visto que há uma sobrecarga aos que estão nesta tarefa, o argumento para a negativa é a tipologia da escola. É intrigante e lamentável observar que, apesar de totalmente incoerente no entra e sai de governos, ninguém propõe a alteração desta lei. Os sujeitos da pesquisa observaram que:

“A escola vira um restaurante, porque nos dias que tem aulas em turnos inversos, almoçam 100 alunos. Para a quantidade de merendeiras, isso é algo surreal, nem sei como conseguimos fazer porque mexe muito com a estrutura, teria que vir muito mais dinheiro para a educação [...]”. (prof.^a Amor).

“[...] agora parece até que a nossa escola virou restaurante, porque com este turno inverso as coitadas das nossas domésticas correm dum lado pro outro pra atender o pessoal, é impressionante”. (prof.^a Esperança).

“[...] em 2012 e 2013 nós tínhamos o Mais Educação também, então, a escola, ela procurou atender da melhor forma possível esses alunos, eu acho que atingiu e conseguiu, com todo o esforço, com toda a carência de recursos humanos, principalmente na área da cozinha e de serventes”. (prof. Atencioso).

“Então, quer dizer, tem, às vezes, cento e tantos alunos pra almoçar, é uma correria, então, quer dizer, não temos espaço físico, não temos profissionais, [...]”. (prof.^a Esperança).

Ao concluir a análise desta categoria – **carência de infraestrutura adequada à proposta apresentada, tanto em aspectos físicos quanto humanos**, sintetizo trazendo um apanhado das falas dos sujeitos que relatam concomitantemente as carências citadas, demonstrando a relevância da questão na implantação do EMP.

“Primeiro, no meu ver, ter profissionais para ser possível atender, porque o espaço físico, tendo o profissional, até no refeitório a gente vai, mas tem que ter aquele profissional, profissional, não é aquele que vai lá e diz temos que passar o fulaninho, porque senão depois nós vamos ter que ficar mais horas trabalhando na escola etc, etc... Ter profissional que seja consciente, que tem essa responsabilidade nas mãos, eu acho que é a primeira coisa, [...]”. (prof.^a Esperança).

“[...] e existem muitas coisas na escola que realmente deveriam ser melhoradas, é ótimo ter o aluno mais tempo na escola, [...] mas para isso tem que ter finanças para a escola aumentar e pessoal também, [...]”. (prof.^a Amor).

“Falta, inclusive até para substituir, se o professor, por exemplo, vai fazer uma cirurgia, entra num período de um mês, dois meses, de acordo com o caso, uma cirurgia mais delicada, o que acontece? Onde tá o outro profissional para substituir? Tem? Não tem. Pedem? Pedem, mas tem resposta? Não tem. Às vezes, dá até pra perceber, eu já percebi, que ah tá faltando professor, então, vê o que tu pode fazer aí, vê se tu consegue outro profissional para substituir esse, e aí a CRE, que tem todo o seu quadro lá, em vez de fazer esse serviço, não, quem é que tem que batalhar? O próprio diretor, própria diretora, vice, sei lá o que, tem que sair perguntando pros outros, pra ver se tem alguém que possa substituir o fulano, que necessitou se ausentar da escola, então eu acho isso aí difícil, atender tudo”. (prof.^a Esperança).

“De forma alguma nem um pouco estrutura não temos, temos como fazer como foi feito, deslocando turmas e turnos pra conseguir encaixar, e recursos humanos nem pensar. É, não tem recursos humanos pra fazer o básico muitas vezes, a escola às vezes passa quanto tempo sem um professor de disciplinas regulares que são muito importantes, imagina aumentando horas e carga horária de professor e pagamento de professor e disponibilidade de professor não existe. Eu acho que ainda na nossa escola conseguimos mais ou menos estruturar o espaço físico e para os recursos humanos é o mais difícil, eu acho de se conseguir até porque existem recursos humanos que não querem e que não aceitam a proposta do Ensino Médio Politécnico, engolem e, aí, não querem trabalhar com isso dessa forma, não querem se disponibilizar. Tá também pegando a disciplina do seminário integrado, então eu acho que o maior problema de todos, claro que é problema, também, o espaço físico, mas os humanos é um grandioso problema que temos e por quê? Porque o professor não foi preparado pra isso, a gente não recebeu a capacitação pra isso [...], por não ter tempo também, tá cheio de aula lá, aí chega e tem que fazer e aí a barreira fica na frente e não quer, e não vai e não faz”. (prof.^a Amor).

“Não tem condições, não tem espaço físico, não temos laboratório, tem o laboratório, mas não tem pessoas capacitadas para atender esse laboratório, nem pra atender biblioteca, nós temos em algumas horas a bibliotecária, mas nós não temos aquela sequência, então, quer dizer, eu, sinceramente, nem espaço físico e nem em pessoal, [...]”. (prof.^a Esperança).

“[...] o que eu percebo do Politécnico, que é uma boa ideia é, só que nós estamos completamente sem espaço físico, sem profissionais, os profissionais que nós temos, nós temos que fazer o máximo, corre pra um lado, corre pra outro”. (prof.^a Esperança).

“Os espaços, alguns foram adaptados de forma que contemplasse esse Seminário Integrado, então, a escola nesse sentido, ela procurou se organizar da melhor forma possível, eu acho que não deixou a desejar em nenhum momento, até mesmo porque se ofereceu tudo o que se pedia, que era alimentação, turno inverso, transporte, então, nessa área aí, eu acho que a escola fez um bom trabalho, tanto que não se ouviu falar em nenhum momento de que estivesse faltando alguma coisa, a não ser a nossa internet, fora isso, até mesmo que a gente não viu

comentário de nenhum outro colega, que diz ah tá acontecendo isso ou ah tá faltando alguma coisa, então eu acredito que a escola, dentro do que ela tinha, ela fez um bom trabalho". (prof. Atencioso).

"Agricultor, escola do interior, pensa só em agricultura, a gente acha que pensa, mas não, de lá sai técnico em enfermagem, saem alguns direto pra escola do município trabalhar como professor, então, quer dizer, eu acho que além da teoria eles têm que ter um pouquinho de prática, certas profissões mais básicas, agricultura, tudo bem, tem que ter pelo menos uma boa duma horta, irrigada ou não, mas tem que ter, são coisas simples, mas a escola não tendo funcionários, não tendo verba, vai fazer como? Milagre? Bem que a gente gostaria né?" (prof.^a Esperança).

"Volto a repetir, a ideia é excelente, mas nós não temos funcionários, nem espaço físico, é o que eu vejo, [...]". (prof.^a Esperança).

Categoria 3 – O que ficou de positivo, até agora, com as novas práticas pedagógicas.

f) O trabalho interdisciplinar como fator agregador dos docentes.

A professora Esperança, quando fez esta narrativa, havia trabalhado em 2012 e 2013 com SI. Lembrando que em 2014 ela desistiu de trabalhar com esta disciplina, alegando uma sobrecarga significativa de trabalho.

"[...] também sinto que as outras disciplinas não estão integradas ao seminário ainda, mas há possibilidade disso. [...]. Sinto, também, que nós temos que caminhar muito para que todas as disciplinas trabalhem em conjunto, para que os alunos tenham maiores vantagens ou chances, não sei bem como explicar isso aí, para que eles consigam já sair com uma ideia do que eles irão fazer numa universidade ou mesmo aqueles que não irão fazer uma universidade, mas no seu próprio emprego, investir mais em estudos para que tenham mais facilidade, principalmente na agricultura". (prof.^a Esperança).

"[...] outra dificuldade que se teve no primeiro ano de Seminário Integrado foi a integração dos professores. A professora Esperança, ela queria fazer um trabalho com todos os professores, e ela por fim acabou trabalhando só ela e a Amor. Somente o trabalho, sem ter muita participação dos colegas, o que já mudou agora em 2014. 2013 não lembro também dessa troca, agora houve bastante trabalho

onde envolveu todos os alunos, toda a escola e todos os colegas, avaliando a integração dos trabalhos. Um professor começou com um projeto bem legal, e a gente incluiu o Seminário Integrado, os outros incluíram a disciplina também dentro de alguns projetos, especificamente, desse professor agora”. (prof. Atencioso).

Nas falas acima, pôde-se observar o avanço muito lento do trabalho interdisciplinar. Segundo o professor Atencioso, esta prática começou a fluir realmente a partir de 2014, o que pode ter sido em função da formação do PNEM, visto que a mesma exigia dos professores atividades em conjunto, envolvendo as diversas áreas do conhecimento. Essa condição demonstra que apenas esta política – a do EMP – não foi suficiente para contemplar um de seus princípios orientadores: a interdisciplinaridade.

“Foi aos poucos conquistado, é uma luta que a professora Esperança sempre teve, e acho que ela teve a resposta que ela desejava ter. Ela pedia a contribuição dos colegas, que deixassem algum material, alguma sugestão, alguma coisa assim, e acho que, aí, faltou isso. Em 2014, teve uma mudança, não sei se direcionou pra isso de forma que todo mundo trabalhasse, participasse do trabalho em si, do projeto todo, dando uma pequena parte da sua aula pra poder concretizar o trabalho num todo, porque era um projeto que envolvia toda a escola e todos os colegas”. (prof. Atencioso).

Neste sentido, notou-se que somente a proposta do EMP não deu conta do trabalho interdisciplinar, sendo necessário agregar outra política pública, que, por sua vez, foi de iniciativa do Governo Federal. Ressalto que se ocorresse a imposição antes do EMP, poderia ter beneficiado muito os docentes, que se sentiram tão desamparados por parte do Governo do Estado, quando da implantação do EMP. Percebo, como pesquisadora e gestora, que essas práticas pedagógicas oportunizaram estudos em conjunto com os professores, e no enfrentamento dos desafios estreitaram-se os laços de união e amizade.

“Como professor, também, a gente muda a mentalidade, a gente muda um pouquinho do tradicional, a gente procura trazer pro aluno o que é de mais importância, de mais relevância pra ele, que é a aplicabilidade daquilo que a gente tá ensinando, então, nós também, como professor, eu, como professor, né, percebi que evolui em relação a isso com o EMP”. (prof. Atencioso).

g) A busca em preparar o educando para a vida e a cidadania de forma mais consciente a partir das atividades proporcionadas no SI.

“A proposta é muito boa, faz com que os alunos progridam através dos seus estudos, vejo também que os alunos têm muito interesse principalmente no seminário integrado,[...] Percebo que na parte do seminário integrado, os alunos demonstram muito interesse nas suas pesquisas, são alunos que se dedicam. Tive o privilégio de trabalhar no ano passado com a mesma turma que eu já estava trabalhando e percebi um crescimento muito grande na caminhada que eles estão fazendo, principalmente na autonomia que eles lançam mão em pesquisa, em consulta na internet, com entrevistas, vêm até a cidade, procuram cada vez mais... vamos dizer, assim, tentar conhecer mais a realidade porque eles querem não fazer só uma pesquisa bibliográfica, mas também de campo e eles estão se preparando, se Deus quiser, para, em 2014, continuar nesta pesquisa que eles fizeram agora, para depois passar principalmente para os pequenos agricultores, pois eles são de origem de pequenos agricultores”. (prof.^a Esperança).

A professora Esperança apontou, conforme consta na fala abaixo, entender que um fator de maior interesse e dedicação dos alunos pode ser o fato de permanecerem mais tempo juntos, agregando-se através do objetivo comum de trabalhar para a efetivação dos projetos:

“No meu entender mais é porque eles estão mais, pelo menos agora no Ensino Médio, eles estão mais em grupo, um dá uma ideia daqui; outro dá uma ideia dali e juntando essas ideias, eles vão somando. Mesmo aqueles que não são bem integrados ao grupo, isso foi bem interessante no ano passado, que determinados alunos não estavam bem integrados naquele projeto que estavam fazendo, aí um pegou e disse assim: ah, mas eu entendo de milho transgênico, porque o meu pai trabalha assim e assim... Aí, eles foram se unindo, sabe, mesmo aquele aluno mais brincalhão do grupo, naquele momento ele começou a participar mais porque os outros chegaram no que ele já tinha um pouco de conhecimento, então ele começou a ajudar o pessoal, então houve um crescimento nesse grupo, claro que não foram todos, mas é aquilo que eu disse né?” (prof.^a Esperança).

E, quando questionada sobre um ponto positivo do EMP, a mesma relatou, reforçando a ideia anterior, que os alunos crescem na convivência, na troca, na relação com o outro e com o coletivo.

“Com toda a dificuldade que nós temos, ainda é a união entre a turma, tá? Eles conseguem, não sei como, mas conseguem se unir, embora ainda tenha uma certa diferença entre eles, mesmo assim aquela união, aquele trabalho em grupo, eles não ficam tão no individual, o coletivo tá fazendo diferença, é um ponto positivo aí. Principalmente, no Seminário Integrado é que eu percebo mais isso”. (prof.^a Esperança).

O enfoque dado pela professora Amor, ao citar um ponto positivo do EMP, também diz respeito aos alunos:

“Ai, eu sou apaixonada pelo trabalho da disciplina de seminário integrado no 1º ano, não posso falar pelos outros; assim, mais esse acréscimo das horas de ter o aluno regularmente contigo em sala de aula ali, sabe, ele tá presente mais tempo, não de faz de conta, não com aula a distancia, ele tá ali dentro da escola, ele tá convivendo. Assim, uma coisa que eu acho bem interessante quando eles chegam, porque é um turno a mais que eles têm que ficar na escola uma tarde, quando eles chegam, o primeiro mês chove de reclamação: ah, não sei o que e tô cansado, tô isso, tô aquilo. Com o andar do trabalho e deles irem se integrando à escola, se aconchegando à escola, ao tempo ali e às aulas, tu não ouve mais esse tipo de reclamação, assim, pelo menos esse ano de 2013, de maio, junho pra cá eu não ouvi mais a reclamação [...]”. (prof.^a Amor).

“Uma mudança que eu percebi, partindo dos alunos primeiramente né, que eles tiveram mais autonomia pra construir o conhecimento. Antes de 2012, sem estar no ensino politécnico, os alunos, eles recebiam muito do professor, o material que o professor passava e eles reproduziam somente aquilo ali, não tinham um avanço além daquilo ali, existia pouca pesquisa. E, a partir de 2012, com o ensino politécnico, percebi que eles já ficaram melhor preparados pra buscar isso aí, buscar informação, trabalhar em cima dessa informação, produzir conhecimento a partir do que eles buscavam, né, então essa aí é a mudança que mais se percebeu nessa transição aí”. (prof. Atencioso).

“[...] eu disse pra essa turma que saio do 3º ano agora que não era Ensino Médio Politécnico, as apresentações de trabalhos de quem tá no 1º ano, estava no 1º ano lá na escola eram muito melhores do que as de quem estava no 3º ano, muito mais, assim, olha, é gritante a entrega do trabalho no papel e o falar, nossa! Não tem assim comparação [...]”. (prof.^a Amor).

“Neste ano de 2014, como professor de Seminário Integrado, eu percebi o quanto o aluno pode produzir, desde que ele tenha o incentivo, desde que ele tenha uma orientação pra fazer o trabalho, sem ele ter essa orientação num primeiro momento ele se sente um pouco perdido realmente”. (prof. Atencioso).

As narrativas a seguir sintetizam a base em que os professores de SI se fundamentaram, escolhida no ano de implantação, como já detalhado anteriormente. Acredito que ao unir este conhecimento com a prática de apresentação dos trabalhos, proporcionamos aos estudantes um desenvolvimento mais integral, em aspectos cognitivos, emocionais e físicos. Pois nessas práticas pedagógicas, o aluno teve a oportunidade de aprender alguns conceitos sobre a escrita acadêmica, desenvolvendo a oratória, a capacidade de argumentação e a postura em público.

“Na nossa caminhada lá, combinamos de ser bem gradativos, falando pelo 1º ano, temos um trabalho de conhecer o aluno e fazer ele se autoconhecer para ele poder começar a escrever e interpretar uma coisa, porque antes de escrever, ele tem que interpretar, tem que conhecer ele mesmo, tem que saber enxergar o mundo ao redor dele, para ele poder falar alguma coisa de si e do mundo. Então, é isso que fazemos no 1º ano, se trabalha a percepção do mundo, percepção de si para começar a escrever na forma de resumo, depois de resenha e no final de artigo, viemos sempre trabalhando para isso, no 2º ano, a gente já aprofunda mais, já começa-se a fazer um trabalho de pesquisa, vai mais para a parte científica, para, no 3º ano, fazer um projeto maior, gradativo, tudo em crescimento porque muitas vezes o aluno chega para nós sem saber ler e escrever quase nada”. (prof.^a Amor).

“Então, o aluno começou a produzir mais, buscar mais, participar mais, perdeu o medo de falar na frente das pessoas, apesar de que no primeiro ano pra eles é muito difícil né, eles vão se moldando conforme o sistema. Então os alunos que vem desde 2012 e agora se formando em 2014, que é o nosso primeiro terceiro ano, a gente vê uma evolução bastante grande no lado pessoal deles, quanto em termo de conhecimento também”. (prof. Atencioso).

“[...] e essa disciplina como nós trabalhamos na escola acho que faz o aluno se conhecer demais, assim eles têm um crescimento muito bom. Olhar o que eles escrevem ou o que eles dizem, nem eu sabia, às vezes em um trabalho, em grupo, tu fazer o aluno falar alguma coisa ali, às vezes o aluno falou coisas e se expôs até na frente dos colegas de uma forma que eu nem esperava, que até achava que a

situação fosse fugir do meu controle por aluno estar emocionado, por aluno tá colocando uma vivência, uma experiência da sua vida, que muitas vezes em casa ele não colocou. E, assim, ouvir a fala deles e conhecer eles, é muito bom, eu acho que isso é o mais positivo, além do que ele tá aprendendo coisas que eu, por exemplo, fui aprender na marra, apavorada, lá na faculdade ou talvez até na pós, na especialização, que é fazer o artigo, que é fazer a monografia, que é fazer um projeto, [...] teve um grupo mesmo que fez um artigo a nível de universidade [...] “. (prof.^a Amor).

“Mas percebo, assim, que sempre há uma evolução né, desde o primeiro dia de aula que eu dei pra eles até o fim do 3º trimestre, eles cresceram bastante. Até com relação aos trabalhos, as primeiras apresentações, as primeiras organizações de matérias, realmente, eles apresentaram um trabalho muito simples, faltando muita coisa e, agora, no fim do 3º trimestre, eles já começaram a evoluir bem mais né. Eles já perderam aquela timidez de falar em frente aos colegas, de se apresentar, até mesmo pra escola, então, houve um crescimento em relação a isso”. (prof. Atencioso).

“Então, só pra reforçar, acredito que o EMP é bem positivo, acredito que a interdisciplinaridade é válida, é positiva, tem que ser assim, o aluno não é só número, ele não é seis de dez, ele não é sete de dez, ele é muito mais do que isso. Eu acho que o EMP consegue ter um olhar mais aprofundado nesse aspecto, mas claro que com alguns problemas que devem ser sanados. Eu acho que era isso”. (prof. Entusiasmo).

“Ah o EMP acho que veio pra ficar e um ponto positivo é a questão do aluno pesquisar e construir, de forma significativa, assuntos relevantes, até mesmo que trata dele e no momento que ele busca essa informação, que ele trabalha essa informação, que ele organiza essa informação, de forma que ele possa também passar essa informação para os demais colegas, até mesmo colegas de outras turmas. Eu acho que essa autonomia que tá se dando pro aluno, com base na orientação que se dá do professor da disciplina, eu acho bastante importante, eu acho que esse espaço do Seminário Integrado, onde se trabalha com tanta variedade de informação, com tanto assunto importante, e que ele pesquise, que ele escreva, que monte o trabalho final eu acho que isso é bastante importante, até mesmo na desinibição, que ele perca o medo daquilo ali. Até mesmo porque tem

tanto aluno com uma capacidade que a gente não tem nem ideia que ele tenha essa capacidade, tem múltiplas inteligências e nessa parte eu acho que começa a aflorar, que ele começa a mostrar. Mostra, também, o que ele gosta mais e, em cima disso, ele faz um bom trabalho, ele constrói uma aprendizagem significativa pra ele". (prof. Atencioso).

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS... à guisa das possíveis conclusões

Encaminhando-me para as considerações finais dessa dissertação, percebo, como gestora, professora e pesquisadora, que o EMP nas escolas de nosso Estado se apresenta de diversas formas em sua organização, que penso ser devido à força das características locais de cada grupo. Algumas evidências desse aspecto se referem – por exemplo – a matriz curricular e a adaptação que cada escola fez na tentativa de executar a proposta “enviada” pela SEDUC, para atender a exigência das 1000 horas anuais e a efetivação da disciplina de Seminário Integrado.

E, foi o que tentei dizer aos leitores no Capítulo IV, reiterado pelas narrativas dos sujeitos no Capítulo V, dito de outra forma, na grande maioria dos casos, nem professores e nem a estrutura física das escolas foram preparados para receber esta impactante política pública educacional.

Um dos aspectos que gerou impacto foi o processo avaliativo no EMP. Demonstrou ser uma temática muito instigante e nesse sentido, acrescento que nos anos de 2013 e 2014, o senhor José Clóvis de Azevedo, então Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, organizou juntamente com o senhor Jonas Tarcísio Reis, os livros intitulados Reestruturação do Ensino Médio – Pressupostos teóricos e desafios da prática e O Ensino Médio e os desafios da experiência – Movimentos da prática.

Estes dois volumes trazem o artigo Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS, de autoria dos organizadores, o qual apresenta alguns índices que apontam bons resultados do Ensino Médio Politécnico já em seu primeiro ano de funcionamento ao dizerem que: “A reprovação diminuiu de 22,3% para 17,9%. Como consequência direta dessa nova forma de organização curricular, a aprovação passou de 66,3% para 70,4%²¹”. (AZEVEDO E REIS, 2013, p. 44).

Considero interessante citar a nota de rodapé 21, que se apresenta no mesmo texto; está escrito e merece nossa reflexão os seguintes dados:

No ano de 2012, com o “custo aluno” da Educação Básica de R\$ 4.939,70, o desperdício de recursos financeiros somando reprovados (60.307) e evadidos (39.894) do Ensino Médio da REE-RS, totalizou expressivos R\$ 494.962.879,70. Em 2011, o montante havia sido ainda maior, R\$ 548.842.485, 75, somando reprovados (76.555) e evadidos (39.314), com o custo aluno de R\$ 4.736,75. (Idem, p.44).

Já no segundo livro organizado pelos autores no ano de 2014, este mesmo artigo foi revisto e atualizado e, apresentam os dados relativos ao ano de 2013, quando a reestruturação atingiu as turmas de segundos anos. Azevedo e Reis apontam que “[...] a aprovação do primeiro ano do Ensino Médio passou para 63,7% e no segundo ano foi de 74,1% a 76,9%, alcançando no total do Ensino Médio a taxa de aprovação 73,6%, e de reprovação 16,4%. São dados sem precedentes na história da educação gaúcha”. (2014, p. 41).

Mais reflexões sobre estes dados são necessárias e, me interrogo: os dados são de custo financeiro por aluno e não de aprendizagem. Não percebo uma preocupação no que se refere à intenção de melhorar a educação comparando dados de aprovação e reprovação somente preocupados com o financeiro. Acredito que em educação qualquer análise que se pretenda fazer “deve”¹⁵ abarcar a complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem.

No decorrer desses três anos procuramos compreender e executar a proposta, ponderando sobre como faríamos, o que era possível para nossa realidade, dialogamos, criticamos, discutimos essa política, ouvimos e avaliamos nossos procedimentos em todos os momentos, mudamos os rumos de alguns aspectos, retomamos a caminhada, mas sempre todos os processos foram acompanhados de muita reflexão e compromisso com nossa comunidade escolar e pelo que nossa escola representa junto a estes cidadãos.

Ao percebemos que nesta trajetória de implantação não tínhamos salas de aula suficiente, nem laboratório de informática que funcionasse plenamente (situação atual), nos faltaram recursos humanos: professor, merendeira, servente; pedimos mais verbas para prover a alimentação dos alunos do EMP, dentre outras demandas, mas nenhuma resposta ou solução chegou. Guardamos todos os pedidos e protocolos dos mesmos.

¹⁵O verbo deve foi colocado em aspas não só pela força semântica, mas também pelo compromisso de um Estado com a educação de seus cidadãos.

Apenas papéis para nossos arquivos que representam nossas necessidades não atendidas. Nossa voz nos protestos e assembleias foi em todos os momentos o desabafo ao descaso sofrido, quando o Governo não entendeu nossas angustias quando impôs um modelo sem que tivéssemos as condições de trabalho e formativas para que a proposta pudesse funcionar de verdade, foram tantas dúvidas não respondidas!

Crescemos? Sim! Somos vencedores em meio às adversidades, pois resolvemos os problemas que o Governo não o fez. Para alguns talvez fomos coniventes com a situação, para mim o compromisso assumido ao ser eleita diretora e a vontade de ter um ambiente para desenvolvermos a educação com dignidade falou mais alto. Somamos nossos esforços nos unindo ao CPM e ao Conselho Escolar, organizamos a *nossa casa*, podemos nos orgulhar.

Em nosso País, educação é um problema macro, as dificuldades existem há muitos anos e pelo visto persistirão um tempo mais. Os recursos federais estão atrasados, ainda não foram depositadas na conta da escola as 2ª parcelas do FNDE e do PROEMI referentes ao exercício de 2014.

Uma nova sigla partidária esta a frente do Governo do Estado e com isso observa-se a possibilidade de mudanças na matriz curricular para 2016, uma vez que a disciplina de SI poderá passar a ter no mínimo uma hora aula em cada adiantamento. Com isso se comprometeria o que esta pesquisa aponta como o ponto alto do EMP na escola *locus*: as novas práticas pedagógicas e com elas os ganhos promovidos aos alunos.

Outro ponto crítico, que pode comprometer a proposta original é o atraso do repasse do recurso destinado ao pagamento do transporte escolar, o que ocorre há alguns anos. Contudo, desta vez os empresários resolveram não prestar o serviço até receberem as parcelas atrasadas, o que fez com que a escola *locus* ficasse sem aulas quinze dias, entre os meses de setembro e outubro de 2015.

E, apesar de estarmos aptos para o trabalho nesse período, não tínhamos como fazê-lo. Em consequência disso, teremos que recuperar esses dias letivos em praticamente todos os sábados até o final de 2015 e mais dois feriados municipais.

Pois, o Município de Canguçu, já se posicionou que não haverá transporte escolar no mês de janeiro e o Governo do Estado tão pouco garantiu as suas escolas que o faria.

Neste sentido, lembrando que minha intenção era ponderar sobre os aspectos relevantes que a implantação do Ensino Médio Politécnico estavam, e ainda estão, reestruturando o Ensino Médio em nosso Estado, bem como as transformações geradas na dinâmica escolar e no trabalho docente a partir disso; fiz as ponderações e, penso que agora apresentarei os aspectos preocupantes, que emergiram, como também, os que representam ganhos a educação, numa reflexão não ingênua, mas realista, contudo sem ser amarga, mas com um olhar de quem acredita, tem esperanças e faz de fato acontecer. Penso que atendi ao meu propósito.

Em que pese as ponderações apresentados, reforço meu posicionamento no sentido de considerar que o EMP é uma proposta interessante, mas pelas experiências que vivenciei, considero que o grande problema de sua implantação ficou na forma e não no conteúdo; creio que nem todas as Coordenadoria Regionais souberam conduzir esta implementação, não ouvindo o clamor dos professores e não visualizando as condições físicas das escolas.

Assim, reporto-me aos estudos de Souza (2002), quando a mesma escreve que as políticas públicas após sua decisão e proposição, implicam também, em implementação, execução e avaliação; e, como apresentado anteriormente considero que o EMP carece da etapa de **avaliação**, acredito que a pesquisa realizada poderá contribuir. Portanto, o produto resultante será um *e-book* da dissertação, o qual pretendo entregar cópia ao Senhor Coordenador da 5ª CRE, Antônio Carlos Brod, bem como ao Senhor Carlos Eduardo Vieira da Cunha, atual Secretário Estadual de Educação.

E, se possível ao ex-governador, senhor Tarso Genro e ao respectivo secretário de educação, senhor José Clóvis de Azevedo e, se possível ainda, a equipe da 5ª CRE da época em que houve a implementação. Meu intuito é colaborar com um possível processo de avaliação dessa política pública.

Ao estar próximo do término, retomo ao poema que permeou os capítulos dessa dissertação – O operário em construção de Vinicius de Moraes – pois antes mesmo de iniciar esta escrita, este poema já fazia parte dela, uma vez que encontrei nas palavras do grande poeta, uma forma de sintetizar meu sentimento diante das responsabilidades que passei a assumir frente à gestão da Escola Estadual de Ensino

Médio Dr. Carlos Meskó e frente ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da FaE/UFPel.

Ambas as responsabilidades encontram-se em fase de conclusão e, ao refletir sobre elas, percebo que aprendi muito, mas que não precisaria ser tão sofrido, como foi. Sobre a gestão escolar, o cargo ocupado justifica minha responsabilidade e, entendo ter colaborado nesses três anos com a consciência de que continuarei a fazê-lo, contudo não mais como diretora, pois não irei concorrer no pleito de novembro de 2015.

Em relação a esse curso de mestrado gostaria de registrar que o caminho não foi menos difícil, em razão de que o curso é bem qualificado, desde o acesso até a conclusão. Situação que se complica quando trabalhamos 40h semanais. Os professores da rede pública estadual, não possuem incentivo algum para busca de qualificação profissional nos cursos de mestrado ou doutorado, pois não há avanços no plano de carreira, em função disso não há nenhum acréscimo financeiro ao salário. O que nos recompensa é a vontade e o prazer em aprender mais.

Ao final digo: valeu a pena, uma vez que essas atividades e as vivências oportunizadas por elas somaram significativamente para mim; não sou mais a mesma, valores e saberes se agregaram durante este percurso e foram me reconstituindo, mais forte, mais flexível, desenvolvendo minha visão crítica e com ela a capacidade de posicionamento. Contudo, na essência sempre a mesma Cris, com os princípios de humildade, responsabilidade, respeito ao próximo e comprometimento com a educação e com as pessoas.

Um imenso sentimento de gratidão aflorou em várias etapas desta tessitura, quando via a minha vida se entrelaçar com o meu trabalho e com os meus estudos. Em muitos momentos a emoção, o nó na garganta e as lágrimas marcaram presença. O enfrentamento do desconhecido, o medo, a angústia, sentidos nessa caminhada, foram amenizados pelas lembranças do quanto nossos alunos já me deram exemplo de coragem e do quanto os admiro por isso.

Apoiando-me nas palavras de Antônio Machado (1983) considero que

*Caminhante, são teus passos o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho; faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho, e ao voltar à vista atrás,
se vê a senda que nunca se voltará a pisar.
Caminhante, não há caminho, mas sulcos de escuma ao mar.*

E, peço licença aos leitores para mais uma vez trazer para esse texto a mensagem final que foi escrita por alguns daqueles caminhantes que fizeram esta política pública acontecer na escola *locus*.

Palavras finais da professora Esperança

“Cris, penso que a caminhada foi válida e continua sendo, pois tudo que fizemos com responsabilidade trás conhecimento e o mais importante é compartilhá-la com os demais. Bj”.

Palavras do professor Atencioso

“Cris, tenho dois pensamentos que considero que fazem parte de nossa caminhada na educação:

Primeiro: “A ideia ilusória da vontade livre deriva de percepções inadequadas e confusas; a liberdade, entendida corretamente, não é o estar livre da necessidade, mas, sim, a consciência da necessidade”. (Spinoza).

O segundo: “É impossível que ocorram grandes transformações positivas no destino da humanidade se não houver uma mudança de peso na estrutura básica de seu modo de pensar”. (Stuart Mill)”.

Palavras do professor Entusiasmo

“E, hoje depois desse tempo vivido percebo que o Ensino Médio Politécnico, desde sua implantação até o momento atual, posso afirmar que a minha concepção sobre o mesmo mudou, pois vejo, hoje, como essa reestruturação foi positiva. Saliento o Seminário Integrado, que é o espaço para pesquisa, principalmente, e que gera momentos de reflexão e construção dos conhecimentos muito profícuos, acarretando em uma preparação dos alunos, para o ingresso no ensino superior, mais sólida”.

Palavras da professora Amor

“Cris, ao analisar nossa caminhada me reporto a Paulo Freire quando escreve: Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre. (Paulo Freire).

Ao início não sabíamos nada, ignorávamos tudo... caminhamos muitoooo... enfim houve muuuuito aprendizadoo!

Bjs”.

Nestas linhas conclusivas preciso agradecer a todos. E, de maneira especial, aos caminhantes que ao entenderem e acreditarem em meus propósitos, fizeram de fato esta caminhada ao meu lado: **a minha sincera gratidão.**

Na convicção de que nossos títulos acadêmicos fazem sentido quando nos conduzem ao encontro do outro e revertem-se em ações para um bem comum, encerro esta dissertação com essa crença. E, este momento significa para mim um ponto de chegada, para um breve intervalo, em uma longa caminhada que prosseguirá!

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P.; **Temas de Filosofia**; 3ª edição; São Paulo. Editora Moderna; 2005. ISBN 85-16-04814-4 (LA) e ISBN 85-16-04815-2 (LP).

BARBIER, René; **A Escuta sensível em educação**; Cadernos Anped, nº 5, UFMG, 1993, p. 187-216.

BRASIL, **Apresentação Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**. Brasília, Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Secretaria de Educação Básica. Acesso em: 15/05/2014.

BRASIL, Ministério da Fazenda; **Lei das Licitações Públicas** Lei nº 8666/93. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8666cons.htm> Acesso em: 15/05/2014.

BRASIL, Ministério da Fazenda; **Lei de Responsabilidade Fiscal** LRF; Lei nº 101/00. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm> Acesso em: 15/05/2014.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Portal Educação**. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=content&view=article&id=18652>. Acesso em: 19/05/2013.

BRASIL, **Programa Mais Educação**. Brasília, Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf>. Acesso em: 02/05/2014.

BRASIL. **Fundo de Financiamento Estudantil**. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>>. Acesso em: 01/05/2014.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, Câmara dos Deputados, 2000. Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em: 20/04/2014.

BRASIL. **Programa Educação Para Todos**. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: <<http://siteprouni.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 01/05/2014.

BRASIL; **Diário Oficial da União – Seção 1**; nº 129, quinta-feira, 5 de julho de 2012. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/provinha_brasil/legislacao/2013/portaria_n867_4julho2012_provinha_brasil.pdf>. Acesso em: 08/05/2014.

BRASIL; **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** – Lei nº 8069/90 de 13 de julho de 1990.

BRASIL; **Ministério de Educação e Cultura; LDB** – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio; **Dicionário da Educação do Campo**; Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012; 787 p.

CARLOTTO, Mary Sandra; **A Síndrome de Bournout e o Trabalho Docente**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá. V. 7, n. 1, p. 21-29, Jan/Jun. 2002.

CARVALHO, E.J.G. **Autonomia da gestão escolar: democratização e privatização, duas faces de uma mesma moeda**. 2005. 235f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

CEED – Conselho Estadual de Educação; **Parecer nº 121/2014**; Disponível em <http://www.ceed.rs.gov.br/arquivos/1391778475pare_0121.pdf>; Acesso em: 29/10/2014.

CEED – Conselho Estadual de Educação; **Parecer nº 156/2012** e nº 310/2012; Disponível em <www.ceed.rs.gov.br>. Acesso em: 01/04/2014.

CHIAVENATO, I. 1993. **A organização e sua administração**; Disponível em: <www.eps.ufsc.br/disserta98/noda/cap2.html>. Acesso em: 05/05/2013.

CNE – Conselho Nacional de Educação – MEC; **Resolução nº 2/2012**; Disponível em <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 31/03/2014.

CUNHA, Luis Antônio. **O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o estado e o mercado**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, (fascículo especial), out. 2007.

DEWEY, John; **Pode a educação participar na reconstrução social?** 2001; Currículo sem Fronteiras, v.1, n.2, pp. 189-193, Jul/Dez.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em:

<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Escola.html>>. Acesso em: 05/05/2013.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza; **Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola.** Educar; Curitiba, n. 17, p. 63-78. Editora da UFPR, 2001.

FONSECA, Pedro C. D.; Keynes: o liberalismo econômico como mito; **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v.19, nº 3 (40), p. 425-447, Dez 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ecos/v19n3/01.pdf>; Acesso em: 29/03/2014.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas a outros escritos**; SP: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **O projeto político pedagógico da escola na perspectiva de uma educação para a cidadania**; 1994. Brasília; Conferência Nacional de Educação para Todos.

GIBRAN, Kahlil. **O profeta**. São Paulo; Editora Claridade 2004; p.112.

HARWOOD, Jeremy; **Filosofia: um guia com as ideias de 100 grandes pensadores**; Trad. MONTEIRO, Henrique; Editora Planeta, São Paulo, 2013; 192 p.

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D.; **Dicionário básico de filosofia**; 4ª Ed.; Editora Marcondes; Rio de Janeiro, 2006; 309 p.

LIBÂNEO, C. J.; OLIVEIRA, J.F. ;TOSCHI, M.S.; **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**; 2ª Ed. – São Paulo: Cortez 2005; Coleção Docência em Formação. ISBN 85-249-0944-7.

LOPES, Alice Casimiro; **Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?**; Revista Brasileira de Educação nº 26; Maio/Jun/Jul/Ago 2004; Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a08.pdf>; Acesso em: 10/04/2014.

LÜCK, Heloísa. Et al.; **A escola participativa: o trabalho de gestor escolar**; 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986; 99 p.

MACHADO, Antônio; **“Proverbios y cantares”**. **Poesías completas**. Madrid: Espasa-Calpe, 1983; Disponível em:

<http://antonioicicero.blogspot.com.br/2010/08/antonio-machado-poema-xxx-de-proverbios.html>; Acesso em: 20/09/2015.

MELO, Maria Teresa Leitão de; **O chão da escola – Construção e afirmação da identidade**; Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 25/06/2014.

METAS EDUCATIVAS 2021; **A educação que queremos para a geração dos Bicentenários**; Organização dos Estados Íbero-americanos para a educação, a ciência e a cultura. Bravo Murillo, 28; Madri; Setembro de 2008; Disponível em: <www.oei.es/metas2021/metas2021_portugues.pdf>; Acesso em: 20/04/2014.

MORAES, de Vinicius; **O operário em construção**. RJ, 1959; Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao>; Acesso em: 02/07/2013.

MORAES e GALIAZZI. **Análise textual discursiva**. 2ed. Ijuí; Editora Unijuí, 2011.

MOREIRA, A. F. B.; **Indagações sobre currículo**: Currículo, conhecimento e cultura; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008; p. 48.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.) Pierre Bourdieu. **Escritos em Educação**; Petrópolis: Vozes; 1998.

OLIVEIRA J. F.; MORAES K. N.; DOURADO, L. F.; **O papel político-pedagógico do diretor**. UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Especialização em Gestão Escolar. Acesso em: 30/05/2013.

PENIN, S. T. S.; VIEIRA, Sofia Lerche.; **Refletindo sobre a função social da escola**. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.); Gestão da escola – desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 13 a 45.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos; **História da educação brasileira: a organização escolar**; Coleção: Memória da educação; 21ª Ed. 1ª reimpressão; Campinas, SP; Editora Autores Associados: Histedbr; 2011; p. 163.

SACRISTÁN, J. G.; **O currículo: Uma reflexão sobre a prática**; Trad. ROSA E. F. F.; 3ª Ed.; Editora Artimed; Porto Alegre; 2000; 325 p.

SAVIANI, Dermeval; **Política e Educação no Brasil**; Campinas, 1997; Editora Autores Associados.

SEDUC-RS; Secretaria de Educação; **Lei da Gestão Democrática do Ensino Público** – Lei nº 13.990/12; de 15 de maio de 2012; Porto Alegre.

SEDUC-RS; Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul; **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio**; Porto Alegre, RS; 2011; 48 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim; **Metodologia do Trabalho Científico**; Editora Cortez; São Paulo, SP; 2007; 144 p.

SHIROMA, Eneida Oto, MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda; **Política educacional**; Coleção: O que você precisa saber sobre...; Editora DP&A; Rio de Janeiro, Brasil; 2000; p. 144.

SOUZA, Celina; **Políticas públicas: uma revisão da literatura**; Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, Jul/Dez/2006, p. 20-45. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16>. Acesso em: 28/03/2014.

UNIVERSITAS: a produção científica sobre educação superior no Brasil, 1968 – 2000. Porto Alegre: GT **Política de Educação Superior**/ANPED, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/faced/pos/universitas>>. Acesso em: 18/07/2015.

VEIGA, P. A. I.; **Projeto Político-Pedagógico da Escola**. UFRN. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared>> Acessado em: 02/03/2014.

APÊNDICES

Entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa

Professor Atencioso

Bom eu Sou professor da rede municipal de canguçu desde 2001, iniciei como contratado fui nomeado em 2003, né sempre trabalhei com a disciplina de matemática né em todos os anos mas além da matemática eu trabalhei com ciências físicas e biológicas no Eja a noite trabalhei com geografia em turmas do sexto ano trabalhei também ensino religioso com turmas do sexto ano pra complementar minha carga horária no município visto que também sou professor da rede estadual desde 2006 então pra conciliar minha carga horária do estado com a do município eu tive que pegar outras disciplinas.

Professor, dentro desse período de transição com a implantação do EMP, o que tu percebeu enquanto professor, o que foi alterado na tua rotina enquanto professor?

Uma mudança que eu percebi, partindo dos alunos primeiramente né, que eles tiveram mais autonomia, pra construir o conhecimento. Antes de 2012, sem estar no ensino politécnico, os alunos, eles recebiam muito do professor, o material que o professor passava e eles reproduziam somente aquilo ali, não tinham um avanço além daquilo ali, existia pouca pesquisa, e a partir de 2012, com o ensino politécnico, percebi que eles já ficaram melhor preparados pra buscar isso aí, buscar informação, trabalhar em cima dessa informação, produzir conhecimento a partir do que eles buscavam, né, então essa aí é a mudança que mais se percebeu nessa transição ai.

Como professor, também a gente muda a mentalidade, a gente muda um pouquinho do tradicional, a gente procura trazer pro aluno o que é de mais importância, de mais relevância pra ele, que é a aplicabilidade daquilo que a gente tá ensinando, então nós também como professor, eu como professor, né, percebi que evolui em relação a isso com o EMP. Então, o aluno começou a produzir mais, buscar mais, participar mais, perdeu o medo de falar na frente das pessoas, apesar de que no primeiro ano pra eles é muito difícil né, eles vão se moldando conforme o

sistema, então os alunos que vem desde 2012 e agora se formando em 2014, que é o nosso primeiro terceiro ano, a gente vê uma evolução bastante grande, no lado pessoal deles, quanto em termo de conhecimento também.

Neste ano de 2014, como professor de Seminário Integrado, eu percebi o quanto o aluno pode produzir, desde que ele tenha o incentivo, desde que ele tenha uma orientação pra fazer o trabalho, sem ele ter essa orientação num primeiro momento ele se sente um pouco perdido realmente. Uma das dificuldades que eu tive como professor de Seminário Integrado, neste ano de 2014, foi não ter um cronograma, parte muito do professor mesmo, tive algumas orientações das colegas que trabalharam anterior, professoras¹⁶ Amor e Esperança, que deram um pouquinho do norte do que teria que trabalhar, então isso foi uma das dificuldades que eu percebi. Uma das dificuldades também, é com relação a informática da escola, não tava funcionando muito bem, então tinha momentos de pesquisa, que as vezes não consegui produzir muito porque a internet não era numa velocidade pra aquele momento, adequado pra eles produzir bastante. E, também, tomar o cuidado na hora de trazer os alunos pra aula de informática pra não dispersar, porque na internet tem muitos assuntos, e se tu se descuidar, eles no primeiro ano, na infantilidade deles, eles procuram até um pouquinho sair do que é o objetivo, então esse é um cuidado que a gente tem que ter bastante. Mas, percebo assim, que sempre há uma evolução né, deste o primeiro dia de aula que eu dei pra eles até o fim do 3º trimestre, eles cresceram bastante. Até com relação aos trabalhos, as primeiras apresentações, as primeiras organizações de matérias realmente eles apresentaram um trabalho muito simples, faltando muita coisa e agora no fim do 3º trimestre eles já começaram a evoluir bem mais né, eles já perderam aquela timidez de falar em frente aos colegas, de se apresentar, até mesmo pra escola, então houve um crescimento em relação a isso.

Professor, em 2012 tu só trabalhava a disciplina de matemática, 2013 também, depois tu começou com o SI que ano mesmo?

Em 2014.

¹⁶ Substitui o nome real das professoras citadas pelos pseudônimos escolhidos por elas, Amor e Esperança, quando realizaram também suas entrevistas.

Em 2012 quando foi o primeiro ano da mudança na escola, naquele momento e no decorrer desses três anos de EMP, tu sentiu que os professores foram bem preparados, houve espaço de formação para os professores trabalhar dentro desta nova política pública?

Com relação a formação para trabalhar Seminário Integrado, eu acho que não houve formação.

E de forma geral para receber esta política do EMP, houve formação, tu teve a oportunidade de participar de alguma formação pra isso?

Não, em nenhum momento.

E tu sentiu que os professores estavam preparados pra essa modificação?

Bom, toda a modificação ela surpreende um pouco, porque a gente nunca tá preparado. Dizer que tá preparado para receber uma mudança é muito relativo, porque toda a mudança que a gente vai enfrentar a gente nunca tá preparado, e não houve formação pra preparar pra gente receber este seminário. A gente recebeu a informação que teria que ter 200 h a mais no Ensino Médio a partir de 2012 e que estaria incluído uma parte diversificada, que seria o Seminário Integrado, fora isso eu não me lembro de nenhuma formação, de nada que fosse específico pra isso né, que a escola se organizasse de forma que os professores trabalhassem dentro de uma certa carga horária nessa disciplina de Seminário Integrado. Então, era o primeiro ano 2012 e eu percebi que os colegas se reuniram pra ver o que iriam fazer em cada ano, pra dar um caminho, tanto que não tem um programa específico pra isso, pra trabalhar essa parte diversificada, eu acho que faltou isso aí, essa formação deveria ter, principalmente para os professores do Seminário Integrado, outra dificuldade que se teve no primeiro ano de Seminário Integrado, foi a integração dos professores. A professora Esperança, ela queria fazer um trabalho com todos os professores, e ela por fim acabou trabalhando só ela e a Amor, somente o trabalho, sem ter muita participação dos colegas, o que já mudou agora em 2014, 2013 não lembro também dessa troca, agora houve bastante trabalho onde envolveu todos os alunos, toda a escola e todos os colegas avaliando a integração dos trabalhos. Um professor começou com um projeto bem legal e a gente incluiu o Seminário

Integrado, os outros incluíram a disciplina também dentro de alguns projetos, especificamente desse professor agora.

Então este caminho interdisciplinar foi aos poucos sendo conquistado no decorrer destes três anos?

Foi aos poucos conquistado, é uma luta que a professora Esperança sempre teve, e acho que ela teve a resposta que ela desejava ter. Ela pedia a contribuição dos colegas, que deixassem algum material, alguma sugestão alguma coisa assim, e acho que aí faltou isso. Em 2014 teve uma mudança, não sei se direcionou pra isso de forma que todo mundo trabalhasse, participasse do trabalho em si, do projeto todo, dando uma pequena parte da sua aula pra poder concretizar o trabalho num todo, porque era um projeto que envolvia toda a escola e todos os colegas.

Professor, em relação a formação para o professor houve uma carência, tu sentiu uma carência nesse ponto e em relação a escola, tu acha que a escola estava preparada pra receber o EMP?

Bom, preparada para receber o EMP, eu acho que dá mesma forma que os professores, a escola também teve que se adaptar, se adequar a muita coisa, principalmente com o espaço físico, merenda, foi uma questão de organização e adaptação pros alunos, até mesmo porque eles vinham em turno inverso, então era uma coisa que não acontecia em 2011 né, em 2012 e 2013 nós tínhamos o Mais Educação também, então a escola, ela procurou atender da melhor forma possível esses alunos, eu acho que atingiu e conseguiu, com todo o esforço, com toda a carência de recursos humanos, principalmente na área da cozinha e de serventes. Os espaços, alguns foram adaptados de forma que contemplasse esse Seminário Integrado, então a escola nesse sentido, ela procurou se organizar da melhor forma possível, eu acho que não deixou a desejar em nenhum momento até mesmo porque se ofereceu tudo o que se pedia, que era alimentação, turno inverso, transporte, então nessa área aí eu acho que a escola fez um bom trabalho, tanto que não se ouviu falar em nenhum momento de que estivesse faltando alguma coisa, a não ser a nossa internet, fora isso, até mesmo que a gente não viu comentário de nenhum outro colega, que diz há tá acontecendo isso ou há tá faltando alguma coisa, então eu acredito que a escola, dentro do que ela tinha, ela fez um bom trabalho.

E a mantenedora, a SEDUC, a coordenadoria, elas tiveram parcela de colaboração pra que a escola tivesse essa dinâmica que tu tá nos relatando e contemplasse assim essas exigências como tu tá dizendo que a escola conseguiu se organizar pra buscar atender da melhor maneira possível, houve respaldo da coordenadoria e da Secretaria Estadual de Educação para que estas modificações fossem feitas?

Não, não houve, eu não percebi isso em nenhum momento. Só me lembro das ordens de serviço que fossem cumpridas, não importava de que forma, a escola teria que tá oferecendo. E que a escola tivesse autonomia pra fazer tudo assim, a participação da SEDUC, da CRE, realmente, assim com relação a orientação, alguma coisa assim mais específica, eu acho que poderia ter uma melhor participação em relação a essa parte aí, até mesmo com, não sei, com algum incentivo, com alguma proposta de ampliação ou até mesmo com recurso humano que foi pedido e não se conseguiu. Eu acho que realmente a gente ficou um pouquinho sozinho nessa parte aí. Então o corpo diretivo teve que se desdobrar com relação a isso, até mesmo porque ficou tudo a critério da escola, visitas mesmo do pessoal da CRE não teve, teve uma única vez que vieram aqui foi por causa do encerramento do Mais Educação e o pessoal da merenda, fora isso não me lembro. Só por internet, os e-mail e aquilo que eu falei recenzinha, ordem de serviço, fora isso não sei, eu acho que não.

E professor, o que tu observas, assim, que vem mudando na rotina dos professores na dinâmica do EMP? Tu achas que alterou muito essas rotinas dos professores ou não?

Eu acho que alterou. O trabalho em si alterou, uma coisa assim que eu percebi, eu não sei se é ético tá falando, mas que eu percebi que se trabalhou bastante, se deu bastante oportunidade, mas faltou, eu acho que se deixou um pouquinho de lado se trabalhar o conteúdo específico da disciplina, então isso é uma coisa que eu acho que deveria ter um controle melhor do professor com relação a isso, de se trabalhar o conteúdo e se dar o espaço para trabalhar o projeto também, mas não se deixar somente pelo projeto e deixar o conteúdo, tão necessário pra se fazer o Enem , ou alguma coisa assim, então isso é uma coisa que neste ano mudou na rotina, não com todo mundo né, to falando dos outros trabalhos e do meu assim

em si, eu acho que teria que ter um cuidado maior com relação a isso só. Fora isso tá muito bom, claro que o professor teve que se reciclar um pouquinho, teve sim com certeza, sair do tradicional. O professor hoje em dia ele tem que fugir do tradicional, porque hoje em dia a gente tem um aluno muito conectado, então eles não vão querer somente aquele papel, aquela coisa que se faz por obrigação e não se vê sentido naquilo que se aprende, então o professor, hoje em dia, tem que ter muito cuidado com relação a isso. Procurar trazer pro aluno dentro da sua disciplina, conteúdos relevantes, conteúdos que mostrem pra ele a aplicabilidade daquilo que tá se ensinando. Eu acho que aquilo ali é de extrema importância, no momento que o aluno vê que é importante aquilo que ele tá aprendendo, que aquilo é novo pra ele, não é uma coisa automática, não é uma decoreba, eu acho que vai se moldar melhor o aluno, a construção do conhecimento vai ser mais significativa. Eu acho que na área da educação a gente tem que tá sempre se reciclando, se cuidando com relação a isso, porque informação nova tem todos os dias, os alunos tem acesso a tudo que é informação, cabe ao professor trabalhar essa informação de forma que ele possa associar com a disciplina dele. Tem tanta coisa que se aplica, que tem aplicabilidade, que tem importância, que é necessário conhecer e muitas vezes quando vê passa despercebido isso aí. O aluno sempre quer algo novo, até mesmo pra prender a atenção dele. Se tu não prender a atenção do aluno, na questão da decoreba isso é uma coisa que mudou bastante.

Professor, já tentando finalizar, indo pras conclusões, que tu poderia nos apontar de pontos positivos que tu enxerga dentro do EMP e, também, depois, de pontos negativos.

Há o EMP acho que veio pra ficar, e um ponto positivo é a questão do aluno pesquisar e construir de forma significativa, assuntos relevantes, até mesmo que trata dele e no momento que ele busca essa informação, que ele trabalha essa informação, que ele organiza essa informação, de forma que ele possa também passar essa informação para os demais colegas, até mesmo colegas de outras turmas, eu acho que essa autonomia que tá se dando pro aluno, com base na orientação que se dá do professor da disciplina, eu acho bastante importante, eu acho que esse espaço do Seminário Integrado onde se trabalha com tanta variedade de informação, com tanto assunto importante, e que ele pesquise, que ele escreva, que monte o trabalho final eu acho que isso é bastante importante, até mesmo na

desinibição, que ele perca o medo daquilo ali. Até mesmo porque tem tanto aluno com uma capacidade, que a gente não tem nem ideia que ele tenha essa capacidade, tem múltiplas inteligências e nessa parte eu acho que começa aflora, que ele começa a mostra. Mostra também, o que ele gosta mais e em cima disso ele faz um bom trabalho, ele constrói uma aprendizagem significativa pra ele. Pontos negativos do EMP como um todo, é a falta de um programa pra cada ano, pro 1º, 2º e 3º ano, que nem as outras disciplinas. Eu acho que deveria ter cursos de formação para os professores que trabalham com o Seminário Integrado, porque o que acontece um professor que se habilita a trabalhar SI independente de formação, ele vai lá encara e faz o trabalho né, mas é um trabalho que não tem uma formação, que não tem uma regra que se aplique isso aí, então isso é uma coisa que eu acho que é necessário.

Melhor preparar o professor, dar melhores condições, subsídios pro professor se sentir mais seguro é isso que tu quer dizer?

É isso mesmo, independente da disciplina de formação dele, no momento em que pegar Seminário Integrado, ele tenha uma formação pra ele, que, mais ou menos, oriente o trabalho dele.

Outra questão bem polêmica, assim, que a gente observa foi a questão da avaliação dentro do EMP, então eu gostaria que tu contasse um pouquinho pra nós como é que tu percebe a questão da avaliação.

A avaliação é um assunto bastante complexo. Que que é avaliar? Bom, dentro do seminário, dentro do politécnico esta avaliação não deveria ser somente parecer, ela teria que ser quantitativa juntamente com a qualitativa, eu acho que teria que ter um meio termo, você avaliar com nota até mesmo pro aluno enxergar, porque tem alunos que são bons alunos e no parecer ele vai ficar como um aluno que tem média suficiente, que tem um certo, então essa equiparação aí tem alunos que deixam a desejar com relação a isso: Pô eu faço um bom trabalho e vou ter o mesmo parecer, eu conclui também ele concluiu também, mas e aí depois como vai ser? Então eu acho que teria que ter a qualitativa e a quantitativa, acho que tem que ter as duas coisas, tem que ter a avaliação com nota, tem que ter o parecer descritivo, até mesmo, porque a avaliação acontece todos os dias em cima do que

ele faz. Então eu acho que esta avaliação, ao meu ver, teria que ser dessa forma abranger os dois e não somente a qualitativa.

E como tu percebe os alunos ao serem avaliados, dessa forma que nos foi colocada que deveria ser a avaliação, tu acha que eles, também, têm alguns pontos que eles gostariam de mudar, eles questionam como é feita a avaliação? Que tu percebe em relação ao sentimento dos alunos?

Bom, o que se percebe em relação aos alunos, que eles sentem a necessidade de tu dar um valor percentual sobre aquilo que ele acertou. Não é com relação aos objetivos, eles tem essa carência mesmo pra eles se orientar, porque com conceitos CSA, CPA e CRA, ou ele aprovou, ou ele reprovou, ou ele tá com, como é que eu vou dizer, uma nota muito baixa, não é nota baixa, mas com um conceito muito baixo, então esse CSAs eles não tem distinção do que realmente eles produziram de conhecimento, então eles têm necessidade: “Há professor eu passei em CSA, fiz a primeira avaliação, segunda avaliação, tirei CSA na primeira, CPA na segunda, qual vai ser meu conceito final se você for fazer uma média?” Bom, por conceito, se tu não tiver aquela porcentagem, ou anotação, tu não sabe aquilo ali. Quando vê ele pode ter tirado um CSA na média e um CPA lá embaixo, se você fosse fazer uma média do que ele realmente fez, ele seria CPA. Mas, se fosse um CSA, que tirasse 90% e um CPA 50%, fazia a média ela tava com CSA, então eles tem essa carência aí, “Que que o senhor vai me dar de conceito aí, se for avaliado tudo o que eu fiz?” Claro que existem os trabalhos avaliativos de recuperação de avaliação de aprendizagem no fim do trimestre, mas eles têm essas dúvidas aí, com relação a isso, por isso que eu acho que deveria abranger as duas situações.

E por a tua escola ser do interior os alunos dependerem do transporte escolar, tu também percebe neles, assim, algum tipo de desgaste, de queixas em relação a ter que permanecer no turno inverso. Como é que é que tu sente os alunos nessa questão?

Realmente, nessa questão eles, ainda mais no 1º ano, que se sente mais, 2º ano se acostuma e 3º ano também, é uma questão de costume com relação ao horário, mas no 1º ano a gente percebe que eles cansam bastante, eles se sentem bastante cansados. Tem alunos que acordam 5:00 da manhã, 4:30 da manhã, vão ter o dia inteiro de aula, no turno inverso eles realmente se sentem cansados, o

rendimento deles não é a mesma coisa, não é o mesmo rendimento da parte da manhã. Eles se sentem cansados, eles não rendem tanto, mas isso é no primeiro, segundo, terceiro mês, depois com o tempo eles vão se acostumando com o turno inverso. Então, eu acho que estes que são que pegam o transporte, que viajam um pouco mais, que moram distante esses realmente sentem o turno inverso. Apesar de ser só um dia na semana.

E sintetizando então professor, em relação a pontos positivos tu destaca a disciplina de Seminário Integrado, tu percebe que foi um ganho para o aprendizado do aluno e também pras práticas do trabalho interdisciplinar dos professores. E, pontos negativos ou questões que precisam ser revistas tu aponta, no caso específico da escola, espaço físico, internet e, também, essa questão da avaliação?

E curso de formação pra professor.

Então, estes pontos no teu entendimento necessitam ser revistos?

Eu acho. Poderiam ser revistos.

Então tá bem professor, te agradeço pelas tuas informações e pela colaboração no nosso trabalho.

Professor Entusiasmo

Eu trabalho em duas escolas do interior e uma da cidade, eu fui nomeado em novembro de 2012, trabalhei todo ano de 2013 e essa é a minha experiência então, fora o estagio em 2009 na escola que hoje eu trabalho, o ensino médio politécnico pra mim ele é positivo, ele tem pontos que merecem ser considerados, mas eu também acredito que outros pontos também devem ser analisados e talvez repensados, a questão de trabalhar por objetivos antes disso no caso trabalho interdisciplinar ele é importante porque na vida as coisas não acontecem compartimentadas acontece tudo ou mesmo tempo não é que nas nossas disciplinas : a história, a geografia, a matemática, tudo separado não, isso é muito interessante essa interdisciplinaridade , só que é tão difícil trabalhar isso com os colegas, difícil por quê? Tempo é um fator relevante não se tem momentos para a discussão dos trabalhos que poderiam ser desenvolvidos em virtude da carga horaria dos colegas a minha, por exemplo, é bastante complicada, além de ser uma

coisa nova a meu ver, outra coisa também a formação não foi Interdisciplinar então eu acho que isso dificulta o trabalhar Interdisciplinarmente, porque a gente na escola a gente também já estudou da forma compartimentada né? Dividida então agente não tinha visão

E na graduação também não foi diferente?

Não foi diferente, na graduação a gente tinha disciplinas voltadas a nossa área, isso tudo são fatores que dificultam esse trabalho, mas é validas as tentativas, esse começo de se pensar Inter disciplinarmente , o trabalhar por objetivos é em tese teria que ser me foge as palavras às vezes, é mais difícil agora pro aluno porque ele tem que atingir todos os objetivos de todas as disciplinas se não ele fica com pendencias e passa com progressão parcial, o problema que eu vejo é o numero de chances que esses alunos tem, tem que estar sempre recuperando a todo momento então eu acho que deveria ser estipulado um numero de chances pra esse aluno recuperar aquele objetivo , claro eu entendo que esse aluno pode estar recuperando esses objetivos a qualquer momento até nas férias mas acredito que se o aluno durante o ano já não atingiu os objetivos será muito difícil ele buscar isso nas férias acredito que isso não vá acontecer claro que isso, pode acontecer as pessoas são diferentes e sabendo dessas chances elas podem buscar e atingir esses objetivos, mas é muito complicado essa questão do recuperar os conteúdos, os objetivos que não foram atingidos durante o ano letivo.

Sim tu estas te referindo aos planos estratégicos que teve no inicio de 2013, e que agora nós temos a proposta novamente pra fevereiro 18,19 e 20 de fevereiro pra tentar reverter à situação dos alunos que estão em CRA (Construção Restrita da Aprendizagem), tu acha que essa outra chance, que nos chega como ordem de serviço nas escolas, no teu entendimento é demais

É demais, acredito sim, porque o aluno tem chances durante o ano de recuperar já com o plano pedagógico didático de apoio que é o PPDA , ele pode tá recuperando, claro que ele vai ter que se dedicar os conteúdos vão acumular das disciplinas, mas eu acho que ele tem chances sim de recuperar isso durante o ano, e que ele não vai tá recuperando esses objetivos durante esse período que é de descanso que é pra ele, mas disso pode acontecer, só que eu acho que é muito difícil do aluno buscar esses objetivos nas férias, é muito complicado.

Tu acreditas que esse plano ele tá gerando alterações na vida do aluno enquanto estudante e também na vida do professor enquanto avaliador desse aluno?

Sim acredito sim, porque esse professor no final do ano eu tenho visto alguns colegas, no final do ano ele não vai estar tão preocupado em proporcionar alternativas para que esses objetivos sejam recuperados em virtude de haver essa nova chance no início do próximo ano letivo entende, no final do ano o aluno não conseguiu atingir esses objetivos bem ele vai ter outra chance no início do próximo ano letivo então ele vai ficar com esse resultado por hora já que ele vai ter outra chance lá no início do outro ano, eu acho que isso desvaloriza um pouco um trabalho feito durante um ano, em ter que o aluno não conseguiu atingir os objetivos e que agora ele sabendo dessa nova chance talvez ele não ira ter o devido zelo com seus estudos porque ele sabe dessa nova chance, claro que isso a gente não pode generalizar mas eu acho que acontece sim que os alunos talvez não se preocupem tanto com os estudos em virtude dessas chances que tem nessa nova modalidade.

Professor, tu achas que, primeiro o professor estava pronto pra receber o ensino médio politécnico?

Não, não, ele não estava pronto na minha experiência pequena, mas como tinhas dito na própria graduação a gente tinha as matérias a nossa avaliação era voltada especificamente pra nossa área e agora o ensino médio politécnico ele não vai saber ele não estava preparado para trabalhar dessa forma faltou mais formações mais debates, instruindo os professores a respeito do ensino médio politécnico, eu acho que ele não estava preparado para o ensino médio politécnico.

Quais as disciplinas que tu atua?

Eu trabalho com história e sociologia, e seminário integrado também.

Tu falasse que tá em três escolas, atua em história, sociologia e seminário integrado que foi a disciplina que veio então a somar nessa proposta o seminário integrado eu queria que tu nos relatasse um pouco de como se apresenta o ensino médio politécnico em cada uma das escolas em que tu atua.

As escolas me parecem que tem visões diferentes do ensino médio politécnico, na escola da cidade, a questão do seminário integrado por exemplo ela é diferente das escolas do interior então são algumas diferenças, eu acho que tá muito complicado ainda para a direção das escolas, talvez não se tem um número consistente de informações ainda, talvez não foram repassadas, acredito que nem a coordenadoria de educação saiba direito o que quer, por não repassar de uma forma eficiente como seria o ensino médio politécnico, mas nas escolas que eu trabalho há diferenças e de novo não se consegue trabalhar, não se tem tempo para fazer reuniões com os colegas e planejar atividades que sejam interdisciplinares ainda isso é falta muito acho que em todas as escolas.

E tu pode nos falar assim um pouquinho do que tu vê, quais são as dinâmicas do seminário integrado, o que tem sido trabalhado com essa disciplina em nossa escola?

Projeto de pesquisa dinâmica né, isso é muito valido no 1º por exemplo, a gente tentou dar uma introdução do que seria um projeto de pesquisa pra depois no 2º ano aprofundar mais e, depois aí sim no terceiro ano fazer a pesquisa em si. Mais ainda não se tem estrutura para isto, falta material nas escolas, faltam locais pra realização das atividades, o ficar em turno inverso na escola que trabalhei com seminário integrado, me pareceu que era um sacrifício para os alunos, de terem que ficar mais um turno na escola, os alunos não gostaram, então fica difícil, é muito válido, mas tu tem que fica pensando a todo o momento em coisas diferentes pra chamar esse aluno, pra que ele se interesse naquilo, é bem complicado ainda mais com essa estrutura que é precária, falta sala de aula, muitas vezes se trabalha em locais não apropriados como o laboratório de ciências. Então eu acho que deve ser repensada a questão também da carga horária que vai ser aumentada para o professor, ela não é aumentada, mas o professor vai ter mais trabalho em estar pensando em dinâmicas para o seminário integrado e além de ter essa dificuldade, por que os professores não são especializados em pesquisa, eles fizeram pesquisa em suas graduações, mas eles não têm o conhecimento mais profundo para transmitir esses conhecimentos para o aluno.

Então tu acredita que o professor do seminário integrado ele fica com uma sobrecarga de trabalho se comparado ao professor das demais disciplinas, em virtude dessa dinâmica diferente?

Com certeza, por exemplo, pra mim mesmo, eu sinceramente prefiro ter turmas e não turmas do seminário integrado, por que é a minha graduação em história e pra isso que eu estudei, e claro pra não ficar equivocado, temos que estar sempre buscando novos conhecimentos, mas a gente não tem formação a gente não tem esse conhecimento sobre projeto de pesquisa mais minucioso das etapas sobre a elaboração do projeto, falta isso ou o material referencial pra isso e eu senti essa carência lá na escola, eu não consegui a trabalhar direito, eu ia muito assim, a internet foi um auxílio muito grande, uma ferramenta que eu utilizei bastante, alguns livros a bibliografia é precária nas bibliotecas das escolas sobre um projeto de pesquisa talvez agora vai estar vindo mais, mas agora é precário, então eu acho que sim, há essa sobrecarga de trabalho.

E quando tu fala do aluno, que pra ele por exemplo é um sacrifício ficar na escola em turno inverso, essa realidade de seminário tu trabalha em escola de interior, tu acredita que pode estar somado a esse aluno ele achar que é um sacrifício à situação de vida dele de, de repente tem caso de ter que sair muito cedo e vai retornar muito tarde tu acha que isso é motivo de sacrifício pro aluno?

Sim, sim, além do aparente descaso dos alunos e não só com o seminário, no meu tempo era diferente a gente corria atrás e sempre queria mais, hoje em dia me parece que se cobra o mínimo e não há a devida contra partida do aluno, é sim um sacrifício pra eles porque muitas vezes como tu disse eles acordam cedo às seis horas da manhã e voltam tarde então eles mesmos me relatam que “a eu poderia estar fazendo outra coisa, eu poderia estar trabalhando, eu poderia estar no face, outros, ai é chato ficar a tarde aqui”, e nessa escola que eu trabalho com o seminário integrado a tarde funciona turmas de séries iniciais do ensino fundamental e de séries finais, eles já estão maiores um pouco, eles não gostam de estar junto com os pequenos da tarde, não sei por que eles ficam chateados por ter de ficar a tarde mais um turno, já que ficam toda a semana de manhã, isso é normal, mas eles “BA, aula de seminário integrado, vou ter que ficar de tarde” é essa a reação deles, foi isso que eu senti.

E assim, na tua experiência de três escolas tu observa que no geral os alunos estão mais desmotivados com relação aos estudos? E porque tu acha que isso aconteceu? Que isso tá acontecendo?

Eu acho que hoje em dia existem muitas coisas que chamam mais a atenção do que os estudos, as mídias por exemplo essas redes sociais isso chama muito a atenção deles, acredito que são essas mídias mesmo, essas tecnologias que cada vez mais chamam a atenção para eles do que estar sentados em aula escutando o professor durante uma aula inteira, mas claro, nós também acha que devemos usar essas mídias, essas novas tecnologias, mas mesmo usando, te dou um exemplo, os alunos não gostam nem de ver filme mais, preferem olhar em casa do que na escola com os colegas, por quê? Questão difícil de responder, mas a uma nova maneira de ver o mundo que está renegando a segundo plano a educação, não há um devido estímulo, acho também que nós, eu devo repensar um pouco e tentar estimular eles mais, mas é muito difícil e difícil por que nos podemos estar muitas vezes em sala de aula com boa vontade e o aluno estar no celular jogando ou no face então desmotiva um pouco mas eu acho que é basicamente essas mídias que estão cada vez mais atrativas que fazem com que eles fiquem horas no celular, horas no face eu acho o face muito interessante, mas não da forma que eles utilizam, o face é uma ferramenta de comunicação muito interessante mas eles usam pra ficar conversando ou jogando conversa fora, ficar olhando o perfil de colegas, eu acho que ele é mal utilizado.

Quando tu falou de formação tu teve a oportunidade de participar de alguma formação pela SEDUC pela 5ª CRE , pra ti preparar pra trabalhar no politécnico?

Sim, uma, foi uma formação em pelotas, no auditório da católica, foi uma formação só.

E essa formação, ela veio de encontro ao anseio do professor realmente ela supriu essa necessidade das dúvidas do professor de como fazer?

Ela foi muito esclarecedora sim, só que o professor que falou pra nós ele talvez não saiba, não conheça, a realidade das escolas do interior por exemplo na questão do seminário integrado ferramenta indispensável é a internet, só que muitas vezes a internet nessa escola de zona rural é precária e não funciona não conecta

então se perde muito, diferente da realidade de porto alegre por exemplo, que a internet é 3G e todas as escolas tem, nas escolas de zona rural não se tem tanto acesso aos alunos, das escolas de zona rural também não tem tanto acesso a internet, sim no celular eles têm, mas não é pra se trabalhar com o seminário integrado. Eu acho que as escolas de zona rural deveriam investir mais nisso, disponibilizar esse acesso na internet para pesquisas dos alunos.

Quando tu fala da sobrecarga de trabalho pro professor de seminário tu sente os teus colegas professores aceitando essa proposta? Tendo vontade de trabalhar no seminário integrado? Como tu vê os teus colegas diante dessa situação?

É, a maioria não gosta de trabalhar com seminário integrado, essa é a minha visão. Alguns colegas querem trabalhar com seminário integrado, trabalharam em 2013 e querem de novo trabalhar em 2014, mas são poucos colegas; a grande maioria não gosta de trabalhar com o seminário integrado.

E esses que gostam, tu atribui a que?

Ao conhecimento que o seminário integrado proporciona ao professor, que vai ter que estar buscando novos conhecimentos sobre projetos de pesquisa, então esses professores que querem trabalhar com seminário integrado, eles anseiam mais conhecimento, por isso eles querem trabalhar com o seminário integrado.

E estes são a minoria. Então no teu entendimento o professor não tava preparado para receber esse ensino médio politécnico? E as escolas? Já reparei na tua fala em alguns momentos, quando tu coloca a situação das escolas, tu acha que houve um pensamento prévio por parte do governo em relação estrutura das escolas?

Não. Eu acho que foi o oposto. O ensino tava baixo, sem planejamento. Para o início do ensino médio politécnico, salas de aula por exemplo, nas escolas que eu trabalho são precárias, não se tem sala de aula para todos os alunos ou se tem turmas com muitos alunos na mesma sala, de novo a questão da internet. Não se tem o devido acesso para pesquisar, então eu acho que o ensino médio politécnico é uma experiência do governo do estado que não foi bem planejada, foi imposta e vão trabalhar o ensino politécnico. Claro que talvez o governo vai estar agora

buscando, não sei, mas ele deve, por que se não vai ser muito difícil trabalhar com o seminário integrado, estar buscando esses meios, essas coisas que faltam, para que aja um melhor trabalho.

Nós já temos dois anos de ensino médio politécnico e nesses dois anos, nas escolas que tu participou, tu conseguiu ver alguma obra que realmente tenha vindo algum dinheiro a nível de estado, para que pudesse se fazer, nesse período, de dois anos, alguma obra de melhoria nessa estrutura que não tinha, então, perfeitas condições pra acontecer o ensino médio politécnico?

Em uma escola vieram mais computadores, só. Na outra escola eu trabalho há pouco tempo, então não saberia dizer. E o 1º ano do ensino médio politécnico que foi em 2012 eu trabalhei muito pouco também, só novembro e dezembro, então eu não saberia dizer, mas no ano de 2013 o que eu notei é esse material, os computadores que vieram, mas só os computadores. O acesso à internet não foi melhorado. Em virtude também da internet na zona rural não ser de boa qualidade. Não se ter provedores que forneçam o serviço de qualidade para a zona rural, isso também deve ser relevado. Eu acho que deveria haver uma tentativa uniforme das escolas pela melhoria da sala de aula, de acesso a internet, então eu acho que foi pouco assim, eu acho que deveria ter uma maior atenção por parte do estado nesses aspectos, pra que o trabalho que do ensino médio politécnico funcione.

Professor, um ponto positivo do ensino médio politécnico:

A questão da qualidade do ensino, por que, como eu já havia dito, o aluno agora tem que saber mais das disciplinas, ele tem que atingir o mínimo em todos os objetivos da disciplina de história, por exemplo, isso faz com que ele tenha que se esforçar mais, ele tenha que estudar mais. Eu acho que é um ponto positivo seria isso, o fato de se trabalhar por objetivo e cada objetivo deve ser atingido, não sei se...

E tu acredita que todos os professores tem esse critério de avaliação? Bem claro e analisam esse critério de avaliação?

Não, claro que não. Mas isso, a coordenação pedagógica das escolas me parece que passa de uma forma bem clara, o trabalho por objetivos. Só que alguns professores nas suas disciplinas tem mais dificuldade ou menos dificuldade. Eu em

história, por exemplo, consigo trabalhar bem dessa forma, mas alguns colegas não ainda. Utilizam números como critérios e tem mais dificuldade, tanto pra trabalhar com objetivos percentuais, também alguns colegas usam eu acho uma forma mais complicada por que esses três objetivos 33,33% para cada objetivo não pelo meu entendimento cada objetivo é 100% e dentro daquele objetivo o aluno tem que tirar o mínimo necessário. Fica complicado. Alguns professores, quando estão fazendo suas avaliações, eu fico analisando e tenho bastante dificuldade de entender a forma como eles procedem, eu trabalho assim, cada objetivo deve ser atingido e o aluno tem que saber o mínimo daquele objetivo, se ele não alcançou ele vai ter que estar recuperando no PPDA, mas não utilizo, assim, números percentuais.

Em que momento ocorre o PPDA?

Pois é, talvez eu até esteja sendo contraditório, por que eu disse no início, eu critiquei o número de chances oferecidas aos alunos, o PPDA ocorre a todo o momento, é constante e eu faço uma avaliação no final de cada trimestre, mas ele é constante.

E tu acredita que, de maneira geral, que todos os professores, de todas as disciplinas já estão conseguindo fazer esse PPDA, realmente, efetivamente acontecer pro aluno?

Todos os professores não sei. Acho que não. Além de cada professor ter sua forma de trabalho, acho que alguns professores deixam para fazer o PPDA no semestre seguinte, isso também acarreta um problema. É o número de aulas é X, um exemplo, nos temos um conteúdo, nós devemos trabalhar com os alunos durante o ano, e aí o que acontece muitas aulas o número de aulas para trabalhar o conteúdo é reduzido, por que tem que oferecer prova ou atividade de avaliação e depois recuperação e ainda o plano pedagógico, então muitas aulas, não diria que se perdem, mas tu não consegue trabalhar e aí, há esse déficit com os conteúdos, que não serão trabalhados, que ficam faltando para o ano seguinte, aí o professor do ano seguinte tem que tá trabalhando aqueles conteúdos que o professor do ano passado não conseguiu trabalhar, também ocorre então uma sobre carga para esse professor que não vai vencer o conteúdo daquele ano e vai ficar pro próximo ano e o professor do terceiro ano não consiga trabalhar tudo.

Professor, já se encaminhando pro final, um ponto que tu consideras negativo que precisa ser revisto com urgência no ensino médio politécnico?

Eu acho que é o plano estratégico. Acho que não deveria ser realizado, não generalizando, mas os alunos muito dificilmente irão buscar construir aprendizagens sobre aqueles conteúdos, aquelas matérias que eles não alcançarem durante o ano letivo.

Então um ponto que precisa ser revisto é a avaliação?

A avaliação.

Enquanto professor, como tu vê a tua profissão? Como tu vê o trabalho docente do professor?

O meu trabalho sempre foi, ou melhor, eu sempre quis trabalhar como professor. Eu sempre conto, a minha avó tinha um armário grande, daqueles antigos, e eu riscava com giz as portas do armário, brincando de professor, e o armário ficava todo arranhado, e ela não me xingava, gostava de me ver brincando de professor. Eu adoro a minha profissão. Esse contato com os alunos, com os outros colegas professores, mas principalmente com os alunos, eu acho que é muito gratificante o olhar do aluno quando ele conseguiu entender um conteúdo, conseguiu ver alguma coisa com outros olhos, eu acho que é impagável. É o que me faz querer estar cada vez mais, aprender e poder passar alguma coisa para os meus alunos. É o que eu sempre quis fazer e não me vejo em outra profissão.

Bom, agora te deixo bem à vontade se tu quiser fazer algum comentário que tu acha bem oportuno.

Então, só pra reforçar, acredito que o ensino médio politécnico é bem positivo, acredito que a interdisciplinaridade é válida, é positiva. Tem que ser assim, o aluno não é só número, ele não é seis de dez, não é sete de dez. ele é muito mais do que isso! Eu acho que o ensino médio politécnico consegue ter um olhar mais aprofundado nesse aspecto, mas claro que com alguns problemas que devem ser sanados. Eu acho que era isso.

Professora Amor

Sou professora da rede municipal faz 12 anos, com a disciplina de ciências do 7º ou 9º ano, já trabalhei com o sistema de ciclos, no terceiro ciclo do ensino fundamental, e há 7 anos sou professora da rede estadual trabalhando a disciplina de química e recentemente seminário integrado. Gosto muito do meu trabalho gosto do que faço, gostei muito de trabalhar no seminário integrado, mas vou começar falando um pouquinho do ensino médio politécnico no geral, eu acho que é bom na sua integralidade com algumas coisas que podem ser melhoradas, acho que o acréscimo da disciplina de seminário integrado foi bom, é uma disciplina muito interessante onde à gente pode conhecer o aluno estar mais próximo dele, falando como eu trabalho foi muito bom saber o que o aluno pensa, que ele é. Porém o ensino médio politécnico acho que deixa muito a desejar no seu modo de avaliação no CRA, PPDA, CSA e no CPA. Pais esclarecidos não conseguem entender as siglas, têm amigos meus pais de alunos aqui do João de Deus por exemplo que dizem: “mas o que é isso eu não entendo nada o que é CRA , PPDA?” Então fica muito difícil para o aluno entender e pros pais também isso que são pais esclarecidos imagina os que não são, o aluno tem muita duvida, pergunta incessantemente e quantas vezes forem necessárias para achar que ele vai entender mais mesmo assim muitas vezes ele não entende o que é essa função da sigla porque rodou ou porque não rodou e porque ficou em determinadas disciplinas... Então acho que o problema maior do ensino médio politécnico tá no sistema de avaliação, o acréscimo de horas é bom, estar mais perto do aluno é bom, mas a avaliação é um problema bem serio, além do que fiquei sabendo por uma pessoa da CRE que muitas escolas não aplicam o ensino médio politécnico, a estrutura da escola deixa a desejar também, embora a nossa seja a melhor aqui do município de Canguçu que consegue fazer com que o aluno esteja na sala de aula, esteja conosco, tem muitas escolas que trabalham só à distância mas eu acho que só a distância não da, entendo que hoje existem muitos cursos e pós a distância mas nada substitui o professor perto e junto com o aluno olhando no olho e refletindo junto, claro que eventualmente uma aula ou outra, algum trabalho ou outro vão ter que ser fora da escola, no 2º e 3º ano por exemplo que eles estão na fase de pesquisar de projetar, acho que tem que dar um tempo pro aluno.

Na nossa caminhada lá combinamos de ser bem gradativos, falando pelo 1º ano, temos um trabalho de conhecer o aluno e fazer ele se autoconhecer para ele poder começar a escrever e interpretar uma coisa, porque antes de escrever ele tem que interpretar, tem que conhecer ele mesmo, tem que saber enxergar o mundo ao redor dele, para ele poder falar alguma coisa de si e do mundo. Então é isso que fazemos no 1º ano, se trabalha a percepção do mundo percepção de si para começar a escrever na forma de resumo, depois de resenha e no final de artigo, viemos sempre trabalhando para isso, no 2º ano a gente já aprofunda mais, já começa-se a fazer um trabalho de pesquisa vai mais para a parte científica, para no 3º ano fazer um projeto maior, gradativo tudo em crescimento porque muitas vezes o aluno chega para nós sem saber ler e escrever quase nada.

Fazendo um paralelo com o que eu vivi no município trabalhando nos ciclos, e hoje a gente retornou para o sistema seriado e anual, eu prefiro trabalhar no sistema seriado anual nas notas trimestrais, pensado lá no ciclo lá atrás vamos dizer que eu achava o ciclo melhor estruturado quando foi implantado do que o ensino médio politécnico não sei se é porque a rede era menor a rede municipal era mais fácil de reunir os professores e dar as diretrizes a seguir do que no ensino médio politécnico, para mim ele foi implantado meio que goela a baixo porque ninguém nos orientou, nós tivemos que resolver como iríamos seguir, não veio um sistema para seguir ou um plano de estudo, “tem que fazer tem que fazer”, e a escola teve que se virar com o espaço e com os professores e sabemos que é difícil da escola se virar, olhando na escola tivemos que deslocar as turmas dos pequenos para as salas pequenas para os laboratórios, trocar turnos para conseguir atender o sistema. A escola vira um restaurante, por que nos dias que tem aulas em turnos inversos almoçam 100 alunos, para a quantidade de merendeiras isso é algo surreal, nem sei como conseguimos fazer porque meche muito com a estrutura, teria que vir muito mais dinheiro para a educação e não em “Mais Educação” e sim para a escola poder se ampliar e conseguir fazer suas coisas básicas, porque o dinheiro que vem para o mais educação só pode ser usado para o mais educação e muitas vezes não é bem aproveitado, usa-se por que tem que usar e existem muitas coisas na escola que realmente deveriam ser melhoradas, é ótimo ter o aluno mais tempo na escola, tem até a proposta do governo que passe a serem 7 horas, 1400 ou 1500 horas, mas para isso tem que ter finanças para escola aumentar e pessoal também, não poder

ser qualquer um, já estou misturando mas o que a gente vê às vezes no mais educação é pessoas não habilitadas pessoas que estão ali só para ganhar um dinheirinho e fazem o básico, mas porque esse dinheiro então não pode ser usado no ensino médio politécnico, eu sei que esse dinheiro é do fundamental ou usar na escola para a ampliação da escola se só pode ser para o fundamental usar, só pensando eu sei que isso não tem a ver mas são reflexões que a gente faz . Eu acho que esta faltando recursos para o ensino médio politécnico para a ampliação de espaço, para dar fornecimento para o aluno na escola a gente sabe que hoje uma biblioteca não é mais suficiente para um aluno por o aluno nem que mais pesquisar em livros ele quer olhar na internet é importante um livro é mas também na internet sabendo onde usar tu tem bastante informação confiável e o aluno prefere mil vezes ir para lá na hora de fazer um trabalho do que procurar em um livro então o mínimo que uma escola deve ter hoje especialmente em seminário integrado é um sistema onde tu tenha internet a disposição que funcione bem e um laboratório, até um laboratório nem acho tanto porque inclusive lá fora eles já tem seus notebooks ou pelo menos quando se faz trabalho em grupo já tem dois três em cada grupo, eles tem o acesso mas precisam do espaço para fazer isso um laboratório de informática até para aqueles que não tem lá fora teve pessoal do quinto do assentamento, eles não tinham acesso, só pelo celular, não podiam entregar o trabalho digitado foi o único grupo dos trabalhos de artigo que eu fiz que entregou trabalho feito a Mao, só que ai tu tá trabalhando com os outros assim: precisa a margem ser assim, parágrafo ser assim e a bibliografia ser assim, tu já trabalha nos moldes da ABNT pelo menos assim eu fiz, e aqueles que tão, eles podem até olhar o que eu fiz no celular mas eles não tem condições de estar numa sala especial pra isso com computadores de tarem vendo de tarem me entregando de tarem errando de tarem acertando.

Professora no teu entendimento então, em termos de estrutura tanto física como de recursos humanos a escola não estava preparada para receber essa nova proposta do ensino médio politécnico?

De forma alguma nem um pouco estrutura não temos, temos como fazer como foi feito deslocando turmas e turnos pra conseguir encaixar e recursos humanos nem pensar é não tem recursos humanos pra fazer o básico muitas vezes, a escola às vezes passa quanto tempo sem um professor de disciplinas regulares

que são muito importantes imagina aumentando horas e carga horária de professor e pagamento de professor e disponibilidade de professor não existe, eu acho que ainda na nossa escola conseguimos mais ou menos estruturar o espaço físico e para os recursos humanos é o mais difícil eu acho de se conseguir até porque existem recursos humanos que não querem e que não aceitam a proposta do ensino médio politécnico engolem e aí não querem trabalhar com isso dessa forma não querem se disponibilizar tá também pegando a disciplina do seminário integrado então eu acho que o maior problema de todos claro que é problema também o espaço físico mas os humanos é um grandioso problema que temos e porque o professor não foi preparado pra isso a gente não recebeu a capacitação pra isso eu sei que tem a proposta lá dos PCNS lá de anos atrás que já fala que nesse sentido já caminharia pra isso só que a maioria dos professores não estuda não vê não lê não leu os PCNS “a isso não vai acontecer” ou até por não ter tempo também tá cheio de aula lá, aí chega e tem que fazer e aí a barreira fica na frente e não quer e não vai e não faz.

Em relação então ao professor né, os professores foram preparados para receber essa proposta anteriormente ao início dela?

Não, foi feito um faz de preparação dos professores e uma promessa que a gente ia ter curso de capacitação ou isso ou aquilo, até teve acho que uns dois ou três encontros mas não pra te capacitar pra trabalhar, pra ti chamar pro trabalho pra ti dar um norte vamos dizer assim, eu não, pelo menos as reuniões que participei fora via CRE acho que foi uma ou duas.

Essas formações propostas pela CRE que foram poucas então *pouquíssimas* não veio de encontro a angústia do professor em relação ao ensino médio politécnico?

Não, de forma alguma, nem um pouquinho, nem um pouco. Algumas davam exemplos de projetos trabalhados de algumas coisas mas cada um tem a sua realidade, e trabalhar com projeto fora do politécnico também se trabalhava vamos dizer assim, o que foi mostrado não foi e eu ouvi de uma pessoa que vamos dizer suspeita pra falar até foi bom numa conversa na sexta-feira passada porque é uma pessoa envolvida vamos dizer com a CRE olhando pelo lado CRE, “a mais o certo é que o ensino médio tá falido, tava falido, e ninguém tinha coragem de mudar nós

tivemos coragem de mudar, nós tivemos coragem de mudar” e nesse sentido mas eu disse “mais que mudança foi essa?” , “a, a gente estudou” , “mas e os professores estudaram? Não adianta vocês terem estudado e pensado na proposta e chegar pra nos e dizer, é assim que tem que fazer e pronto, mas assim como?, tem que chegar e dizer que é disciplina de seminário integrado que vai trabalhar mais projetos”. Mas e como, como vai se chegar a isso? Não foi dado nada disso, e ai claro o professor não quer, pro professor entender vou te ser bem sincera tem colegas meus que eu acho que até hoje não sabem o que é a avaliação ali, vou falar pela minha área de ciências da natureza, não acho que não que é o conjunto da área vamos dizer assim: a minha área é ciências da natureza, física química e biologia, talvez tenha professores que vão entender agora no final qual é a proposta que é um conjunto depois que vai o CRA ali no final se ele rodar nas três, que vai o CPA se ficar só em uma delas, tem colegas que falam mas pera ai o que é o CPA? Como que é isso? Ata ele ficou só comigo e passou contigo na outra.

Se o próprio professor não entende isso dentro da área , ai nós estamos lá na nossa reunião por área pra fazer o parecer, ta passou em biologia e química ficou em física, o que que ele é mesmo? CPA porque ficou em física ta ficou só em física é CPA, ta mas e agora se ele rodar em matemática? Bom matemática é a outra área do conhecimento. Até o professor não tem essa, concepção do todo vamos dizer assim e o que isso vai implicar na vida do estudante, e outra coisa que eu acho mais grave, grave, grave, grave, do ensino médio politécnico é a chance, chance ,chance, chance, pro aluno passar, e a desvalorização do trabalho do professor, pra mim a situação mais grave que cai na avaliação eu já tinha dito porque, a gente trabalha o ano inteiro com o aluno, e quem trabalha, no meu caso que trabalho química e seminário integrado nos primeiros anos eu ficava bastante tempo em sala de aula com eles por semana então eu não preciso realmente de uma prova vamos dizer assim pra saber se o aluno tem capacidade ou não, se a questão era fazer a prova ou não, mas eu digo até mesmo sem fazer prova fulano não tem capacidade fulano ta limitado não chegou a esse nível ainda de entendimento, eu dizer isso não vai adiantar muitas vezes, porque ai eu vou ter que fazer pra ele, ele ainda pode conseguir, então eu vou ter que fazer pra ele mais um plano estratégico pra ele levar pra casa pra nas férias ele tentar, ai se ele vai conseguir naquele plano estratégico como eu não sei, ele pode pagar um professor pra fazer aquilo ali pra ele, pode vir

até e chegar lá e passar lá, fulano conseguiu atingir, mas de que forma ele atingiu, será que foi ele mesmo que atingiu, será que ele vai conseguir acompanhar o segundo ano? Como que vai ficar a cara do professor na frente dos outros alunos que passaram o ano inteiro assistindo aula porque a gente teve o exemplo de pessoas que saíram em abriu da escola ou que nem chegaram na escola quase e o conselho tutelar veio buscou em novembro e eles podem estar junto se ele conseguiu atingir com que passou o ano inteiro assistindo aula no ano que vem, então onde tá a presença onde tá o contato com o professor onde é que tá essa vivência que o ensino médio politécnico quer que tenha, onde tá a visão de mundo e fazer projetos? Será que o aluno que passou o ano inteiro fora da escola tem a capacidade de fazer um artigo que os outros todos fizeram? E acompanharam e tiveram várias aulas pra isso, e fazer um projeto? Eu acho que se perde muito nisso aí, aí o outro chega no início do ano e eu tenho certeza que tem alunos que são ótimos que são excelentes que vão dizer assim: ué professora fulano não veio o ano inteiro e olha aí tá aqui junto comigo, então eu não vou vim também. Eu sei que aquele que é comprometido não vai fazer isso, vai vir também mas ele vai acabar se desmotivando porque o cara passou o ano inteiro e depois passa, então esse é um sistema assim que eu acho muito ruim nesse sentido de dar chance, chance, concordo que não é uma prova que vai avaliar que é o dia a dia que é o cotidiano que é os trabalhos feitos que é os exercícios feitos em sala de aula mas sou a favor da prova acho que ela mede bastante tu tem que fazer a prova, mas aí a tua opinião tem que valer se o cara rodou o esse ano nós já fizemos as avaliações normais e cotidiano e tudo aí a gente viu que ele não passou que ele não atingiu aí a gente fez uma recuperação tá seguimos o segundo trimestre ele não atingiu a gente fez o PPDA lá nesse segundo semestre do primeiro mas aí o aluno não atingiu esse PPDA do primeiro continua rodando no segundo, continua rodando no terceiro, não tem condições ele já teve várias chances e ele não vai conseguir, aí ele leva esses trabalhos pra casa. Eu já fiz vários trabalhos no total são 4 trabalhos a distância sendo uma prova a distância e mais uma que eu vou fazer lá em fevereiro, mas eu vi colegas que fizeram uma folhinha de trabalho se torna muito fácil de tu passar, não que eu não queira que o aluno passe, mas eu acho que ele não tem como tá junto com os outros por mais autodidata que ele seja.

Assim como tu falou da desmotivação que os alunos que são interessados né que participam efetivamente do processo durante todo ano ao ver diante de todas essas oportunidades aquele aluno que foi um tanto quanto displicente no decorrer do ano também conseguir esta aprovação também estar lá se desmotivar como tu enxerga isso entre os professores?

Bem sincera, vamos passar todo mundo, a maioria vai, tu acaba te questionando muitas vezes nesse sentido vai desmotivando muitas vezes até o professor de fazer trabalhos e fazer provas, bom dando um exemplo no início do ano na primeira avaliação que a gente teve do grupo da ciências da natureza tinha um colega que não tinha feito todas as provas, provas trabalhos assim quando eu falar em provas, que que ele fez ele fez a avaliação dele em cima de dar aula, ele não fez a avaliação que nem os outros fizeram, e ele dizia pra nós mas o sistema é assim vocês tão fazendo prova ou trabalho de bobos que vocês são, não tem que pensar na nota, tu tem que olhar o aluno lá, então daqui a pouquinho vai tá todo mundo olhando esse sentido mesmo, porque que eu vou tá em casa tirando as minhas horas de convivência com a minha família ou no meu lazer preparando provas e procurando exercícios daqui e dali, se tanto faz ele fazer essa prova ou não fazer aí eu olho pro meu colega que não tá fazendo a prova que tá só avaliando no cotidiano na sala de aula nos exercícios vai gerando uma desmotivação geral de todos e entrando no ponto mais grave mais importante que também nessa conversa de sexta-feira que eu tive que sair antes então eu não pude concluir nesse meio tempo o Dinael ligou pra me buscar, quando ia chegar nos finalmente eu cheguei a dizer mas a vida não é assim a vida não é essa segunda terceira quarta quinta chance, tá aí agora o pessoal fazendo o ENEM tá nas inscrições do SISU tá lá o numerosinho ponto de corte é tal se eu não atingi aquela nota eu não vou entrar porque eu quero e aí tão fazendo mil e um cursinhos vão fazer cursinho porque a eu quero engenharia do petróleo eu quero odontólogo quero medicina minha nota tem que ser alta mas aí passou todo um ensino médio num sistema que nem se falava em nota que a nota não podia existir, aí chega lá e tem que fazer uma prova com nota. O PAV o que que ele é, nossos alunos lá do ensino médio tão fazendo PAV que que ele tem que ter uma nota e aí tem coisas que não seguem o mesmo caminho um vai pra um lado outro vai pra outro, e como é que fica a cabeça de quem tá no ensino médio, que pra mim é imaturo não sabe ainda, eu muitas vezes como professor uma hora

penso uma coisa, agora to pensando assim ai amanhã já começo a refletir sobre outro ponto alguém faz um questionamento e eu já começo a mais será que eu não tava errada nesse pensamento acho que eu vou pensar de tal forma, ai uma pessoa com 15 16 17 anos que ta tendo a sua formação não tem discernimento de todas essas coisas, eu perguntei agora na festa de formatura pra um aluno que foi buscar os planos estratégicos, e ai já fez os teus planos estratégicos? “olha professora capaz, nem olhei pra aquilo lá, cheguei em casa larguei lá ta lá”, ai me da uma raiva as vezes de pensar assim poo eu fiz 5 trabalhos, 3 trabalhos e 2 provas, o que que o cara vai me entregar lá no dia 19, 20 de fevereiro, ai tu te questiona, nem eu tenho a certeza porque uma hora eu penso de uma forma outra hora eu penso de outra, não sei eu enquanto professora na minha postura em sala de aula, do jeito que eu penso faço a minha aula não vai mudar porque eu já trabalhei nos ciclo e a mesma que eu trabalhei nos ciclos eu sou no seriado e to sendo agora postura em sala de aula mas daqui a pouquinho a forma de avaliação já começo as vezes a me questionar será que a forma de avaliação que eu faço ta certa ou não ta? Então é um problema acho que gravíssimo, gravíssimo, a forma de avaliação.

Então o aluno ao passar no decorrer deste ano todo sendo avaliado no primeiro trimestre tendo a oportunidade de PPDA no segundo trimestre idem, no terceiro trimestre idem, ele ainda tem uma oportunidade através do plano estratégico que o governo nessa política por ordem de serviço determinou que as escolas estivessem proporcionando ocorreu no ano de 2012 e vai ocorrer novamente agora nessa recuperação do ano de 2013.

Eu participei de uma reunião que falava sobre isso quando foi feito o plano estratégico do ano de 2012 o maior absurdo eu ouvi La da 5ª CRE, que o índice de reprovação foi alto, que eles acharam muito alto, e que então talvez os professores estivessem equivocados ao fazer a avaliação desses alunos por isso seria oferecido o plano estratégico de 2012, porque seria o 1 ano então talvez não tivesse. Eu disse meu Deus do céu, isso pra mim foi o maior desrespeito com todos os profissionais que estavam sentados ali né, que a gente estivesse equivocado, eu disse por favor né, vem bem naquele sentido a gente passa o ano inteiro com as pessoas lá tu não poder dizer como é aquele aluno então? pra mim bem assim, foi um absurdo e agora chega pra nós o mesmo discurso, então será que a gente tá sempre equivocado?

Bem colocado, então em relação voltando a minha pergunta, em relação ao professor ter passado esse ano inteiro fazendo então seus instrumentos de avaliação pensando também no cotidiano do seu aluno né interesse participação buscando avaliar como um todo dando a oportunidade de PPDA no teu pensamento o olhar dos professores quando chega lá no final do ano eles já estão pensando em de repente já estar aprovando este aluno pra não ter que estar fazendo o plano estratégico?

Já, pode ter certeza que sim, não todos mas algum professores já pensam nisso, posso falar assim mas especificamente na minha área que é aonde a gente se reúne mais próximo pra fazer a avaliação, pra conversar sobre o parecer, então já houve conversas nesses sentido de sim, a o fulano ficaria mas é aquele meia boca vamos dizer assim teria condições aí nós vamos ter que tá fazendo, não vou dizer que isso ocorreu, mas já se gerou um debate em cima disso já sim nessa última avaliação já ocorreu, a fulano tá mais ou menos aí tinha ficado só numa disciplina ali e não sei o que e nas outras tava ali, se a gente fizer uma comparação com a nota né tava ali ali o que que vamos fazer com siclano, fulano a manda fulano pq vai ter fazer o plano estratégico já aconteceu, não se fez isso na prática neste ano mas eu não sei se agora com o passar do tempo e mais turmas e mais acomodação vamos dizer assim dentro do politécnico se não vai acontecer, isso não aconteceu porque não teve uma unanimidade de todos pensarem da mesma forma mas eu não sei se com o passar do tempo se não vai, falando pela minha área mas acredito que nas outras também.

Professora um ponto positivo do ensino médio politécnico?

Ai eu sou apaixonada pelo trabalho da disciplina de seminário integrado no 1º ano não posso falar pelos outros assim, mais esse acréscimo do horas de ter o aluno regularmente contigo em sala de aula ali, sabe ele tá presente mais tempo não de faz de conta, não com aula a distancia ele tá ali dentro da escola ele tá convivendo, assim uma coisa que eu acho bem interessante quando eles chegam porque é um turno a mais que eles tem que ficar na escola uma tarde, quando eles chegam o primeiro mês chove de reclamação “ah não sei o que e to cansado to isso to aquilo” com o andar do trabalho e deles irem se integrando a escola se aconchegando a escola ao tempo ali e as aulas tu não ouve mais esse tipo de

reclamação assim pelo menos esse ano de 2013 de maio junho pra cá eu não ouvi mais a reclamação de terem ficando nas tardes claro ainda reclamam assim muitas vezes ah tem uma prova no outro dia de manhã e aquele dia eles ficaram o dia todo na escola e nós sabemos que tem alunos que levantam 5h da manhã, vão pegar o transporte 6h, e esse mesmo aluno que pegou o transporte 6h ele vai chegar na sua casa 7h da noite é claro que tem um desgaste aí 7h, 7:30h vai tomar um banho comer alguma coisa e claro vai estar cansado, aí ele questiona onde o tempo eu não vou conseguir estudar, por exemplo o que eles falavam numa prova de história quando eles vão estudar pra prova de história? A gente entende isso também que fica né mais cansativo esse lado, mas eles pararam com esse função de ah vou ter que ficar de tarde isso e aquilo eles acabam gostando, e essa disciplina como nós trabalhamos na escola acho que faz o aluno se conhecer demais assim eles tem um crescimento muito bom, olhar o que eles escrevem ou o que eles dizem, nem eu sabia as vezes em um trabalho, em grupo, tu fazer o aluno falar alguma coisa ali, as vezes o aluno falou coisas e se expôs até na frente dos colegas de uma forma que eu nem espera, que até achava que a situação fosse fugir do meu controle por aluno estar emocionado, por o aluno tá colocando uma vivência, uma experiência da sua vida, que muitas vezes em casa ele não colocou, e assim ouvir a fala deles e conhecer eles é muito bom, eu acho que isso é o mais positivo, além do que ele tá aprendendo coisas que eu, por exemplo, fui aprender na marra, apavorada, lá na faculdade ou talvez até na pós, na especialização, que é fazer o artigo, que é fazer a monografia, que é fazer um projeto, eu achei o projeto mais fácil já trabalhava com projetos antes então não acho tão difícil fazer um projeto, mas eu sei que tem colegas professores que se for pra fazer um projeto vão dizer meu deus do céu mais como que eu vou fazer, e até hoje eu acho que difícil quando eu tenho que sentar pra fazer a fundamentação teórica de um projeto ele não sai assim ó (estralo de dedos), objetivos, justificativas aquela estruturação dele puf tu senta ali e num dia tá feito e agora fundamentação teórica e tu fica né pensando e pensando e demora a nascer pra gente professores então pro aluno já sair no ensino médio já sabendo fazer isso, teve um grupo mesmo que fez um artigo a nível de universidade eu disse, no final de entrega final agora bom mesmo eles respeitaram todas as regras porque a maior dificuldade do aluno tá em voltar eu dei todas as regras de produção de artigo científico, e eles voltar na regra eles não voltam, eles querem sair escrevendo alguma coisa mas na hora de voltar no que que diz voltar primeiro na introdução o

que que tem que ter em uma introdução o que que tem que ter o desenvolvimento né mas não dividindo por partes porque tem que ser um texto coeso, e botar e formatar no computador, coisa que eles não tinham, sabem usar todo mundo tá no notebook mas pra redes sociais agora tu fazer ele sentar ali e dizer mais professora como é que é tal margem eu disse volta no papel e olha, ah mais eu não sei onde é que tá, então eles tem na mão mas eles não sabem usar ali aí eu sentava com cada grupo, olha aqui vamos formatar, como é que é como é que faz, se é citação tem que ser assim e isso pra mim dar pra eles eu também tenho que rever também tenho que ir lá reestudar por que se não eu também não vou tá sabendo mas pra mim isso é fundamental imagina um aluno eu disse pra essa turma que saio do 3º ano agora que não era ensino médio politécnico as apresentações de trabalhos de quem tá no 1º ano, estava no 1º ano lá na escola eram muito melhores do que as de quem estava no 3º ano muito mais assim olha é gritante a entrega do trabalho no papel e o falar nossa não tem assim comparação claro que aí com a turma de 1º eu ficava 7h aulas não 5h aulas duas de química e três na área integrada e os outros eu só tinha as duas aulas de química então não tinha tempo pra tá explicando como que tem que ser assim, pra fazer o trabalho que é feito dentro da disciplina de seminário, era tal e tal assunto e a eu não posso ficar perdendo também a noção do conteúdo que é essencial que eu preciso trabalhar também então isso assim se tivesse filmado o terceiro ano apresentando trabalho e o primeiro ano meu deus assim é gritante.

E qual o papel do professor no seminário integrado?

A o professor, ele é o motivador eles é o instigador ele tem que tá fazendo intermédio entre o mundo a interpretação do mundo as redes sócias e tudo isso e tá trazendo pra sala de aula e tá instigando o teu aluno aah, o papel do professor é caminhar junto com o aluno tu tem que tá junto com ele, não é uma aula convencional digamos assim, se tu chegar na minha sala de aula muitas vezes assim eles tá produzindo o artigo tem um bolo aqui tem um bolo ali então tem conversa aqui e ali vai dizer aí essa sala de aula tá né, mas ali tá acontecendo produção. “Professoraaaaaa” eu dizia pra eles eu sou uma só aí tinha marcado número 1,2,3,4, aí eu ia fazendo por grupo porque eu tenho que sentar lá com eles, “da onde tu tirou isso?” “Ah de tal site” “Mas cade o site tu tem que botar lá: disponível em, qual é o título do artigo que tu leu, acessado em.”. “ah mais eu posso

ir ali na rua então porque aqui não tá pegando bem o wi-Fi” aí ele ia lá na rua pegava e me trazia o endereço, como é que a gente vai formatar. Então tu tem que tá junto, junto mesmo junto com eles e ter esse, as redes sociais vamos dizer o facebook ele ajudou muito porque ele, muitas vezes eu não tava em casa, tava longe deles e o meu contato era “professora vou enviar tal artigo a senhora dá uma olhada?” Então ultrapassa o limite ali daquelas 3h de sala de aula e hoje né o acesso tá pra todos via facebook eu recebi muitos trabalhos não usam o email dei o meu e não chegou nada chegou por onde bate-papo do facebook dúvidas onde bate-papo do facebook, então o professor eles tem que tá junto tem que tá conectando no mundo virtual digamos assim, tem que tá sempre instigando e fazendo ele melhorar e sendo crítico não pode ser o professor bonzinho digamos assim eu não me considero uma professora boazinha mas tô dentro deles sou parceria digamos assim “e aí beleza” e saber que assim ó ter a noção que eles não vão sair no primeiro momento fazendo um trabalho exemplar, mas saber pegar os pontos positivos porque tu não pode ir lá botar só as críticas, “olha fulano vocês escreveram muito bem isso aqui porém se vocês melhorarem em tal tal e tal fica melhor, porque se não a criatura vai dizer assim barbaridade mas eu não sei escrever nada não vou conseguir nunca fazer isso por que pra mim a coisa mais difícil na vida é tá falando e escrevendo se expondo e escrevendo então eu acho assim o papel do professor fundamental nisso tu se expor também tu ir lá te colocar na frente dizer como é que oi tua caminhada até chegar lá que eu sempre coloco o que eu não falava eu era um horror pra falar e hoje eu acho assim que eu até falo de mais a minha vida tá próxima, a menina até falou agora as histórias na aula de química por que o que que são as histórias na aula de química histórias do meu cotidiano não preciso nem citar nome nem nada mas faz o aluno ver a minha história também que eu sou um ser humano igualzinho a ele e aí eu vou dar esse exemplo do meu cotidiano pra ensinar a química, é esse chimarrão aqui que a gente tá tomando o que que tem nele e que conversa saiu nele então ele aprende muito melhor né só que na aula de química a gente não tem esse tempo e no seminário integrado vamos dizer assim que em determinados momentos é uma grande roda de conversa uma grande roda de chimarrão pra mim tá começando a refletir certas coisas por que daqui sai muito pensamento que eu vou pra casa e vou dizer bah mas fulano disse isso aí mais a professora já passou por isso a professora também tinha vergonha de falar a professora também né teve tal mico por que que eu não posso ter então tá junto e tu fazer o aluno te respeitar por

quem tu é por estar ali mas não com autoritarismo mas por ser quem ta na frente quem ta direcionando o trabalho e ta colocando os teus pontos positivos e junto com esses pontos positivos conseguir então as criticas que muitas vezes podem ser bem maiores né, teve grupos que eu tive que escrever muita coisa pra melhorar mas eu tive que achar alguma coisa positiva pra botar pra eles também porque se não “ah eu fiz né me dediquei passei e não consegui” então pra o papel do professor tanto no politécnico quanto no outro é estar junto com o aluno crescer junto com eles porque a gente ta sempre aprendendo sala de aula pra mim é fantástico não saberia ser outra coisa porque até me da uma coisa assim o que faz a gente aprender meu deus do céu assim tu ter conhecimento de outras culturas de outras vivencias assim, e ver o crescimento do teu aluno não tem não tem assim, quando eu recebi esse artigo que eu não tinha nada pra colocar ai disse ai meu deus, não foi um artigo copiado foi um artigo que foi feito ali dentro da sala de aula foi de um grupo que se dedica que me mandou qual é o diferencial desse grupo eles me mandaram varias vezes o trabalho ali no bate-papo do face assim vamos melhorando que o trabalho final ficou excelente, então isso é um ponto bem positivo né tu ter essa disciplina pra se trabalhar nisso só que claro quando chegou la a primeira proposta no inicio que depois ia diminuindo muito a carga horaria de química de física de matemática de língua portuguesa eu fiquei muito preocupada porque essas disciplinas são essenciais também pra vida, são essenciais pro aluno seguir a diante elas são essenciais prum PAV são essenciais prum ENEM são essenciais pra alunos nossos que eu to vendo toda hora que passaram com bons pontos de corte que tao lá nos EUA tava vendo a nossa ex aluna postar ontem “meu deus menos vinte e três graus como é que eu vou sair” eu disse poow foi nossa ta lá. Quem é tu te lembra ?É a Liane? Ta e tantas outras, ai outra postou não sei se foi nossa porque pode não ter sido do meu tempo acho que ta na Irlanda “aqui ta tanto” né e eu disse olha onde elas estão e é trabalho nosso começou lá na escola e começou também com um bom português uma boa matemática uma boa química que também são essenciais então eu graças a deus não sei se foi a proposta inicial de diminuir tanto a carga horaria das outras pra ampliar o seminário integrado ele é bom mas também a gente tem que ter a visão do mundo ali que matemática e todas as outras ai precisam muito delas também.

E um ponto negativo professora, o que tem que ser mudado no politécnico com urgência?

A avaliação forma de avaliação pra mim a forma de avaliação ela gera tudo aquilo que eu já falei uma desmotivação do aluno e uma desmotivação do professor pra mim a vida é assim ó tu faz uma prova tu faz uma entrevista tu passou tu passou tu rodou ta fora nós professores vamos fazer agora o mestrado eu tenho que fazer uma prova tem uma análise de currículo se eu não entrar ali eu to fora então a vida e deixa fora então a avaliação pra mim é o maior problema claro além de ter recursos humanos e recursos de estrutura, mas o urgente pra nossa escola diz que tem escolas que não tem onde ter tem escolas que só fazem o trabalho a distancia que ai eu não posso dizer como é que é ou não é falando só pela nossa, que nessa mesma conversa que eu tive sexta feira diz que a nossa escola é citada como exemplo de bom funcionamento do ensino médio politécnico.

Professora então se encaminhando pro final da tu grande contribuição com certeza mudanças na tua profissão docente na tua vida enquanto professora com essa mudança pro ensino médio politécnico?

Mudanças na minha forma de ser enquanto professora?

E nas tuas rotinas de trabalho também, mudou alguma coisa não mudou, continua no mesmo ritmo de trabalho ou veio mudanças com esse advento do politécnico?

Bom assim, eu sempre trabalhei assim um pouco diferenciado assim já gostando de paralelo não trabalhava só química paralela ao desenvolvimento das aulas de química de conteúdos curriculares de química eu já sempre tentei mostrar pro aluno o cotidiano durante as próprias aulas pra chegar até a química e trabalhava extra isso vamos dizer assim com projeto não necessariamente precisasse ser da área de química mas assim do cotidiano geral então eu já tinha esse pensamento vamos dizer, do trabalho assim do ensino médio politécnico, pra mim foi muito bem digerido a função de projetos e também como eu já tinha trabalhado nos ciclos então talvez não tenha sido aquele baqui o politécnico em si mas no 1º ano vamos dizer que esse 2013 não foi tanto mas 2012 foi bem difícil assim o trabalho com a disciplina de seminário integrado porque a gente tava

pisando em nem sei no era em chão firme será que estamos acertando será que estamos errando será que este é o caminho porque foi o ano que a gente sentou junto e a outra professora que trabalhava “ vamos fazer assim” então decidimos fazer assim nesse crescimento gradativo que se tinha, mas o trabalho ali da sala de aula de fazer o aluno pensar de fazer o aluno conhecer de fazer o aluno interpretar escrever era meu na minha turma e da minha colega na outra e como eu vou fazer isso que eu vou ta trazendo pra sala de aula o eu que eu vou ta trazendo pra essas tardes serem prazerosas e não serem cansativas mas tendo um bom aprendizado então vamos dizer que 2012 as minhas aulas de química ficaram prejudicadas porque eu não me dediquei tanto a elas a coisas novas trabalhei mais o trivial mais o básico não trouxe tanto acréscimos diferentes que cada ano tem o básico que agente tem que trabalhar mas a cada ano a gente vai achando um vídeo novo ou vai achando uma motivação um filme ou isso ou aquilo, tu vai sempre vendo novas coisas e eu deixei praticamente a química de lado e trabalhei incessantemente no seminário integrado “o que fazer como fazer” porque o que a gente consegui livros ou até a própria internet coisas muito além do que o aluno podia como eu vou te dizer por exemplo fazer uma resenha científica pra publicação não uma resenha de português ali normal não um artigo científico aí tu vai olhar as regras são muito além do que o teu aluno ali no ensino médio ta podendo captar naquele momento entender, então a gente tinha que ler tinha que transformar refazer pra uma realidade que o aluno conseguisse captar a tua mensagem e entender então vamos dizer que o meu tempo de h atividade e de planejamento foi integral e muito além daquelas horas para o seminário integrado em 2013 já foi mais tranquilo porque eu já tinha mais ou menos o norte já sabia como caminhar mudei refleti o que eu não achei em 2012 pra melhorar em 2013 usei bastante horas também porque pro seminário integrado é um vídeo que postam ali no face qualquer assunto geral assim tu já olha aquele vídeo com outro olhar porque aí tu tem a liberdade de trabalhar a amplitude não preciso ficar presa a química então ali eu já começo a pensar um trabalho em cima dele o que eu vou fazer o que eu vou pedir da pra refletir sobre isso, me fez ler muito mais a revista mundo jovem mesmo acho ela maravilhosa acho ela fantástica tirei muita coisa dali tras reflexões, diálogos, textos assim que eu acho que todo o professor deveria conhecer aquela revista e trabalhar ela de certa forma em sala de aula por que eça é critica faz tu pensar, filosofia mesmo que eu não conhecia muito tu acaba tendo que conhecer pra tu

trabalhar certos pontos com o aluno então me fez estudar bastante muito mais do que eu vinha, e desacomoda, não sei se eu respondi ou não a tua pergunta.

Respondeu. E juntando essa tua fala com as anteriores né quando tu coloca que alguns colegas professores ainda não entenderam como é o sistema de avaliação como é as siglas o que ta acontecendo com o aluno em si a que que tu atribui esse desconhecimento do professor?

Ta, primeiro assim a gente não teve a capacitação mas ai tem que ter o interesse do professor e sendo sincera há professores e professores, são duas classes assim tem aqueles que tao acomodados que não querem “ ah vamo fazer o que tem que fazer ai mas eu não quero eu não vou ler pra que que eu vou ler pra que eu vou estudar mais já ta bom assim não vai me acrescentar” e ai ficam assim no vai da onda de todo mundo ou outro problema grave “ a fulana faz a fulana sabe a fulana faz” e a fulana realmente faz por que não consegue deixar as coisas assim então fica “a fulana estudou a fulano entende a fulana sabe a fulana faz do meu grupo” e ai ficam na mesma não estudam eu acho que eu atribuo mais ao não querer, veio essa ordem de serviço que tinha que fazer mas eu não concordo portanto eu não vou fazer vou fazer só o básico do básico eu atribuo ao não querer, claro que não houve a capacitação, então tu tem que ir por ti pelo que tu acredita tem uns que não querem sair da sua comodidade por que vai dar mais trabalho vai dar mais pensar e realmente da mas trabalho e assim só dando um exemplo como professora de seminário integrado eu tenho que fazer um parecer só eu além de eu ta participando lá do meu grupo da parte das ciências da natureza eu também tenho que fazer o parecer e tem gente que fala “ vou ta fazendo a mais, eu não quero isso não entendo não vou fazer uma parecer”.

Professora poucos né são os professores dentro dessas nossas conversas, nas nossas observações de chão de escola, que tem um perfil pra trabalhar no seminário integrado por todas essas ponderações que a gente já vem analisando, e que tu nos colocou agora, qual seria no teu entendimento o caminho pra gente buscar modificar isso essa mentalidade do professor e de repente despertar essa vontade e entendimento deles pra também estarem somando no seminário integrado?

Ulálá barbaridade eu acho que eu nem sei te responder essa pergunta assim, não sei se tem alguns que eu vejo que pode se fazer de tudo que não vai acontecer por ter um pensamento que não quer, mas talvez aqueles que ficam em cima do muro que talvez faria ou não faria eu penso assim que é em função da capacitação mesmo de serem instigados de serem motivados ta tentando fazer ai eu não sei como mas fazer com que esses professores eles se sintam alunos e produzam sabe claro que não seria isso mas eu pegar eu Valesca que trabalho com seminário integrado eu vou lá e vou fazer um aulão com eles e fazer eles fazer coisas que os alunos fazem dentro do seminário integrado ou fazerem ta dentro de algumas aulas de alguns lugares que funcionam o politécnico e ta vendo que a coisa flui que a coisa funciona que a coisa é boa mas eu não sei assim é uma pergunta muito difícil eu não sei se isso também não tem uma, por que eu acho que uma grande parte ta no não querer então eu não sei se a pessoa ta não querendo eu não sei se tem o que fazer é a pergunta mais difícil que tem, e a função assim hoje eu vejo que na educação tem muitos professores que é aquela função ali a minha carga horaria é tal assim eles não ta eu tenho direitos com certeza mas antes dos direitos eu tenho alguns deveres e eu como bom professor não posso pensar em fazer o mínimo não posso pensar em fazer o mínimo porque o resto vai me dar trabalho mas assim ó é um trabalho prazeroso tem gente que olha e diz a fulana como é que tu consegue mas eu sou realizada eu faço achando bom porque os resultados te gratificam compensa se eu ficar sem dormir em função de projeto em função de trabalho que me obrigaram a escrever não ganhei nada em dinheiro em premiação mas ganhei pra mim enquanto pessoa enquanto profissional nossa ai eu olho pro meu livrinho lá que eu ganhei professores do Brasil eu olho pra ele e digo, eu, meu deus do céu foi eu Amor, que fiz pra mim não tem, ai eu olho esses alunos que nem é do seminário integrado mas é do meu trabalho nem é la na escola, quando esse pessoal veio de POA quando eu fiz esse projeto juventude ex alunos saíram de POA as 3h da manha fizeram parte do projeto fizeram uma apresentação 4 h da tarde voltaram pra POA cheio de guitarra e não sei o que em dois carros com dinheiro próprio deles pra vir aqui e fazer uma apresentação de um projeto que eu pensei eu mentalizei pensei que ia dar certo e deu muito mais do que eu imaginava eu ta sentada ali no cine teatro assistindo os alunos se apresentando coisas simples né não são artistas mas pra mim vale no ultimo trimestre mesmo fiz um trabalho era só apresentar uma parodia quando chegaram as meninas assim de um grupo que se

apresentaram todas caracterizadas de roupas feitas e eu disse por que que elas fizeram isso e elas disseram ué a senhora pediu mas eu não tinha pedido mas elas tinham que fazer um bom trabalho então isso não tem dinheiro no mundo não tem trabalho ou noite sem dormir que pague eu olhar uma foto que eu tenho de um trabalho do 2º trimestre do pessoal na plateia assistindo a apresentação de um aluno que aquela foto pra mim reflete tudo da apresentação ele as pessoas na plateia olhando assim e com a expressão no rosto feliz olhando e eu disse meu deus deu certo então isso pra mim não sei se eu tenho papai do céu me dá um abraço aí especial de ter esse prazer na vida e acho que se todos os meus colegas vissem isso e olhassem assim aquele simples trabalho do aluno que ele tá fazendo ali dizer olha foi tu que proporcionou isso é graças a ti que ele chegou onde tá, tem um aluno que me disse uma vez a professora não esqueço da oração que a senhora fazia olha o poder que a gente tem na mão uma oração no início da manhã, nossa a gente é capaz de transformar o mundo mesmo quando cheguei da formatura a Suendi me deu um presente da turma 302 e ela escreveu uma cartinha e ela disse a senhora não pode abrir aqui a senhora tem que abrir em casa, coisas simples me deram uma caneca de melhor professor e o que ela escreveu era pra mim e não tem dinheiro e não tem trabalho que eu vá continuar fazendo que pague por exemplo, isso vale muito muito muito, é a tua valorização pessoal é o teu ser humano que vem junto aí eu não sei te dizer o que fazer com os outros pra terem esse mesmo olhar na educação que tu tem poder sim que é tu que transforma sim que qualquer palavra que tu fala em sala de aula que é o que tu é enquanto pessoa fora que transforma, eu tô comprando na rua não tô vendo mas alguém algum aluno viu que a professora fez assim isso é grave se eu não tiver uma boa conduta mas é a realidade mas se eu tenho uma boa conduta se eu sou um exemplo ele vai querer ser igual ao professor slá eu não sei nem aonde eu tô indo falando mas é uma coisa que só professor sabe só professor pode sentir o bom professor porque aquele que só tá lá pra não sente isso.

Professora te agradeço a contribuição tu gostarias ainda de fazer alguma colocação?

Acho que até fui além, falei de mais, não sei se não me perdi, acho que quando se fala em educação tem tantos questionamentos e tantas colocações que vem na minha cabeça, eu tô sempre pensando o que que eu vou fazer de diferente,

ser professor é não parar nunca de pensar o que que pode se fazer pro aluno pra que ele veja o mundo de forma diferente e principalmente mostrar pra ele que ele acredite que o mundo é dos honestos é dos justos é dos educados dos respeitosos que cada vez mais a gente tem que ter seres humanos assim e que acredite num futuro melhor e que não va com a mesmice to todo que sejam críticos a olhar uma novela das 8h, e olhar aquilo ali e saber dizer po o cara ta fazendo errado, que o mundo não é que tudo pode e que principalmente lutar pelo seu ideal é isso que eu acredito eu vou ser firme nisso, saber não saber expor o seu pensamento, é isso que eu tento passar pro aluno seja feliz.

Contribuiu muito com certeza, e não tem coisa melhor do que tu ver um professor apaixonado.

Professora Esperança

Eu sou professora há 29 anos, já aposentada pelo município, trabalho na escola estadual no interior há 10 anos, sendo que nesta escola eu estou desde 2009, antes trabalhava em uma outra, agora estou 40 h lá a partir de 2013 e trabalho com o Ensino Médio Politécnico já há 2 anos, ou seja, 2012 e 2013. A proposta é muito boa, faz com que os alunos progridam através dos seus estudos, vejo também que os alunos têm muito interesse principalmente no seminário integrado, também sinto que as outras disciplinas não estão integradas ao seminário ainda, mas há possibilidade disso. Percebo que na parte do seminário integrado os alunos demonstram muito interesse nas suas pesquisas, são alunos que se dedicam. Tive o privilégio de trabalhar no ano passado com a mesma turma que eu já estava trabalhando e percebi um crescimento muito grande na caminhada que eles estão fazendo, principalmente na autonomia que eles lançam mão em pesquisa, em consulta na internet, com entrevistas, vem até a cidade procuram cada vez mais... vamos dizer assim tentar conhecer mais a realidade porque eles querem não fazer só uma pesquisa bibliográfica, mas também de campo e eles estão se preparando, se Deus quiser, para em 2014 continuar nesta pesquisa que eles fizeram agora, para depois passar principalmente para os pequenos agricultores, pois eles são de origem de pequenos agricultores. Sinto também, que nós temos que caminhar muito para que todas as disciplinas trabalhem em conjunto, para que os alunos tenham

maiores vantagens ou chances, não sei bem como explicar isso aí, para que eles consigam já sair com uma ideia do que eles irão fazer numa universidade ou mesmo aqueles que não irão fazer uma universidade, mas no seu próprio emprego, investir mais em estudos para que tenham mais facilidade principalmente na agricultura. E, também percebo que as avaliações ainda não são aquilo que a gente espera, principalmente olhando o todo do aluno, nós estamos ainda caminhando para isso, percebo que não conseguimos ainda ver o todo do aluno que está sendo avaliado, mas temos ainda uma chance de ver o aluno, pelo menos a participação dele, na hora do conselho de classe participativo que isso fez na nossa escola que o aluno se sentisse mais com liberdade de ver qual o professor que ele está com dificuldade, etc. E aí to como diz o outro meio perdida.

Não tem importância. E o que tu achas da metodologia de avaliação desta nova proposta?

A metodologia em si é boa, mas nós não temos ainda condições de reunir os professores né? num todo, ainda estamos meio engavetados, não sei se porque ainda não entenderam bem o que é esta avaliação e eu acho, principalmente na parte da área da linguagem e eu acho essa dificuldade, porque nós não conseguimos ainda nos encontrar para falar num todo do aluno. É mais ou menos assim que eu vejo, eu acho que nós estamos caminhando, temos muito ainda a aprender nesta maneira de trabalhar.

E dentro desta proposta então, como tu acha que foi aceito, como tu acha primeiro quando a proposta foi colocada na escola, esta proposta veio ao encontro do professor como de fato compreensão, digamos com bons olhos, ela foi bem aceita, ou teve restrições a isto?

Olha ao meu ver era uma coisa assim que eu já esperava alguma modificação na educação, nesta maneira de trabalhar, mas a grande maioria dos meus colegas eu percebi que ficaram meio receosos e ainda tem alguns receosos, principalmente em relação agora porque são trimestrais no caso e o parecer deles dificulta até pro próprio aluno por exemplo se dedicar mais aos estudos, eles tem alguns que já está, aqueles malandrinhos que gostam de aproveitar todas as chances, eles tão ficando... fazendo com que aqueles que gostam mais de estudo ficassem desestimulados, porque eles não tem aquele peso, que eu diria assim,

peso da nota, embora eu facilitasse, assim não é bem facilitar, mas eu via que na minha avaliação, que eu fiz, eles estavam com problemas então a gente estudava mais e tentava mais uma chance, mais outra chance para eles irem melhorando, ir crescendo, mas eu percebo que neste 2 anos que eu estou trabalhando dessa maneira, dessa forma, eu percebo que alguns estão fazendo, estão ficando desestimulados, porque os outros também estão conseguindo esta chance de passar.

Neste sentido... tu começou falando em relação ao professor, então o que tu tem observado?

E aí os professores vendo esta situação tão com o pesinho mais atrás, tão ficando mais receosos, tão achando que não vai dar em nada isso aí.

Mas tu queres dizer assim, os alunos estão ficando um pouco desestimulados? E os professores percebem isso.

Porque alguns alunos que talvez ainda não tivessem condições de serem aprovados, digamos assim, estão sendo em virtude dos pareceres? Humhum...

É isto? Consegui te entender?

É isto aí, porque aí claro eles tem mais chances para conseguir um resultado melhor no parecer, porque as vezes o aluno, por exemplo com 60, vamos supor, com a média 60, o outro lá tiro 70, mas os pareceres praticamente são iguais, eles não percebem a diferença que um tem dez pontos a mais e o outro dez pontos a menos, no parecer por mais que tu consiga tentar passar, não consegue passar isso aí pra eles e aí eles vendo a nota eles se estimulam muito mais, ao meu ver, do que no parecer. E os professores também já começaram a perceber isso aí né, até nós já discutimos algumas vezes na sala dos professores esta parte aí que os alunos estão ficando, aqueles alunos que eram por exemplo nota bem boa aí, por exemplo 80, 85, 90 estão se desestimulando. Então os mais dedicados... são os que antes se esforçavam mais né, eu acho assim, e aqueles outros que levam mais na esportiva, na malandragem, a não ser quando tu exige né, senta frente a frente, olho no olho e cobra deles aí eles vão estudar, caso contrário....

Mas então é a metodologia de avaliação do EMP nesse sentido, no teu entendimento, ela tá vindo pra realmente fazer com que haja uma aprovação maior por parte dos alunos, como que tu vê isso?

Tranquilo, tranquilo, nesse sentido é, basta a gente avaliar os alunos de alguns anos anteriores e os atuais que a gente percebe porque tem prova trimestral, tem recuperação, tem mais outra prova, tem mais outra chance e ai vão dando, ai fazem provão e ainda ficam com todo o material do ano anterior pra estudar em casa, e ainda depois fazem mais uma prova, então quer dizer, o que a gente percebe disso ai, que a chance aumentou que foi um horror, e só que eles não percebem que quanto mais chance eles tem né, que eles deveriam aproveitar eles não aproveitam, infelizmente alguns ainda reprovam.

E se tivesse a possibilidade de mudar essa forma de avaliação, no teu entendimento enquanto professora de longos anos de experiência como tu nos colocou, se tu tivesse a oportunidade de rever este tipo de avaliação, porque isto foi uma avaliação que veio determinada né, através desta política pública...

Exatamente, exatamente.

Se tu tivesses a possibilidade de mudar esta avaliação, tu gostarias de fazer ajustes nela?

Eu gostaria em relação a nota, eu gostaria que a nota ficasse, tá? A maneira de avaliar trimestral e dar oportunidade para que o aluno consiga aumentar seu conhecimento essa é tranquilo, é o que eu sempre fiz né, só que agora no caso com pareceres, mas da maneira que eu trabalho e que exijo eu percebo que os alunos estão estudando menos, por exemplo, já no seminário integrado como é coisa mais em grupo, que eles pesquisam né, tu não percebe tanta diferença, porque na hora que eles tão ali no presencial a gente percebe que todos tão trabalhando no grupo, exceção de uns que dão uma caminhadinha, retornam de novo pro grupo, mas isso é uma coisa natural deles, agora o vivencial deles isso eu não tenho controle então eu não posso dizer, mas eu percebo que tem determinados alunos dentro do grupo que se esforçam muito mais que outros, e no entanto na hora do parecer ele ficam... parelhos. Não tem aquela notinha assim pra diferenciar, mesmo que tu vá fazer um parecer com um pouquinho de diferença, mas não adianta porque o aluno acaba

passando, porque ele teve condições de passar né, não é uma coisa assim que eu passei o aluno por passar, não ele passou porque ele se dedicou e conseguiu, mas a gente percebe que tem uns mais malandrinhos, e a gente percebe isso aí, mas como fazer no parecer para que aqueles que sempre foram motivados a estudar e tudo e que tem interesse em estudar e se aprofundar eles ficam desmotivados vendo o coleguinha que não tá muito integrado no próprio grupo, e depois quando a gente faz a auto avaliação com eles, eles mesmos dizem professora eu poderia ter dado mais pro meu grupo, eu poderia ter participado mais do meu grupo, né, então é esse tipo de coisa que a gente percebe.

E ainda continuando neste tema de avaliação, que eu penso que tem a ver, como que tu vê a situação do aluno, após já ter passado por toda a avaliação de um ano né, por todas estas etapas dos trimestres, ter os planos estratégicos para tentar reverter a situação dos alunos de ficaram em CRA, Construção Restrita da Aprendizagem, esses planos já estão ocorrendo, ocorreram um ano né, e a proposta do governo é de que novamente ocorram, 18, 19 e 20 de fevereiro este plano pra tentar reverter a situação dos alunos reprovados. Como tu vê essa situação e este plano estratégico?

Eu vejo que eles sozinhos em casa, eles não vão conseguir a superar a dificuldade, porque eles simplesmente fizeram assim entre aspas, corpo mole durante o ano todo. E quando eles recebem aqueles conteúdos todos pra eles estudarem eles ficam assim... meio apavorados, meio perdidos. E eu tenho, infelizmente, após, e barbaridade é um horror dizer o que eu vou dizer, mas é bem assim, eu já percebo que eles não vão conseguir vencer. Porque olha precisam fazer muito, muito, muito pouco mesmo estudo pra não passar em Língua Portuguesa que é no meu caso, eu trabalho com Língua Portuguesa, Literatura, então quer dizer, esse ano só Língua Portuguesa e Seminário Integrado, quer dizer em 2013. Eles tem que fazer uma força enorme pra rodar, porque eu dou várias oportunidades e assim mesmo eles ficam, é porque eles não tem condições de avançar mesmo, porque eles não querem nada com nada, porque aqueles que tem o mínimo de boa vontade eles passam, tranquilo. E alguma coisa eu consegui avaliar e obter o progresso desse aluno, caso contrário infelizmente entram no CRA.

E se não fosse né, mais uma vez voltando à obrigatoriedade desta política pública, no teu entendimento enquanto professora manteria este Plano Estratégico?

Não, não manteria pelo seguinte, o aluno teve o ano inteiro, teve o trimestre, os trimestres todos, recuperação, chances, que perguntassem a vontade, né, o professor tava sempre a disposição, o aluno não se interessou, não vai ser nesse período de férias, e depois no retorno que esse aluno vai conseguir, e acho também, que prejudica o professor no trabalho que ele fez durante todo o ano, porque isso assim, eu até diria assim, falta de confiança, o professor se dedicou, o professor foi responsável, lutou para que este aluno fosse adiante e ele não conseguiu, então quer dizer simplesmente passam uma borracha no ano inteiro e dá mais uma chance que o aluno tem quase certeza que ele não vai superar essas dificuldades, isso é uma coisa que o aluno tem que vir aos poucos mesmo sendo em Língua Portuguesa, que fará Química e Matemática, etc e etc, então né, então quer dizer eu acho que é uma desvalorização do profissional, essa é minha opinião.

E implicações da mudança na profissão, na profissão docente, se tu fizesses uma comparação entre o ensino médio na vida do professor enquanto professor, agora as rotinas de trabalho se modificaram com a vinda do EMP pro professor?

Eu posso responder por mim, pra mim não houve grandes transformações, o que eu já vinha fazendo antes do Politécnico não era muito diferente do Politécnico, a única coisa que eu sinto dificuldade é que o aluno eu percebo que ele se transforma, que desmotiva um pouquinho é o parecer, só isso, se a nota permanecesse, eu tenho quase que certeza, não haveria desmotivação principalmente daqueles alunos que sempre se dedicaram. Eles dizem, vamo levando no peito, a professora dá chance, tem a recuperação, tem isso, tem aquilo, e ainda se agente não conseguir no final do ano tem mais uma chance lá em fevereiro tem mais uma prova antes de começar o ano letivo. Então quer dizer com isso eles vão levando, é a mesma coisa que a direção da escola se não faz reunião, se não pede pra que o professor, tem que ter um pouquinho de certa exigência, não dá para deixar correr frouxo, o professor se vai deixando meio frouxo é que nem o aluno, há eu faço isso depois, há isso ou aquilo e sempre vai botando outras coisas evai deixando para o dia de amanhã fazer, quando vê chega o dia de amanhã e cadê o material? Eu acho que nós temos que exigir para que futuramente nós tenhamos

bons funcionários, porque infelizmente vai ter médicos não sabendo fazer as cirurgias, vai ter professor não sabendo dar aula, porque não se dedicam, a profissão não é dum dia pro outro, é uma caminhada que nós vamos ter um bom profissional ou um profissional que não serve pra nada, e todas as áreas a gente tem este tipo de profissional, aquele que se dedica mais e aquele que se dedica menos, mas o problema é que este que se dedicar menos vai se dedicar muito menos ainda, e que profissional vai ser esse?

Em relação aos pareceres e toda esta metodologia de avaliação que veio então a se modificar, tu falava que observa bastante a situação dos alunos mais aplicados que ficaram desmotivados ao ver os outros não tão aplicados conseguindo os mesmos resultados, digamos a aprovação. Tu sentes também em relação aos professores esse tipo de situação na elaboração de seu parecer? Quando se elabora este parecer, enquanto professor, já se pensa se vai vir mais uma determinação, mais uma ordem de serviço, para tentar aprovar esse aluno através de outro plano estratégico? Achas que o professor já vai pensando nisso antecipadamente quando ele vai fazendo as avaliações dos alunos?

Olha, é que eu não sei mentir...

E nem deve, a proposta é essa.

Infelizmente eu percebi, principalmente esse ano que eu fiz os pareceres lá na escola, que “Não... passa esse fulano ai pra ti não ter problema, passa ele duma vez!”Então quer dizer tão passando alunos sem condições desse aluno avançar o ano, então quer dizer, eu acho que tá virando uma bola de neve, quer dizer vou passar pra que eu não tenha que fazer mais outra prova, que eu não tenha ficar fazendo mais um parecer, que eu não tenha que ficar fazendo mais algo, entende? Quer dizer isso já deu para perceber este ano, ano passado eu não percebi porque eu não fiquei fazendo os meus pareceres na escola eu fiz em casa, mas esse ano deu para eu perceber isso ai, então quer dizer vamo passar porque a gente liquida com o assunto, não é assim que o governo quer, que passe todo mundo, então vamo passar de uma vez, mas o problema é que o aluno tá ficando sem conhecimento e só informação pra eles não é suficiente, tem que transformar esta informação que eles recebem em conhecimento e eles não estão conseguindo fazer isso. E, infelizmente, eles ainda tão precisando do professor. Eles têm autonomia?

Tem. Mas eles ainda precisam de uma orientação do professor, eles não conseguem fazer isso sozinho, então vamos ter profissionais sem conhecimento, a não ser que eles depois, porque esse sistema é diferente de uma universidade por exemplo, não é a mesma coisa, e o ENEM, que eu já to achando que tá bem mais fácil que em anos anteriores, agora com esta vazação de prova e não sei o que, não sei o que, então quer dizer, eu ainda, vão me chamar de quadrada, eu ainda levo mais fé naquele vestibular de antes que era cada universidade fazia o seu vestibular, de acordo com as suas ideias, com as suas convicções, se o aluno fosse aprovado, ia cursar a universidade numa boa e ia entrar naquela ideia, vamos dizer, naqueles objetivos desta universidade, agora é uma coisa geral, então quer dizer, eu acho que abriram demais o leque pra que todos mesmo né entrem no funil, a boca do funil é grandona e os profissionais que vão sair lá embaixo daqui uns dias vai virá ao contrário, vai alargar também esse funil.

E quando tu coloca que os alunos são interessados, que tu reparou no Seminário Integrado que eles tiveram interesse de vir na cidade, de fazer entrevistas pra desenvolverem seus projetos, né? A que tu atribui essa dedicação dos alunos?

No meu entender mais é porque eles estão mais, pelo menos agora no Ensino Médio, eles estão mais em grupo, um dá uma ideia daqui outro dá uma ideia dali e juntando essas ideias eles vão somando, mesmo aqueles que não são bem integrados ao grupo, isso foi bem interessante no ano passado que determinados alunos não estavam bem integrados naquele projeto que estavam fazendo, aí um pego e disse assim há mas eu entendo de milho transgênico, porque o meu pai trabalha assim e assim... Aí eles foram se unindo sabe, mesmo aquele aluno mais brincalhão do grupo, naquele momento ele começou a participar mais porque os outros chegaram no que ele já tinha um pouco de conhecimento, então ele começou a ajudar o pessoal, então houve um crescimento nesse grupo, claro que não foi todos, mas é aquilo que eu disse né? No parecer tu não percebe aquele aluno que se dedica mais, que vai pro computador e vai digitar o trabalho, tem outros que não tem o computador já não digitam já ficam então tu faz isso que eu não vou fazer, já fica mais difícil porque eles não pegam todo o mundo junto.

E qual o papel do professor no Seminário Integrado?

Ai, ai, como é que eu vou te dizer, é um Deus nos acuda! Porque tu tem que tentar socorrer todos ao mesmo tempo e tu tá vendo que um determinado grupo tá precisando de ajuda e ao mesmo tempo outro também tá precisando, então quer dizer que todos os grupos dentro da mesma sala de aula se torna difícil. Uma ideia muito boa que nós tivemos foram os co-orientadores, embora os nossos co-orientadores não estavam tão preparados pra pegar esta parte do, mas mesmo assim facilitou, facilitou pra aquele professor que tá sozinho no Seminário Integrado, eu senti apoio em relação aos outros professores, eles vinham me perguntavam e passavam pro seus alunos, os alunos vinham também, mas é aquilo assim não é um todo, é uma parte, como é que eu vou te explicar... embora eu perceba que dentro do grupo tem alunos mais descomprometidos, mesmo assim eles dão a contribuição deles, muito pouca, mas é o meu tempo com eles é muito curto, pra eu perceber se eles tem um crescimento, mesmo naquele pouquinho que eles tão contribuindo, se eles tem um crescimento maior fora da minha presença entende? Porque os colegas são colegas, um ajuda o outro, as vezes quando um tá muito saturado diz professora eu não to aguentando manda o fulano, então a gente já encaminha, já vê aquela parte ali, já vai atrás pergunta o que ta acontecendo, isso, isso e aquilo, ai não professora, eles se comprometem e seguem, mas eu vejo assim meio, meio... meio tumultuado o trabalho do professor do seminário, por justamente por não ter a colaboração assim mais, mais há... mais presencial dos outros professores juntos, o professor fica sozinho né? Naquela hora ali, embora os alunos vão e procurem o outro professor co-orientador, assim mas tá faltando aquela pegada junto sabe, isso falta e uma coisa é os nossos horários né? Quando tu tá muito bem lá explicando já dá o sinal ai já tem aquela troca de professores, mas é assim que as nossas escolas funcionam com horário, nós ainda estamos de gavetinha, entra química, entra isso entra aquilo, agora se fosse uma coisa única, mas como fazer isso? Ao mesmo tempo que a gente tá atendendo o segundo ano como é que vamos atender o primeiro? Tem professores lá, professores aqui, ai fica difícil.

Duas perguntas, tu acha que a escola estava preparada pra receber esta nova modalidade de ensino, Ensino Médio Politécnico?

Não tem condições, não tem espaço físico, não temos laboratório, tem o laboratório, mas não tem pessoas capacitadas para atender esse laboratório, nem pra atender biblioteca, nós temos algumas horas a bibliotecária, mas nós não temos

aquela sequência, então quer dizer, eu sinceramente, nem espaço físico e nem em pessoal, porque o que acontece, agora parece até que a nossa escola virou restaurante, porque com este turno inverso as coitadas das nossas domésticas correm dum lado pro outro pra atender o pessoal, é impressionante. Então quer dizer, tem as vezes cento e tantos alunos pra almoçar, é uma correria, então quer dizer, não temos espaço físico, não temos profissionais, e infelizmente querem que a gente apresente maravilhas, e uma coisa que eu percebo é assim, se o professor conseguiu fazer essa maravilha rumm quem brilha é o governo, não tenho nada contra o governo nem nada, mas é o que eu sinto, agora se deu qualquer probleminha aonde é que vai parar o probleminha? Nas costas do professor. Se brilhar o professor não aparece, agora se a coisa não deu certo, é erro de quem? Do professor, jamais, jamais dos que estavam lá dentro do escritório, do gabinete fazendo as coisas e mandando pra nós cumprir, o que eu percebo do Politécnico, que é uma boa ideia é, só que nós estamos completamente sem espaço físico, sem profissionais, os profissionais que nós temos, nós temos que fazer o máximo, corre pra um lado corre pra outro.

E o professor foi preparado para receber o EMP?

Não, não foi preparado. Eu como tenho uma bagagem um pouquinho maior e já trabalhei no município numa escola ciclada, percebi que a maneira de avaliar era muito boa, mas nós não tínhamos espaço físico, não tínhamos profissionais por mais que o município quisesse preencher não tinha condições, então quer dizer, tinha laboratório de aprendizagem, tinha pessoas se o aluno ficasse em devassagem de aprendizagem ia pro laboratório de aprendizagem, agora nem isso nós temos no estado, o que que acontece, os alunos que tão no CRA quem é que tem que dar atendimento? É o próprio professor, dentro da sala junto dos outros alunos, eu acho isso tipo a estorinha do avestruz, tapa a cabecinha e o resto deixa de fora abanando, é o que tá acontecendo com a educação e desta maneira que eu vejo. Volto a repetir, a ideia é excelente, mas nós não temos funcionários nem espaço físico, é o que eu vejo, e os professores não estavam e não estão preparados ainda, porque a formação de professores, o que é que eu to sentindo, nós vamos quando chamam, tem palestras muito boas, mas tem outras que é preferível ficar dentro da sala de aula dando aula pros alunos, porque não trazem nada de vantagem, horário não é cumprido, tu sai de casa de madrugada e chega lá

fica esperando, esperando, esperando, porque o fulano que era pra fazer a abertura não chegou, etc e etc... Ai dentro deste período vem um palestrante muito bom, dois, três, não dizem nada, não te acrescenta nada, e tu fica ali, por isso acaba muitos professores saindo pra fazer compras, depois voltam de novo com aquele monte de sacolas, fazendo aquele monte de barulho, e ai não dá mais, tu te desloca, fica super cansada e não te acrescenta nada.

Essas formações que tu tá te referindo elas são propostas pela 5ª coordenadoria?

São, inclusive tem umas que são excelentes, mas a grande maioria é preferível ficar dentro da escola trabalhando com os alunos.

E nestes dois anos de Politécnico tu teve a oportunidade de participar de quantas formações propostas pela SEDUC, pela 5ª CRE?

Eu consegui participar de três pela escola que eu estou agora, o ano passado eu participei de três ou quatro, três eu acho, agora pela outra escola, que eu trabalhava antes em 2012, eu fui a mais.

E essas formações, elas diminuíram a angustia em relação a se trabalhar com o EMP, vieram ao encontro dos anseios e as dúvidas dos professores?

No meu caso muito pouco, porque eu continuo angustiada pra fazer com que os alunos tenham mais interesse em transformar as informações que eles recebem em conhecimento e não percebo isso, então é uma angustia muito grande, porque eu percebo que esses alunos são poucos que vão cursar uma faculdade, e assim como vou dizer, pessoas que vão preencher as vagas que estão sendo oferecidas e obter êxito muitos nem chegam a ser um profissional como se diz de carreira uns são autônomos ou se voltam para a agricultura, mas muitas vezes também na agricultura se desinteressam, porque não aprofundaram né? Embora eles digam há professora pra ser agricultor não precisa de estudo, e eu digo precisa sim até pra ler um rótulo de um produto que vocês vão usar lá na plantação de vocês e vocês não sabem podem até se intoxicarem, porque não se interessaram em ler o rótulo, eu até já fiz a pergunta pra eles: Quem é de vocês aqui que lê o rótulo dos produtos químicos que vão pra vocês? Quem é que lê tudo que tá escrito ali direitinho? Há

professora o pai diz que é assim eu vô fazendo. Mas o pai leu? Não porque o vizinho falo pro pai e o pai me disse. Então, as vezes vai passando informação até errada.

Muito bem, professora para irmos finalizando, uma urgência em termos de precisamos mudar o que no EMP? O que esta negativo e precisamos mudar?

Precisamos mudar? Primeiro, no meu ver, ter profissionais para ser possível atender, porque o espaço físico, tendo o profissional, até no refeitório a gente vai, mas tem que ter aquele profissional, profissional, não e aquele que vai lá e diz temos que passar o fulaninho, porque se não depois nós vamos ter que ficar mais horas trabalhando na escola, etc e etc... Ter profissional que seja consciente que tem essa responsabilidade nas mãos, eu acho que é a primeira coisa, depois sentar e gastar muito neurônio, porque muita conversa entre os professores acaba havendo mais união e mais ideias, e essas ideias é que vão fazer com que, eu acho, que a educação vá realmente transformar esses alunos do Politécnico e fazer com que as turmas de Politécnico não fiquem tanto na teoria, que tenha algo também na prática e se chega lá como? Se nós não temos profissionais, se há falta de profissionais, espaço físico, etc, etc... Agricultor, escola do interior, pensa só em agricultura, a gente acha que pensa, mas não, de lá sai técnico em enfermagem, sai alguns direto pra escola do município trabalhar como professor, então quer dizer, eu acho que além da teoria eles tem que ter um pouquinho de prática, certas profissões mais básicas, agricultura, tudo bem tem que ter pelo menos uma boa duma horta, irrigada ou não, mas tem que ter, são coisas simples, mas a escola não tendo funcionários, não tendo verba, vai fazer como? Milagre? Bem que a gente gostaria né?

Quando tu fala que falta recursos humanos além de merendeira e serviços gerais, falta professores?

Falta, inclusive até para substituir, se o professor, por exemplo, vai fazer uma cirurgia, entra num período de um mês, dois meses, de acordo com o caso, uma cirurgia mais delicada, o que acontece? Onde tá o outro profissional para substituir? Tem? Não tem. Pedem? Pedem, mas tem resposta? Não tem. As vezes dá até pra perceber, eu já percebi, que há tá faltando professor então vê o que tu pode fazer ai, vê se tu consegue outro profissional para substituir esse, e ai a CRE que tem todo o seu quadro lá em vez de fazer esse serviço, não, quem é que tem

que batalhar? O próprio diretor, própria diretora, vice, sei lá o que, tem que sair perguntando pros outros pra ver se tem alguém que possa substituir o fulamos que necessitou se ausentar da escola, então eu acho isso aí difícil, atender tudo.

Professora, um ponto positivo que tu enxerga no EMP, qual seria?

Com toda a dificuldade que nós temos, ainda é a união entre a turma, tá? Eles conseguem, não sei como, mas conseguem se unir, embora ainda tenha uma certa diferença entre eles, s mesmo assim aquela união, aquele trabalho em grupo, eles não ficam tão no individual, o coletivo tá fazendo diferença é um ponto positivo aí. Principalmente no Seminário Integrado é que eu percebo mais isso.

Pra gente concluir então, mudanças na sua profissão docente, ser professor há alguns anos atrás, por exemplo, e ser professor agora neste momento em que a gente vive, diante das mudanças proporcionadas por estas políticas públicas que chegam nas escolas, como é ser professor nos dias de hoje no Rio Grande do Sul na proposta do EMP?

Confuso, quando se ouve essas mudanças e transformações. Eu ainda prefiro ser professora agora, do que há uns dez anos atrás, sei que há dez anos atrás eu era muito mais valorizada como professora, eu me sentia mais valorizada, mas mesmo assim eu consigo dentro dessas dificuldades todas que estamos vivendo, que a gente tá passando e a gente percebe isso, eu prefiro hoje que anos atrás, porque quando eu comecei eu lembro, comecei no município eu só tinha magistério, ganhando quase oito salários mínimos, só magistério, agora com a faculdade com toda essa carga que eu já tenho de anos e anos, eu não ganho os meus quase oito, então quer dizer que nessa parte, se a gente vai pensar só nisso, a gente vai desistir de ser professor, mas eu já sai dessa profissão e voltei, porque é onde eu me realizo, com todas as dificuldades eu prefiro o agora, gosto muito do que faço, passo horas e horas, gosto de me atualizar entro noite a dentro lendo, as vezes até durmo em cima da mesa, corrigindo e tentando buscar uma maneira mais adequada de trabalhar com determinado aluno, mas com todo esse sacrifício eu ainda prefiro o hoje.

E o que exatamente te faz preferir o hoje?

Eu tenho quase certeza que nós temos condições de transformar, eu não sei da onde é que vem essa força, eu não sei, mas algo dentro de mim ainda tem esperança de que as coisas vão melhorar, não sei como, mas que vão melhorar, talvez eu não esteja mais aqui, mas eu sinto que com poucos profissionais bons que nós temos, que não são muitos, porque são poucos que falam com convicção, com amor naquilo que fazem, que abraçaram aquela profissão, as vezes eu fico olhando os novos e fico assim pensando... barbaridade! Porque que não largam a profissão, ainda se fossem uma cinquentona que nem eu, essa não vai ter mais nem condições de trocar de emprego, porque vai morrer logo ali, tão novinhos e já tão pra baixo, não tem ânimo mais, claro que tem novos que se superam, mas a gente percebe, então é esse tipo de coisa eu não sei da onde vem essa força, é a mesma coisa que eu entro numa sala de aula com quarenta e tantos alunos, eu consigo dominar numa boa, não me pergunta como, uns dizem que eu tenho um tom de voz mais alto, outros dizem que é a maneira que eu olho, não sei, mas eu consigo dar conta do recado. Eu prefiro o hoje na educação, se vai ter solução pra determinadas coisas, não sei, mas a gente tá caminhando pra isso. Eu gostaria que esse ano a gente sentasse junto pra tentar resolver o problema dos alunos, eu acho difícil, porque tem profissional que trabalha, por exemplo, na escola do interior, na escola da cidade e em outra cidade pra poder sobreviver, se fosse melhor remunerado esse profissional poderia ficar só trabalhando na escola do interior, que graças a Deus eu estou todinha numa escola do interior, não me arrependo nem um pouquinho de ter feito a troca, esse desgaste do profissional é muito maior quando ele não pode se dedicar só a uma escola, numa única escola se rende muito mais, seu trabalho fica muito melhor, essa é minha opinião. Tomará que 2014 a gente consiga sentar pra pelo menos discutir esses problemas do Politécnico e tomara que nós não tenhamos os ciclos, porque esses anos no fundamental me parece que tá chegando com cara de ciclos, porque eu já tive a experiência no nosso município e não foi legal. Basta que voltamos para o ano, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, etc, etc... Mas como a gente sempre tem que fazer o que fazem nos escritórios, que é de cima pra baixo, a gente acaba passando né, se defendendo, vendo o que é possível aproveitar e o que não dá para aproveitar, porque muitas das coisas dos ingredientes do bolo, nós temos que descartar, porque se não o bolo não vai ficar bem gostoso. O que eu desejo é muita conversa e muito trabalho.

ANEXOS

Encontram-se no DVD na contracapa deste trabalho

ANEXOS DOS DOCUMENTOS QUE FUNDAMENTARAM O ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO QUE ENCONTRAM-SE NO DVD

1º. Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e Educação. (2011 – 2014)

[Proposta Pedagogica.pdf](#)

Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf

2º. Parecer 156/2012 (27/01/2012)

[Parecer n 156.2012.pdf](#)

Disponível em:

http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias_det.jsp?ID=8220

3º. Resolução nº 2 (30/01/2012)

[RESOLUÇÃO Nº 2 MEC.pdf](#)

Disponível em:

http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf

4º . Parecer 310/2012

[Parecer 310.1.pdf](#)

[Parecer 310.2.pdf](#)

Disponível em:

http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_I.pdf

http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_II.pdf